



OS SINDICATOS DO TRANSPORTE LUTAM CONTRA O HIV/AIDS

Manual de informação da ITF
para sindicalistas do setor dos transportes





**OS SINDICATOS DO TRANSPORTE LUTAM
CONTRA O HIV/AIDS**

**Manual de informação da ITF
para sindicalistas do setor dos transportes**





Os esforços conjuntos de muitas pessoas possibilitaram a realização deste manual informativo em 2004.

A ITF agradece sempre aos ativistas e dirigentes de seus afiliados pela contribuição de suas experiências e comentários no primeiro anteprojeto.

Muitas organizações contribuíram também com grandes subsídios, especialmente, as opiniões recebidas da OIT.

A ITF agradece o generoso apoio da FNV, *Federatie Nederlandse Vakbeweging* (Confederação de Sindicatos dos Países Baixos) pelo financiamento da primeira produção deste manual de consulta em inglês, como parte do projeto da ITF/FNV na luta contra o HIV/AIDS.

O primeiro manual informativo em inglês foi produzido para a ITF pela *Workers World Media Productions* (África do Sul).

- Texto em inglês - Walton Pantland
- Edição e Correção - Martin Jansen
- Design e Leitura - Colin Carter
- Impresso por - Pillans & Waddies



Este manual foi revisto e atualizado para a versão em português por:

- Dr. Syed Asif Altaf, Coordenador do projeto Global de HIV/AIDS.
- Alana Dave, Coordenadora de Educação da ITF.

- Design e Leitura da edição em português - Alfonso Bahena, Departamento de Comunicações da ITF Americas.
- Corretora - Ainara Navas, Departamento de Comunicações da ITF.
- Tradução - Cristina Otalora

OS SINDICATOS DO TRANSPORTE LUTAM CONTRA O HIV/ AIDS
MANUAL INFORMATIVO DA ITF PARA SINDICALISTAS DO SETOR DE TRANSPORTES
2012



FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES EM TRANSPORTES

www.itfglobal.org | mail@itf.org.uk

ITF AMERICAS

www.itf-americas.org | itf_americas@itf.org.uk

PROJETO GLOBAL DE HIV/ AIDS

www.itfglobal.org/HIV-AIDS/

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ITF

www.itfglobal.org/education/ | education@itf.org.uk



ESTE MANUAL está dirigido às pessoas que lideram os sindicatos dos transportes, especialmente os seus afiliados, educadoras, educadores, negociadoras e negociadores. Além de mostrar as experiências dos sindicatos do transporte na Ásia, África e América Latina, intenta ser uma guia para os sindicatos dos transportes que têm afiliados afetados pelo HIV/AIDS.

O manual é dividido em quatro capítulos. O **primeiro capítulo** trata do HIV/AIDS desde a perspectiva do setor dos transportes e mostra por que é necessário enfatizar o tema especialmente neste setor. Inclui exemplos e estatísticas sobre a disseminação do vírus e particularmente a vulnerabilidade dos trabalhadores em transportes.

O **segundo capítulo** contém informação básica sobre a doença: o que é, formas de contágio, como avança através do organismo e os tratamentos existentes. O capítulo inclui também temas de prevenção, socioculturais e de gênero.

O **terceiro capítulo** refere-se ao papel do sindicato na luta contra o HIV/AIDS. Inclui exemplos reais de sindicatos do transporte ao redor do mundo, focando o marco de ação. Acreditamos que as ações devem ser desenvolvidas com base nos direitos: lutando contra as práticas discriminatórias ou estigmatizadas, em prol de maior atenção, apoio e tratamento antirretroviral para os afiliados.

O **quarto capítulo** trata das políticas nos locais de trabalho, acordos coletivos e estratégias de negociação em empresas de qualquer gênero e magnitude. Contém o Repertório de Recomendações Práticas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre o HIV/AIDS e o Mundo do Trabalho.

Cada capítulo possui casos de estudo dos sindicatos do transporte, e também atividades educacionais. No final de cada capítulo, há um resumo da informação fornecida, apresentado em folha separada, para o caso de serem requeridas fotocópias.

A idéia é utilizar as informações do manual com o intuito de tornar mais fáceis as oficinas, seminários ou mesas de discussão com representantes sindicais, trabalhadores e trabalhadoras.

No final do manual se encontra um glossário, uma listagem de endereços eletrônicos de organizações e material da ITF sobre o HIV/AIDS.

Estamos seguros de que poderão utilizar as informações aqui difundidas para influenciar positivamente as atividades de combate ao HIV/AIDS de sua organização e que trará resultados aos membros mais conscientes e mais bem informados.

OS NOSSOS MELHORES DESEJOS PARA A SUA CAMPANHA NA LUTA CONTRA O HIV/AIDS!



**OS SINDICATOS DO TRANSPORTE LUTAM
CONTRA O HIV/AIDS**

INTRODUCCIÓN

Por David Cockroft, Secretário Geral da ITF _____ 7

CAPÍTULO 1 – HIV/ AIDS e o setor dos Transportes

Alguns fatos sobre o HIV/AIDS _____ 8

O impacto do HIV/AIDS em diferentes setores do transporte _____ 11

CAPÍTULO 2 – Comprendiendo el VIH/ SIDA

O que é o HIV/AIDS e o que é a AIDS? _____ 20

Prevenção _____ 22

Tratamento e cuidados _____ 25

Vida positiva _____ 27

Gênero, cultura e HIV/AIDS _____ 28

Precauções Universais _____ 33

CAPÍTULO 3 – Os sindicatos do transporte atuam

Por que é importante a ação dos sindicatos? _____ 35

O que os Sindicatos podem fazer para combater o HIV/AIDS? _____ 38

Acordos Tripartites. Acordos entre o governo, o empregador e os sindicatos _____ 39

Intervenções úteis em nossa campanha _____ 41

Sindicatos do transporte, assistência e análises voluntários _____ 50

Os modelos de conduta podem oferecer apoio _____ 51

A campanha da ITF contra o HIV/AIDS _____ 53

CAPÍTULO 4 – Políticas no local de trabalho e acordos coletivos

Estratégias para as negociações _____ 62

Repertório de Recomendações Práticas da OIT sobre o HIV/AIDS e o mundo do trabalho _____ 65

Recomendação N° 200 sobre o HIV/AIDS e o mundo do trabalho _____ 67

GLOSSÁRIO _____ 73

REFERÊNCIAS _____ 76

SOBRE A ITF _____ 78

MATERIAIS DA ITF SOBRE O HIV/ AIDS _____ 79

O HIV/AIDS é uma crise que na atualidade se desenrola no âmbito global, sendo a principal causa de óbitos em todo o mundo entre as pessoas em idade produtiva. Na era da globalização e da liberalidade o HIV tem se convertido em um problema para todos nós. As trabalhadoras e trabalhadores dos transportes são particularmente vulneráveis ao contágio em razão das suas condições de trabalho e especialmente devido aos contínuos traslados. A globalização da economia requer o transporte das pessoas e mercadorias cada vez mais em maiores quantidades. A expansão dos serviços de transporte em virtude das necessidades de produção global faz com que muitos trabalhadores e trabalhadoras fiquem longe das suas famílias e de seus lares por longos períodos. O crescimento das empresas globais de transporte logístico tem aumentado a intensidade do trabalho, diminuindo as condições trabalhistas de todos os trabalhadores e trabalhadoras do transporte, e isto os torna mais vulneráveis a esta doença.

Para controlar o HIV/AIDS é necessário atacar com maior rigor a causa que propaga a epidemia. Como sindicatos de transportes, temos um papel muito importante nisto. A doença continua avançando e se não contarmos com a participação ativa das organizações, da sociedade civil e dos sindicatos do transporte, será impossível controlá-la.

Desde a sua criação em 1896, a ITF tem lutado para defender e melhorar os direitos e condições trabalhistas dos trabalhadores e trabalhadoras do transporte. O HIV/AIDS é para nós uma grande preocupação, uma vez que é exagerada a discriminação contra os trabalhadores e trabalhadoras acometidos por esta doença. A ITF tem o compromisso de auxiliar os trabalhadores e trabalhadoras do transporte na sua luta contra o HIV/AIDS.

Muitos sindicatos no mundo fizeram da luta contra o HIV/AIDS uma das suas prioridades. A ITF espera ajudar os seus afiliados neste esforço por meio deste manual informativo. Mas o nosso compromisso não termina aqui, a ITF sempre apóia ativamente as campanhas dos sindicatos na África, Ásia, América Latina, o mundo Árabe e o Caribe. A ITF, junto com as organizações irmãs as Federações Sindicais Internacionais (FSI) e a Confederação Sindical Internacional (CSI) estão completamente envolvidas no âmbito mundial na campanha contra o HIV/AIDS.

Atualmente existem muito poucos acordos coletivos de trabalho de contém cláusulas sobre o HIV/AIDS. Tem se tentado negociar com filiais de companhias multinacionais bem como com certas entidades paraestatais. O desafio é apreender a partir de um bom exemplo, adaptá-lo e então aplicá-lo em outros países, setores e companhias, inclusive nos locais de trabalho onde os sindicatos não podem negociar acordos coletivos de trabalho.

Para muitos sindicatos do transporte, a luta contra o HIV/AIDS pode se constituir num grande desafio; mas também pode proporcionar uma das maiores oportunidades. Uma campanha de sucesso pode resultar em melhores condições trabalhistas e de vida; pode eliminar a discriminação e o estigma derivados da ignorância e a desinformação; pode unir e fazer novas alianças; pode obter melhores acordos coletivos e resultar em melhores organizações sindicais.

O HIV/AIDS é um problema dos locais de trabalho e dos sindicatos, e quanto mais o consideremos como um risco, maior será a oportunidade para se fazer uma grande diferença.

DAVID COCKROFT,
.....
SECRETÁRIO GERAL DA ITF



CAPÍTULO 1

O HIV/ AIDS e o setor dos transportes

Alguns fatos sobre o HIV/ AIDS

A **EPIDEMIA** global de HIV/AIDS experimentou um avanço significativo na sua prevenção e tratamento durante as duas décadas passadas, mas constitui ainda um grande desafio para nós. No mundo 34 milhões de pessoas estão vivendo com o vírus e embora haja grandes esforços de prevenção, 2,7 milhões de novas infecções aconteceram durante o ano de 2010. Entretanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido para alcançar uma cultura universal de prevenção, tratamento, assistência e apoio nos próximos anos. No ano de 2007, quase todos os países tinham políticas nacionais sobre o HIV/AIDS, embora a maioria não tenha sido completamente implementada, e muitos deles careçam de fundos suficientes. Apesar do alerta contra o HIV/AIDS, as infecções propagaram-se em quase todos os cantos do mundo. O percentual de infecção é 2.7 vezes mais rápido do que o número de pessoas que estão recebendo algum tipo de tratamento. Embora o tratamento contra o HIV/AIDS tenha melhorado e ampliado desde o ano de 1988, muitas pessoas não tiveram acesso a ele – em 2007, 69% das pessoas dos países em desenvolvimento que precisavam do tratamento não o receberam. Sem ele muitas pessoas vão morrer nos anos a seguir. Embora haja aumentado número de países que estão protegendo às pessoas que vivem com o vírus, a doença continua a se estender e uma terça parte dos países ainda carecem de proteções legais. O estigma e a discriminação continuam a ser a maior ameaça ao acesso universal da prevenção, tratamento, assistência e apoio.

O nível das novas infecções de HIV/AIDS tem diminuído em vários países, porém globalmente tais tendências favoráveis são parciais devido ao incremento de contágios em outros países. A intervenção efetiva tem estabilizado a epidemia em certos países da África; porém, a última informação sobre Quênia declara que no ano de 2007 a estatística de pessoas afetadas pelo HIV situava-se entre 7.1% e 8.5%, comparada com as estatísticas de 2003, calculadas em 6.7%.

Além dos países da África, as infecções vão aumentando em outros continentes. Em certos países da América Latina os níveis de HIV continuam baixos, mas nenhum país na região teve uma diminuição significativa. O HIV/AIDS na América Latina é mencionado como uma crise "oculta": a prevenção é mínima, a supervisão dos afetados tem merecido, por vezes, pouca confiança e o estigma tem impedido que as pessoas tenham um debate franco e aberto sobre o problema, e ainda que os esforços de prevenção na região sejam de pequena escala, lentos e profundamente dependentes de organizações não governamentais ou de programas internacionais. Isto se deve em parte à pobreza e a falta de recursos na região, embora a falta de lideranças políticas também tenha contribuído.

No final do ano de 2009, calculava-se que no Caribe 240 mil pessoas estavam vivendo com a HIV/AIDS. Um 17 mil pessoas foram infectadas, tendo sido registrado 12 mil óbitos por causa da AIDS durante o ano de 2009. Em dois países desta região – as Bahamas e o Haiti – mais de 2% da população adulta está vivendo com o HIV. Superado pela África subsaariana, o Caribe é a segunda região mais afetada do mundo. A metade dos adultos que convivem com o vírus são mulheres. A AIDS é agora uma das principais causas de morte em alguns países desta região, sendo o Haiti o mais afetado. Estima-se que 7.077 pessoas morrem a cada ano no Haiti, deixando milhares de crianças órfãs.

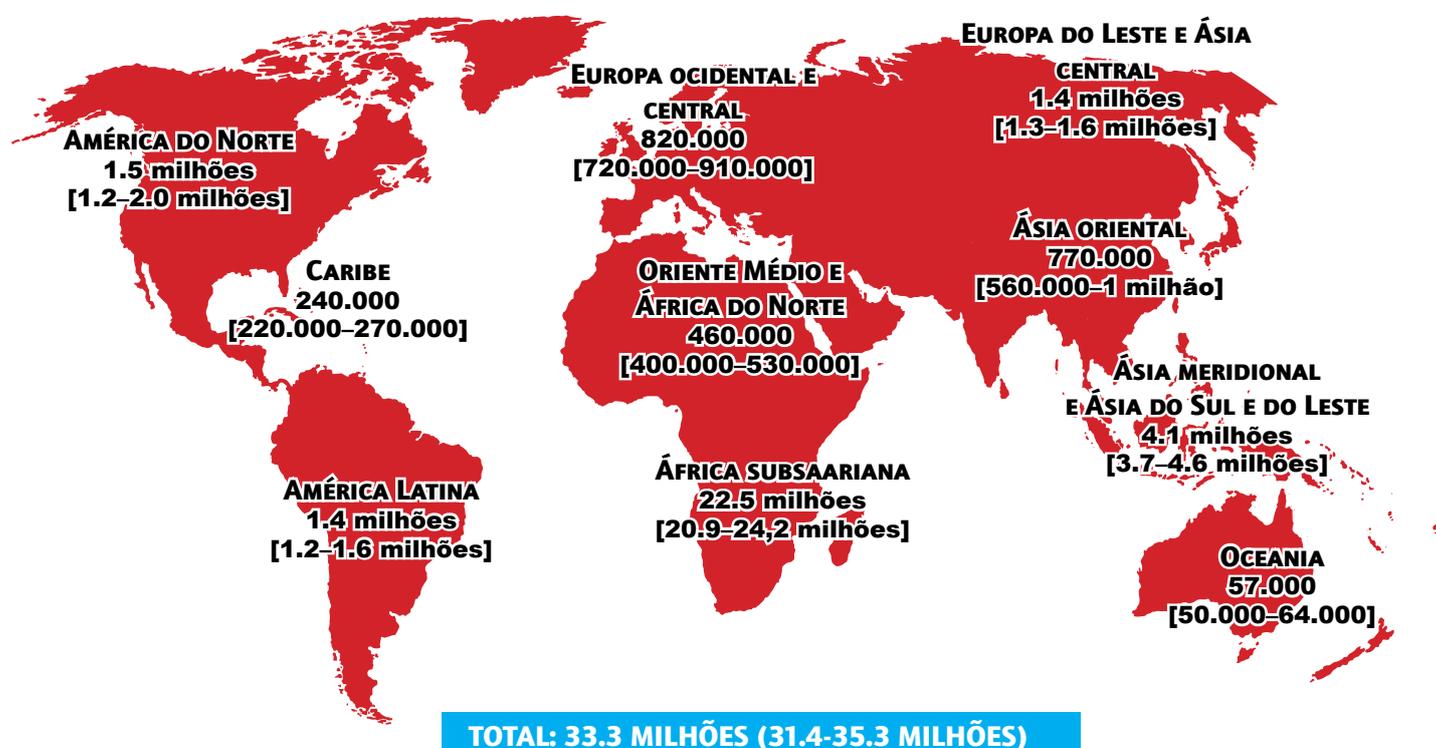
Desde o ano de 2001, o HIV prevalece na Rússia, no Leste europeu e duplicou na Ásia Central, região esta onde se tem disseminado com mais rapidez nos últimos tempos; do contrário, considerando o mesmo período, os níveis na África Subsaariana caíram de 5.7% a 5% e no Sul e Sudeste da Ásia de 0.4% a 3% respectivamente. O número de pessoas infectadas pelo HIV também vai aumentando no mundo árabe.

A propagação da epidemia tem diminuído drasticamente na Índia. As cifras do ano passado, fornecidas pelo novo governo, que são mais confiáveis demonstraram que havia menos da metade de pessoas infectadas que as estimativas que a ONUAIDS tinha divulgado anteriormente. Porém, estima-se que aproximadamente 2.4 milhões de indianos estão infectados pelos HIV.

O HIV/AIDS afeta de maneira dramática as questões trabalhistas e atrasa o avanço econômico e social. Segundo cálculos recentes, no final de 2009 havia mais de 33.3 milhões de adultos entre 15 e 49 anos convivendo com o HIV. A maior parte da população economicamente ativa e produtiva encontra-se entre os 15 a 49 anos de idade, sendo que as estimativas sobre as percentagens de HIV excluem a pessoas com a doença de 50 a 64 anos de idade; entretanto, o cálculo global de adultos com o HIV não considera o número total de pessoas em idade de trabalhar. Um relatório da OIT publicado no ano de 2006 estimava que a proporção de mulheres incluídas na força global trabalhista, infectadas pelo HIV, era de 41%.

Enquanto a pobreza obriga os trabalhadores e trabalhadoras a migrar em busca de melhores oportunidades de vida e de trabalho, a vulnerabilidade perante o HIV/AIDS vai aumentando. Num mundo globalizado, a migração de pessoas é mais fácil e elevada, com isso, muitos locais podem afundar na pobreza com uma alta vulnerabilidade perante o HIV/AIDS.

Número estimativo de adultos e crianças com HIV em 2009



FONTE: Relatório ONUAIDS sobre a epidemia mundial de AIDS 2010 (Em Espanhol)

www.unaids.org/globalreport/Global_report_es.htm

Em termos de compreensão do impacto do HIV/AIDS houve muito avanço desde que o vírus fora descoberto e catalogado como um problema médico. Diante da falsa associação com certos grupos sociais considerados de alto risco, a maioria das pessoas e governos não lhe prestou muito importância durante décadas. O HIV/AIDS é atualmente identificado extensamente como uma ameaça social ao desenvolvimento econômico, à segurança nacional e à existência das sociedades.

Transportando segurança



Unidos contra o HIV/ AIDS

Trabalhadores e trabalhadoras em transportes

O HIV/AIDS é uma preocupação para os trabalhadores e trabalhadoras em transportes. Certos grupos de trabalho correm risco específico de transmissão devido à natureza e condições trabalhistas. Em alguns países da África e de Ásia a existência do HIV é maior entre os trabalhadores e trabalhadoras em transportes que na população em geral, especialmente entre os motoristas das principais estradas dos países, afetando seus lares e comunidades.

Muitos dos trabalhadores e trabalhadoras em transportes com longos percursos passam muito tempo fora das suas casas. Aos poucos as viagens ficam mais longas por causa dos atrasos administrativos, principalmente nos cruzamentos de fronteira e também mais difíceis em virtudes das hospedagens de pouca qualidade, descanso inadequado e o estresse.

No caso dos marinheiros, quando chegam aos portos, eles devem aguardar muito tempo em terra por causa da carga e descarga das mercadorias. Quando navegando em alto mar, vivem durante semanas com o mesmo grupo de colegas trabalhadoras e trabalhadores, experimentando insegurança, vulnerabilidade perante os assédios e pouco acesso a serviços de saúde, particularmente no que tange às infecções transmitidas sexualmente. O transporte é uma indústria predominantemente masculina e frequentemente associada à cultura machista, incluindo a prática de relações sexuais quando estão longe de seus lares. Mulheres trabalhadoras, como constituem uma minoria, são geralmente mais vulneráveis perante o assédio sexual e a coerção. Um exemplo disso são os relatórios dos cruzeiros, onde foram especialmente relatados incidentes de assédio sexual. Embora o foco tenda a recair sobre o transporte terrestre e marítimo, a modalidade de trabalho longe dos lares se aplica a vários grupos majoritários de trabalhadores e trabalhadoras do transporte da aviação civil, navegação interior, estradas de ferro, etc.

Durante os últimos anos o HIV/AIDS ganhou importância como tema nos locais de trabalho

O HIV/AIDS, diferentemente de outras doenças, ataca a grupos em idade produtiva. Empresas com trabalhadores e trabalhadoras infectados sentiram o efeito da doença pela perda de empregados, abstenção, despesas com recrutamento e treinamento, custos médicos de aumento no valor dos seguros. O estigma e a discriminação também impactaram a moral e consequentemente a produtividade. Alguns empregadores fazem com frequência revisões médicas nos trabalhadores e trabalhadoras do transporte com o intuito de detectar o HIV/AIDS, havendo também discriminação e demissões perante a suspeita de infecção. Os empregadores na indústria dos transportes tratam geralmente de justificar a sua atitude, alegando que eles não podem garantir assistência médica ou outro tipo de ajuda quando os trabalhadores e trabalhadoras estão viajando. Muitas vezes não disponibilizam sequer assistência médica básica e o tratamento de doenças sexualmente transmissíveis – que por sua vez aumentam o risco de infecção por HIV - para os trabalhadores e trabalhadoras. Outro problema grave é o custo dos preservativos e falta de sua disponibilidade em locais frequentados por trabalhadores e trabalhadoras.

O impacto do HIV/AIDS em diferentes setores do transporte

Embora o HIV/AIDS afete a todos os trabalhadores e trabalhadoras em transportes, as condições dos diferentes setores requerem um estudo individualizado. O parágrafo a seguir contém um breve resumo de alguns dos problemas que os trabalhadores e trabalhadoras são forçados a enfrentar em diferentes setores:

AVIAÇÃO CIVIL

Segundo a Associação Internacional do Transporte (IATA), "sigla em inglês", em 2007 mais de 2.2 bilhões de passageiros utilizaram as linhas aéreas do mundo para viagens de negócio ou de lazer, criando 1.5 milhão de empregos na indústria a bordo de aeronaves civis e empregos relacionados com a aviação civil. Aproximadamente 280,000 tripulantes de cabine trabalharam a bordo das aeronaves civis no mundo – sem incluir os tripulantes em aviões privados ou *charters*. A ITF tem mais de 640,000 afiliados relacionados com a indústria da aviação civil. O transporte de passageiros, turistas e empresários cresceu rapidamente, e também as preocupações relacionadas aos riscos enfrentados pelos trabalhadores e trabalhadoras da aviação civil com relação ao HIV. O pessoal aéreo está exposto ao HIV da mesma maneira que outros trabalhadores e trabalhadoras em outros meios de transportes: ausências frequentes do lar podem causar tensão nos relacionamentos familiares e culminar em encontros sexuais extraconjugais casuais.

Escassos têm sido os estudos sobre o HIV/AIDS na indústria da aviação civil, mas a OIT incluiu o setor aéreo no seu relatório do ano de 2006: HIV/AIDS e o trabalho no mundo globalizado, apresentando os resultados de uma avaliação nacional realizada no ano 2002 no Zimbábue, que revelou que mais de 25 por cento dos trabalhadores homens da aviação civil informaram haver tido pares sexuais múltiplos no ano precedente. O relatório *O transporte contra HIV/AIDS: Síntese dos Alinhamentos sobre a Experiência e Guia de Práticas (2009)* do Banco Mundial, contém um estudo sobre o pessoal aéreo em oito países da Europa, dando conta que as tripulações de cabine masculinas correm mais risco de contrair HIV/AIDS, sendo a causa mais frequente de óbitos entre estes trabalhadores.

No início da epidemia, a aviação civil foi desproporcionalmente afetada com diagnósticos de HIV principalmente entre o staff masculino. Isto aconteceu devido ao elevado número de homens homossexuais que tinham sexo com trabalhadores do mesmo sexo no setor aéreo, quando o HIV era muito alto entre esse grupo social. O resultado foi que as linhas aéreas da Europa e América do Norte foram as primeiras a criarem políticas e considerar o HIV/AIDS como assunto trabalhista. Porém, ainda persiste um grande número de problemas específicos dentro da aviação civil. O maior obstáculo é a exigência de realização de um teste de HIV durante a seleção, especialmente para pilotos e copilotos, que em certos países são proibidos de trabalhar quando são soropositivos, ainda quando não apresentam sintomas ou problemas de saúde. Por exemplo: as Autoridades Conjuntas da Aviação na Europa (JAA, por suas siglas em inglês), realiza perguntas diretas a pilotos e copilotos sobre se são portadores de doenças sexualmente transmissíveis (DST) antes de conseguir o emprego. Por outro lado, existem numerosas restrições para a concessão do visto de ingresso.



Campanha contra o HIV/AIDS da Asociación Sindical de Sobrecargos de Aviación de México (ASSA)

Resta difícil se ter uma visão coerente, visto que algumas regulamentações nacionais contradizem aparentemente as normas internacionais e ainda outras leis mesmo nacionais. Em certos países, entre eles os Estados Unidos, a legislação nacional proíbe os exames médicos durante a fase de recrutamento¹ enquanto nas regulamentações específicas da indústria aérea tais exames são requeridos para a concessão da licença a pilotos e controladores aéreos, sendo esse um setor que requer uma investigação mais profunda.

Ao que parece os organismos regulatórios estão mais informados ou são mais cuidadosos com relação às considerações sobre segurança legítima. Por exemplo, a Agência Europeia de Segurança na Aviação (EASA, segundo suas siglas em inglês) a partir de Junho do ano de 2010 está constantemente solicitando retificações e implementações nas cláusulas: *Regras para a certificação médica de pilotos e estado de saúde da tripulação de cabine*. Por exemplo, foi solicitado mo-

dificar a regra que dizia que o "HIV Positivo está desqualificado", pela regra seguinte: "Uma avaliação médica para multi-piloto pode ser considerada para pessoas individuais portadoras de uma doença estável e não progressiva"; concluindo "Uma avaliação médica poderá ser considerada para indivíduos portadores de HIV/AIDS em caso de doença estável e não progressiva, e uma avaliação completa deve fornecer evidências de que a pessoa soropositiva não sofra de doenças incapacitantes"²

Existem também certos problemas enfrentados pelas tripulações de cabine que são soropositivos, tais como tratamentos médicos complicados, difíceis de serem administrados quando a pessoa está voando através de vários fusos horários e medicamentos que exigem refrigeração. As exigências do trabalho que eles desempenham fazem com que os padrões de alimentação e de descanso sejam irregulares. As tripulações de cabine precisam ter suas vacinas em dia, porém as pessoas soropositivas geralmente são avisadas para não se aplicar certas vacinas – por exemplo, a febre amarela – dado que enfraqueceria o seu sistema imunológico.

Certas linhas aéreas têm sido altamente persistentes a fim de encontrar soluções para estes problemas. A Associação Argentina de Aero Navegantes (AAA), afiliada à ITF, forneceu informação específica sobre a legislação e políticas que geralmente vigoram nos locais de trabalho e na sua própria indústria na Argentina. Pela lei os testes nos trabalhadores e trabalhadoras são proibidos caso não haja consentimento deles e a política nacional opõe-se contra a discriminação e proporciona apoio para assistência e tratamentos. O resultado desta legislação é a certificação de pilotos e tripulantes de cabine sem incluir o teste do HIV.

Na África do Sul um caso foi ganho em 1999 quando uma pessoa (SAA) que pretendia um emprego como tripulante de cabine numa empresa de transporte nacional foi rejeitada. Foi detectado HIV positivo nessa pessoa após um teste de sangue feito sem o seu consentimento, durante o exame médico que fazia parte da seleção. A SAA impetrou um processo contra a linha aérea perante o Supremo e conseguiu um grande acordo, deixando um precedente contra a discriminação e contra a rejeição trabalhista de pessoas portadoras do HIV.

1 Princípio – repertório de recomendações práticas da OIT sobre HIV/AIDS e o mundo trabalhista. OIT 2001

2 COMENTÁRIOS DA RESPOSTA AO DOCUMENTO (CDR) PARA NOTIFICAR A MODIFICAÇÃO PROPOSTA, OIT, 1008-17C NA. INFORMAÇÃO PROPOSTA PARA A MODIFICAÇÃO (NPA) 2009-02 para uma Agência de Opinião na Comissão reguladora estabelecendo a implementação de regulamentações para a certificação médica de pilotos e a boa condição de saúde da tripulação de cabine.



Campanha contra o HIV/AIDS da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Terrestres (CNTTT), Brasil

“Passei somente uma noite em casa durante os últimos quatro meses, não posso ir a minha casa na vila de Nakuru quando estou trabalhando porque, por motivos de segurança, a gente dirige em caravana desde Mombasa.”

Motorista queniano de 32 anos de idade.

Fonte: AIDS e Transporte, ITF

TRANSPORTE POR RODOVIA

Os motoristas (homens e mulheres) de caminhão e seus assistentes são muito vulneráveis ao HIV/AIDS, especialmente nos países em desenvolvimento, onde suas condições de trabalho são particularmente precárias. Esses trabalhadores e trabalhadoras ficam ausentes de seus lares e de suas famílias durante longos períodos e com frequência se sentem irritadiços, deprimidos e frustrados. Uma enquete realizada em Uganda demonstrou que 70% dos motoristas (homens e mulheres) tinham ficado menos de uma semana em seus lares durante os últimos quatro meses, resultando em encontros com amantes e visitas a trabalhadores sexuais de ambos os sexos nas cidades ao longo das estradas. Existem casos em que alguns motoristas dão carona a mulheres em troca de sexo.³

Um estudo realizado na Índia demonstrou que 75% dos motoristas (homens e mulheres) e 50% de seus assistentes praticam sexo casual na estrada e isso os torna sumamente vulneráveis

Embora o nível de infectados no setor seja de 55.000 motoristas, a estatística não é oficial. Um estudo do ano 2001 conduzido pelo Conselho de Investigação Médica da África do Sul (South African Medical Research Council) concluiu que 56% dos motoristas (homens e mulheres) da região de KwaZulu-Natal Midlands eram soropositivos. Numa área de serviço e descanso em Newcastle 95% dos entrevistados padeciam de HIV.

³ Fonte: AIDS and Transport: The experience of Ugandan road and rail transport workers and their unions, ITF July 2000 (AIDS e transporte: A experiência das estradas ugandesas e os trabalhadores das ferrovias e seus sindicatos – ITF – Julho 2000)

A Associação de Imprensa da África do Sul publicou em 18 de agosto de 2003: *“Existe uma quantidade estimada de 30.000 trabalhadores e trabalhadoras em transportes por estradas e navegação interior no Zimbabwe, incluindo motoristas (mulheres e homens) urbanos, taxistas e transportadores; aproximadamente 95.00 pessoas trabalham para as ferrovias nacionais, incluídos seus dependentes, somando 38.000 pessoas sob risco e o transporte aéreo emprega aproximadamente a 1.500 pessoas. Existem mais trabalhadoras e trabalhadores envolvidos no setor aéreo em operações pequenas, regionais ou privadas, as quais não foram consideradas. O total de 100.000 trabalhadores e trabalhadoras em transportes pode parecer um grupo pequeno dentro da população de sete milhões de pessoas em idade produtiva; porém, a informação sobre o país confirma que o amplo alcance das operações em transportes, o setor gera vulnerabilidades específicas devido ao seu comportamento de risco. Por exemplo, mais de 25% dos homens que trabalham na aviação civil reportaram multiplicidade de pares sexuais durante o ano precedente; um a cada dez dos trabalhadores homens admitiram que o par sexual recente não havia sido a sua esposa e aproximadamente uma terça parte deles respondeu que teve uma infecção transmitida sexualmente.”*⁴

Na Europa Oriental mais de 80% dos motoristas de ambos os sexos tinham se ausentado do lar durante mais de quatro meses nos anos anteriores e 36% confirmaram ter praticado sexo casual na estrada⁵. Segundo uma publicação do Banco Mundial, 55% das motoristas e dos motoristas de caminhão brasileiros permanecem mais de uma semana fora do lar a cada viagem.

Os empregadores raras vezes fornecem aos motoristas (homens e mulheres) o dinheiro necessário para pagar hospedagem decente. Geralmente dormem dentro ou debaixo dos caminhões junto com seus assistentes com efeitos negativos tanto na saúde como no comportamento.

Os centros de lazer são limitados, pelos quais os motoristas de ambos os sexos fazem uso de álcool, drogas e prostituição para satisfazer as suas necessidades. Segundo os relatórios em certos países onde prevalece a cultura machista e associada à influência dos outros fatores, a situação é mais grave.

Os trabalhadores e trabalhadoras em transportes sofrem de estigma e são marginalizados pelo assédio da polícia, dos oficiais de migração e por comunidades com as quais têm contato. Muitos motoristas de ambos os sexos se queixam de terem de pagar subornos e multas pouco razoáveis assim como preços elevados nos locais onde devem parar. Isso exerce um impacto contraproducente na sua atitude, porque faz eles se sentirem marginalizados e inseguros. As longas esperas nas fronteiras e as revistas policiais alongam desnecessariamente a viagem, especialmente dos trabalhadores e trabalhadoras do transporte rodoviário. As longas distâncias dificultam a obtenção de um tratamento efetivo contra as doenças sexualmente transmissíveis (DST), e a vulnerabilidade a respeito do HIV são incrementados em razão da dificuldade de acesso aos preservativos em certos locais, devido aos custos elevados.



Federación Nacional de Trabajadores Camioneros y Obreros del Transporte Automotor de Cargas, Logística y Servicios de Argentina (FNTCOTAC) durante o Dia Mundial do HIV/AIDS em 2011

4 O HIV/AIDS e o mundo do trabalho: estimativas, impacto e resposta no âmbito mundial". 2004. OIT. p. 46

5 Fonte: *Trabalho e temas sociais que resultam dos problemas de mobilidade além das fronteiras em motoristas internacionais do setor dos transportes rodoviários*, OIT, 2006.

GENTE DE MAR

A gente de mar fica também ausente dos lares durante longos períodos de tempo. Quando estão navegando, os seus relacionamentos humanos limitam-se ao contato entre seus colegas de trabalho, e quando chegam ao porto precisam compensar a perda de contato humano durante o seu tempo abordo.

É difícil para a gente de mar participar em atividades de prevenção de HIV/AIDS, dado que passam muito tempo fora de seus lares e locais de trabalho em terra.

No Sul da Ásia, a gente de mar constitui um dos setores com maior quantidade de pessoas infectadas pelo HIV/AIDS, predominando nos trabalhadores e trabalhadoras de Myanmar, Camboja e Vietnã; porém, o Ministério da Saúde das Filipinas confirmou que a gente de mar desse país é o grupo mais afetado na região.

O relatório da ONUSIDA de 2007 demonstrou que nas Filipinas 35% das infecções pelo HIV encontravam-se entre os trabalhadores (as) que trabalharam no exterior, sendo 33% gente de mar.

A gente de mar sofre também quando as companhias de transporte marítimo tratam de reduzir despesas registrando seus navios com Bandeiras de Conveniência de países com condições trabalhistas limitadas, deteriorando a segurança da gente de mar e os esforços para promover políticas contra o HIV/AIDS. A luta contra o vírus não está isolada, mas faz parte de uma guerra a fim de alcançar melhores condições para os afiliados. As mulheres trabalhadoras são particularmente mais vulneráveis e é necessário considerar especialmente suas necessidades no momento de programar ações.

O assédio sexual e as violações são reportados com frequência. Em viagens longas, as companheiras e companheiros se relacionam; frequentemente nestas situações o preservativo não é utilizado em virtude da dificuldade de consegui-los, ignorando-se o estado de saúde dos pares no que tange ao HIV.

A gente de mar, mais do que qualquer outro grupo de trabalhadores e trabalhadores em transportes passa por exames médicos de HIV nos processos de seleção de emprego porque somente conseguem contratos de trabalho de 18 meses. Regularmente são submetidos a estes testes discriminatórios. Em alguns países os empregadores não são diretamente responsáveis, posto que as grandes companhias seguradoras são as que insistem em aplicar tais testes.



O sindicato Kesatuan Pelaut Indonésia (KPI) junto a The Norwegian Seafarers' Union entregando informação a gente de mar na Indonésia durante o Dia Mundial do HIV/AIDS em 2011

TRABALHADORAS E TRABALHADORES DAS ESTRADAS DE FERRO

Muitas trabalhadoras e trabalhadores das estradas de ferro viajam longas distâncias e ficam longe de seus lares durante muito tempo. Com frequência eles são hospedados em áreas de bares onde há trabalhadores e trabalhadoras sexuais. Antigamente, as companhias de estradas de ferro ofereciam a sua própria infraestrutura de saúde, fornecendo assistência básica em grandes centros e em hospitais locais. Infelizmente, a reestruturação dessas empresas fez com que essa estrutura ficasse sem cuidados ou privatizada, pelo qual a vontade de cuidar do bem-estar dos trabalhadores e trabalhadoras através da prevenção e do tratamento foi abandonada.

No ano de 1990, as estradas de ferro da Uganda reportaram à perda de 5.600 trabalhadoras/ trabalhadores por causa do HIV/AIDS, ou seja, mais de 15% da sua força de trabalho. Os trabalhadores desta área na Índia também compreenderam o



O Red Ribbon Express numa das 180 estações da Índia

grande impacto do HIV/AIDS entre os trabalhadores e trabalhadoras. No Dia Mundial do HIV/AIDS em 2007, foi desenhado um trem especial de sete vagões para difundir informações sobre o HIV/AIDS, realizando um percurso de 27.000 km através da Índia. O trem, denominado *Red Ribbon Express* (Expresso do Laço Vermelho) parou em 180 estações a fim de transmitir mensagens de sensibilização sobre o HIV/AIDS em mais de 50 povoados, procurando chegar a mais de um milhão de pessoas.

Foi patrocinado pela Organização Nacional para o Controle do HIV/AIDS da Índia, pela Fundação Rajiv Gandhi e pelos Ministérios de Saúde e gente da ferrovia do governo hindu. Afiliados da ITF, a India Railwaymen's Federation (AIRF) e a Cochin Port Staff Association participaram também desta iniciativa.

TRABALHADORAS E TRABALHADORES PORTUÁRIOS

As trabalhadoras e trabalhadores portuários não se movimentam todos da mesma maneira; porém, são os que têm contato direto com todos porque nos portos vinculam-se o transporte marítimo, o rodoviário e o ferroviário. Os portuários também devem lutar pelas mesmas condições trabalhistas que os outros trabalhadores e trabalhadoras. Um tema particular é o elevado número de imigrantes e a separação de suas famílias, dado que os portos somente fornecem hospedagem aos seus empregados. Outra particularidade consiste na localização dos portos, já que geralmente estão em áreas de muita pobreza. Sem prejuízo das restrições de acesso aos portos, o comércio sexual está disponível dentro ou muito perto dos portos.

Tudo isso ajuda a compreender os dados da de ONUSIDA que demonstram que a quantidade de pessoas contaminadas entre as trabalhadoras e trabalhadores portuários é muito mais elevada que entre a população local. Os portos nessa situação são: Vancouver, Canadá; Tema, Gana; Chennai e Mumbai, Índia; Mombasa, Quênia e Odessa, na Ucrânia. Por exemplo, entre 6.8% e 9.6% concentram-se no porto de Mumbai, comparado com a percentagem nacional, que é 0.3%. A Autoridade Portuária do Quênia emprega 7.000 pessoas, com 418 pessoas recebendo tratamentos antirretrovirais e somente 836 recebem outro tipo de tratamentos contra o HIV. Nem todos os trabalhadores e trabalhadoras recebem assistência médica nos locais de trabalho; no entanto, a quantidade de infetados poderia ser muito maior.



Campanha contra o HIV/AIDS do Sindicato de Trabajadores Unidos de Empornac em Puerto Barrios (SITRUEMPORNAC), Guatemala.

Há uma séria falta de informação sobre

os riscos a que estão expostos os funcionários e funcionárias de contraírem HIV e seu impacto, posto que não existem políticas nem programas nos locais de trabalho. Por esse motivo a ITF está realizando uma enquete para dar informação correta sobre HIV/AIDS entre o setor portuário e fornecer respostas apropriadas. Todas as organizações afiliadas à ITF receberam questionários sobre o impacto do HIV. Por outro lado, está sendo realizado um estudo de forma anônima informando sobre as necessidades individuais dos membros em quatro países: Bélgica, Guatemala, Índia e Quênia.

Existem no mundo outros trabalhadores e trabalhadoras do transporte dos quais carecemos de informação detalhada, como por exemplo, bici-táxis, táxis motociclistas, ciclistas, trabalhadores e trabalhadoras em rios e lagos, entre outros.

A vulnerabilidade dos trabalhadores e trabalhadoras do transporte pode ser diferente, mas é importante considerar a forma de vida, as condições trabalhistas e sociais para encaixá-la em qualquer programa ou estudo mais amplo sobre HIV/AIDS. Um alto nível de condições difíceis faz com que os trabalhadores e trabalhadoras do transporte sejam mais vulneráveis ao HIV/AIDS e isso significa que é mais difícil fazer com que eles mudem de comportamento. A informação sobre o HIV/AIDS é muito importante, mas muitas vezes é falha em criar um impacto caso não seja comunicado amplamente e com preparação minuciosa.

Os trabalhadores e trabalhadoras do transporte e comunidades do transporte estão sendo afetados pela pandemia do HIV/AIDS de maneiras muito definidas.

Na condição de trabalhadores e trabalhadoras do transporte e como sindicalistas, estamos em uma posição única para fazer a grande diferença e vencer esta doença devastadora. Por meio de viagens e com o contato com pessoas de diferentes partes do país e do mundo, pode se difundir mensagens positivas e construtivas sobre a maneira de lutar contra o HIV/AIDS.

Temos um papel essencial em desempenhar nesta campanha mundial como sindicalistas e afiliados à ITF.

ESTE MANUAL FOI PREPARADO PARA AUXILIAR VOCÊS NESTA CAMPANHA.

UTILIZEM-NO!



Publicação da ITF sobre o HIV/AIDS.

Disponível para download em www.itfglobal.org/HIV-Aids/order.cfm

Ideas de ação para campanhas e educação

Seguem algumas ideias para oficinas, atividades educacionais e campanhas sobre HIV/ AIDS. Elas podem ser adaptadas em conformidade com as suas necessidades

• **Realizar algum tipo de pesquisa a fim de obter maiores dados sobre os níveis da infecção por HIV/ AIDS no seu país e setor. Fazer comparações com as situações mencionadas neste capítulo. Apresentar estas situações aos trabalhadores e trabalhadoras numa reunião ou mesa de trabalho, respondendo e discutindo as seguintes perguntas:**

1. **É muito séria a situação a causa do HIV/ AIDS no sindicato ou no local de trabalho?**
2. **Vocês acham que é muito seria para os trabalhadores e trabalhadora do transporte em geral?**

• **Discutir a informação apresentada neste capítulo e responder as perguntas seguintes:**

1. **O que vocês pensam da informação apresentada?**
2. **Acham que é suficientemente precisa?**
3. **Acreditam que estão sendo injustamente culpados pela disseminação do HIV/ AIDS nas comunidades onde atuam?**
4. **Quem vocês acham são os responsáveis pela disseminação do vírus?**
5. **Que efeitos positivos tem o transporte por rodovias para as comunidades pelas que se transita?**
6. **Quais efeitos negativos apresentam?**
7. **Que pode ser feito para que os efeitos sejam os mais positivos possíveis?**

(Estas perguntas podem ser adaptadas a qualquer setor do transporte)

• **Discutir os temas a seguir:**

1. **Existem fatores no seu setor / país/ locais de trabalho que contribuam para aumentar a vulnerabilidade dos trabalhadores e trabalhadoras de infecção por HIV?**
2. **Listar os fatores da maneira mais detalhada possível.**
3. **Que poderia realmente ser feito para atacar estes fatores?**

INFORMAÇÃO CHAVE DO CAPÍTULO 1

- 1. Os primeiros casos de HIV/ AIDS foram detectados há mais de 30 anos;**
- 2. Existem atualmente cerca de 34 milhões de pessoas convivendo com o HIV/ AIDS no mundo;**
- 3. O Sul da África é a região mais afetada com níveis de mais de 30% de adultos soropositivos;**
- 4. As trabalhadoras e os trabalhadores do transporte são particularmente vulneráveis ao contágio e existe uma grande percentagem de infecção em muitas comunidades pelas quais transitam;**
- 5. Ninguém sabe com certeza quantas trabalhadoras e trabalhadores em transportes estão infectados, mas muitos sindicatos reportam um elevado nível de soropositivos e estão presenciando o falecimento de muitos deles;**
- 6. A mobilização e as longas ausências do lar estão sendo considerados como os maiores fatores que causam esta alta vulnerabilidade.**

Outros fatores relacionados incluem:

- As longas esperas nas fronteiras;**
- O assédio e a estigmatização pela polícia, os guardas das fronteiras e as comunidades;**
- O isolamento;**
- O descanso inadequado;**
- A falta ou locais inadequados de descanso e recreação;**
- A falta de infraestrutura sanitária e de saúde onde é mais necessária;**
- A falta de outros serviços;**
- A estigmatização e discriminação pelos empregadores;**
- O estresse que provoca o abuso de álcool e de drogas;**
- A ausência de proteção jurídica;**
- A violência sexual e o assédio;**
- A cultura machista.**



CAPÍTULO 2

Entendendo o HIV/ AIDS

Que é o HIV e que é a AIDS?

O **HIV** é um vírus chamado **Vírus de Imunodeficiência Humana** que ataca o sistema imunológico das pessoas. O sistema imunológico é a parte do organismo humano que luta contra as doenças. Se esse sistema enfraquece ou se destrói, o corpo não poderá combater as doenças apropriadamente. O HIV é mutante – muda por si só- existindo vários tipos de vírus, alguns, mais agressivos que outros.

O HIV é um retrovírus. Um vírus habilidoso que engana o organismo para se propagar. O HIV integra-se ao sistema imunológico e particularmente se dirige a as células chamadas CD4, estas normalmente atacam os vírus, mas quando se trata de HIV as células sãs reverterem seu processo natural para fazer copias de se mesmas. Portanto, o organismo fabricará mais células CD4 com HIV. Por isto é muito difícil atacar o vírus com medicina, as células morrem e mais copias se liberam infectando as células sãs, continuando assim hasta que o sistema imunológico é destruído.

AIDS é o que acontece com o organismo uma vez que o HIV tem penetrado nas células destruindo o sistema imunológico, que passa a não poder combater nem resistir a outras doenças. A AIDS é chamada em termos médicos de **Síndrome de Imunodeficiência Adquirida** e refere-se à variedade de doenças que podem se estender por todo o corpo.

Quando as pessoas desenvolvem a AIDS e eventualmente morrem, não é por causa do HIV, mas sim pelas infecções oportunistas que têm aproveitado o estado enfraquecido do organismo.

Quando o HIV se estende através do corpo, faz com que o sistema imunológico se debilite. As pessoas com HIV são particularmente vulneráveis às seguintes doenças:

- **Catarros e Gripes**
- **Tuberculose (TB)**
- **Candidíases (Infecções por fungos)**
- **Infecção por Cryptococcus (Que produz meningite)**
- **Diarreia**
- **Herpes**
- **Microbactérias (Que produzem tuberculose e lepra)**
- **Sarcoma Kaposi (tipo de câncer na pele)**
- **Pneumonia**

É muito importante atender essas doenças tão rápido quanto seja possível com medicina alopata convencional, alternativas holísticas o medicina tradicional, pois elas podem enfraquecer seriamente o organismo e desenvolver AIDS na pessoa muito rápido.

A Tuberculose é uma das doenças que mata a mais pessoas com HIV nos países desenvolvidos.

É possível uma pessoa ser acometida por todas essas doenças ainda a mesma não tenha HIV. A diferença é que as pessoas com HIV tem seu sistema imunológico muito debilitado, portanto, essas doenças atacam com mais facilidade e com mais força.

O que se sucede ao corpo quando já sofre de HIV?

O organismo está composto por milhões de células, todas elas levam a cabo diferentes funções para manter o corpo são. Quando o organismo se infecta com o HIV o vírus começa a produzir cópias de si mesmo dentro das células sãs para modifica-las e fazer com que cada célula nova seja diferente à anterior. Essa é uma das razões que justificam o porquê de ser tão difícil curar o HIV. Quando há o contágio do HIV é comum se ter febre, comichão, glândulas inflamadas e alguns outros sintomas. Aqui têm alguns dos mais corriqueiros:

- **Fungos**
- **Diarreia constante**
- **Perda de peso**
- **Dificuldade para engolir**
- **Tosse**
- **Suores noturnos**

Os sintomas usualmente desaparecem durante a primeira fase da infecção e a pessoa se sentirá bem durante os anos seguintes. Sem sinais visíveis o vírus se estenderá em todo o organismo. À pessoa infectada com HIV é chamada de **soropositiva**.

O HIV/ AIDS E A POBREZA

A luta contra o HIV/ AIDS procura conferir uma melhor qualidade de vida de nossos membros. A pobreza não é a causa do HIV/ AIDS, mas sim a principal causa de morte. As pessoas em situação de pobreza extrema - especialmente nos países em desenvolvimento- morrem de HIV/ AIDS mais rápido do que as pessoas em melhor situação ou em países desenvolvidos, devido a que não podem obter alimentos nutritivos ou tratamentos antirretrovirais. Às vezes, somente aqueles que têm recursos económicos podem obter tratamentos médicos, medicamentos e os alimentos necessários para manter forte o sistema imunológico. As pessoas em pobreza extrema são abandonadas à sua sorte.

Como sindicalistas não só se deve lutar contra a doença, mas também contra o sistema que prioriza as políticas económicas ao bem-estar da população. Devem ser apoiadas iniciativas que ofereçam assistência e apoio a muitas pessoas, como a *Campanha 3 por 5* da Organização Mundial da Saúde (OMS) que teve como meta obter tratamento antirretroviral para três milhões de pessoas em 2005. É necessário também criar campanhas para que os governos atendam as necessidades das pessoas em relação à pobreza extrema e HIV/ AIDS.

“Ha nove anos sei que estou doente. Tenho dois filhos, mas a mãe deles morreu. Tenho uma tose constante e não posso pagar a comida que ajudaria a me manter bem por mais um tempo. Para a população pobre o HIV/AIDS é um problema muito mais grave do que para os ricos. A pobreza e a discriminação são nossos grandes problemas.”

(Motorista de moto-taxi em Ruanda)

Prevenção

O HIV somente é transmitido através do contato com certos fluidos do organismo que entram no fluxo sanguíneo. O sangue, o sêmen, os fluidos vaginais e o leite materno conduzem o HIV. A urina, vômito, fezes e saliva não conduzem o vírus na quantidade suficiente para contaminar; porém, deve-se ter cuidado com todos os fluidos corporais especialmente se contém sangue.

É quase impossível contrair o HIV por contato físico casual, pela tosse, por espirros, dividindo banheiros e lavabos, dividindo os talheres, consumindo comida ou bebida servida por alguém que padece HIV, os beijos de saudação social - Não o beijo profundo!-, nem por picadas de mosquito ou de outros insetos.

Como se contagia o HIV?



O HIV pode-se transmitir de mãe para filho durante ou depois do parto.



Através da atividade sexual com uma pessoa infectada sem utilizar proteção.



Dividindo agulhas hipodérmicas com uma pessoa infectada.

Existem três formas principais para contrair o HIV:

- **Por falta de proteção ao ter sexo com uma pessoa soropositiva;**
- **Por ter contato com sangue infectado através das transfusões de sangue; transplantes de órgãos e tecidos cutâneos; o uso de injeções infectadas e material reutilizado de piercing. Atualmente, uma de as formas mais comuns de contágio se dá entre os usuários de drogas intravenosas ao compartilhar agulhas hipodérmicas;**
- **O vírus pode passar de uma mãe soropositiva grávida para seu neném durante a gestação, durante o parto ou depois de nascer através do leite materno. (Transmissão de mãe para filho).**



Seminário da ITF sobre HIV/AIDS no Equador.

Pratique sexo seguro

O contato sexual é a principal causa de contágio pelo HIV. As pessoas sexualmente ativas tem que se proteger através do sexo seguro, utilizando camisinha cada vez que têm relações sexuais, pois o perigo de contrair o HIV será menor.

As camisinhas também reduzem o perigo de contrair qualquer outra doença de transmissão sexual (DST), tais como sífilis e gonorreia.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, 88% dos casos de HIV foram transmitidos por relações sexuais entre homem e mulher. Conseqüentemente, utilizar camisinha é a melhor maneira de se proteger contra essa doença.

Evite o sangue infectado

É muito pouco provável que uma pessoa receba uma transfusão com o sangue infectado, pois a maioria dos países tem agora mecanismos efetivos para sua detecção. Todos os trabalhadores e trabalhadoras deverão tomar as seguintes precauções básicas:

- **Não compartilhar navalhas de barbear ou seringas com outras pessoas;**
- **Conferir que o instrumental para fazer piercing e tatuagem seja novo ou esterilizado;**
- **Não permitir que o sangue da ferida de outra pessoa fique em contato com a sua própria pele.**
- **Se acontecer algum acidente no trabalho ou rodovia, siga as dicas de segurança conhecidas como as *precauções universais*, que consideram todos os fluidos corporais como sendo potenciais transmissores de doenças infecciosas-não só HIV. Qualquer ferida deverá ser isolada e neutralizada com um desinfetante. As precauções universais estão mencionadas na lista que consta do final deste capítulo.**

Porém, os perigos de se infectar por sangue com HIV são extremamente baixos. De acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, por suas siglas em inglês) dos Estados Unidos, em caso de acidente no local de trabalho a exposição com sangue infectado com HIV apresenta um risco perto de 0.1 % de contrair-se o vírus e se continuarem as precauções universais, o risco sumirá quase totalmente.

O HIV e a gravidez (gestação)

Todas as mulheres grávidas devem fazer uma análise de HIV. O neném somente pode se contagiar se a mãe é soropositiva.

No caso de análise com resultado positivo, existem medicações antirretrovirais como o AZT e o Nevirapine, os quais, ao serem administrados à mãe antes, durante e depois do parto, poderiam reduzir em 50% o perigo de o neném ser contaminado pelo HIV-AIDS.

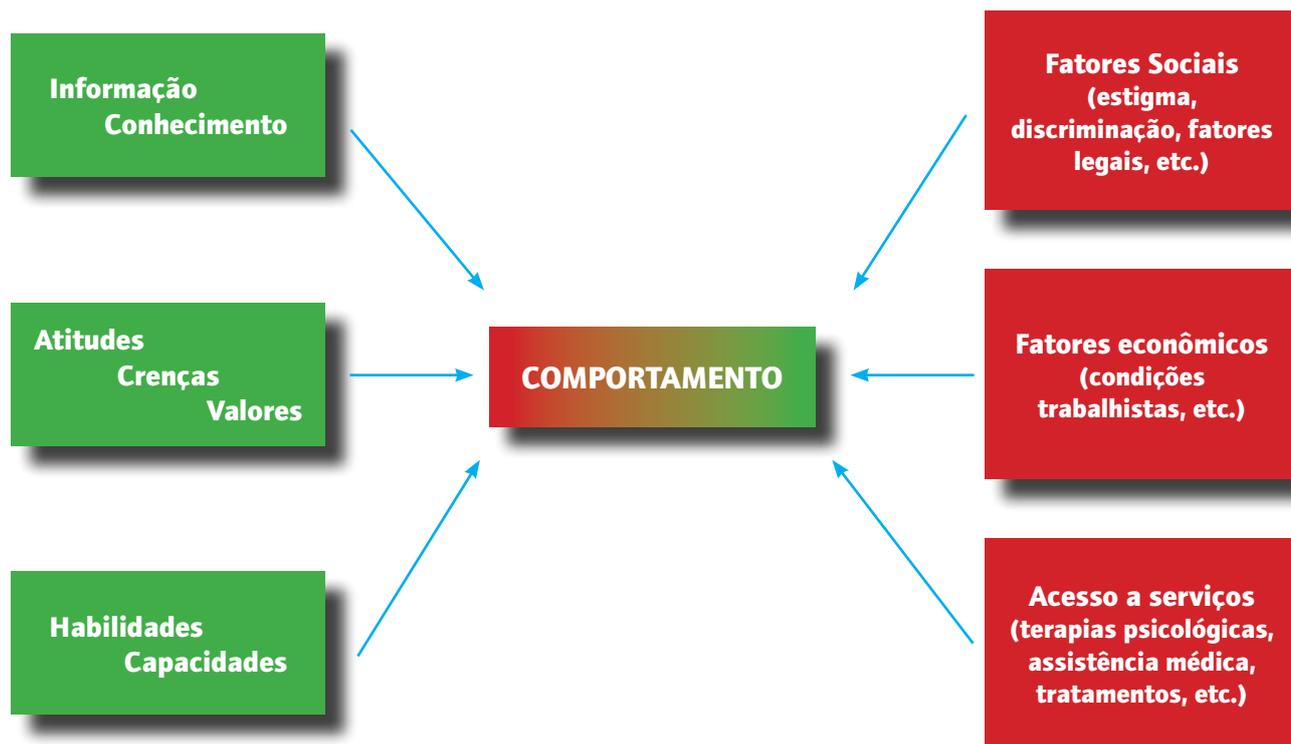


Promovendo o uso do preservativo na Colômbia
Sindicato Nacional de Trabajadores del Transporte (SNTT)

Mudança de conduta

Existe uma clara evidencia de que a informação e o conhecimento sobre prevenção e transmissão do HIV é o único fator que conduz a uma mudança de conduta. Outros fatores são as atitudes, crenças, valores, habilidades e capacidades de atuar, um amplo leque de fatores ambientais - incluindo os fatores socioeconômicos- e o acesso aos serviços pertinentes.

FATORES QUE INFLUENCIAM O COMPORTAMENTO



Assistência e análise voluntária

A assistência e análise voluntária são elementos chave em qualquer campanha contra o HIV/AIDS. Se as pessoas sabem que não estão infectadas pelo HIV deveriam lutar mais para se manter assim; se estão infectadas, terão uma oportunidade de ter uma **Vida Positiva** (ver pág. 27). Porém, para realizar a assistência e a análise voluntária é muito importante que exista uma completa confidencialidade. Outro fator muito importante a levar em conta é quando o resultado é positivo; a pessoa receberá todo o apoio para ter a melhor qualidade de vida o possível. O ideal é incluir o tratamento antirretroviral. Uma assistência cuidadosa e comprometida (antes e depois) é muito importante. Veja o diagrama.

Tratamento e cuidado

Ainda não existe um tratamento médico que possa destruir o HIV uma vez que ele entra no organismo. Os médicos e curandeiros tradicionais tiveram sucesso em curar infecções oportunistas e em fortalecer o sistema imunológico, mas seus tratamentos não podem matar ao vírus em si...

A MELHOR MANEIRA DE ATACAR O VÍRUS É PREVENIR OS CONTÁGIOS!

Existem métodos importantes de tratamento e cuidados:

REFORÇAR O SISTEMA IMUNOLÓGICO E FORTALECER O ORGANISMO

É de vital importância em toda a vida de uma pessoa se reforçar o seu sistema imunológico, mas é especialmente importante quando se descobre ser soropositivo. Ao reforçar naturalmente o sistema imunológico se poderá retardar drasticamente a AIDS e outras doenças. Um cuidado profundo do organismo manterá em boas condições a pessoa soropositiva por muitos anos, sem que seja necessário administrar medicamentos caros que poderiam ter efeitos secundários. (ver Vida Positiva, pág. 27).

Existem em muitas partes do mundo as chamadas medicinas tradicionais que são muito eficazes para reforçar o sistema imunológico e manter o organismo forte. Os suplementos vitamínicos do Complexo B e a Vitamina C, assim como os minerais como o selênio e o zinco, são também considerados fundamentais para reforçar o sistema imunológico e manter a pessoa soropositiva em condições saudáveis.

TRATAMENTO DE INFECÇÕES OPORTUNISTAS E DOENÇAS DE TRANSMISSÃO SEXUAL (DST)

As doenças sexualmente transmissíveis como a gonorreia e a sífilis aumentam o risco de se contrair HIV, porque criam feridas na região genital; o HIV se contrairá através dos fluidos corporais incluindo o sangue, tornando mais fácil a transmissão do vírus através dessas feridas abertas. Mesmo assim, essas doenças diminuem consideravelmente o sistema imunológico, e quanto mais fraco ficar, as possibilidades de contrair HIV serão muito altas.

As doenças oportunistas são curáveis e podem ser tratadas com antibióticos. É muito importante que trabalhadoras e trabalhadores soropositivos procurem tratamento de imediato. Mencionaremos a logística para oferecer o tratamento certo, no Capítulo 3. As infecções oportunistas desenvolvidas pelas pessoas soropositivas como a tuberculose, também enfraquecem demais seu organismo. O sistema imunológico das pessoas com HIV fica enfraquecido e consequentemente a recuperação de alguma infecção é mais lenta. A Tuberculose é provavelmente a infecção oportunista mais perigosa nos países em desenvolvimento, sendo a maior causa de morte das pessoas soropositivas. Porém, pode ser curada, porém, com um elevado custo monetário.



Assistência e análises voluntárias. Um fator muito importante na luta contra o HIV/AIDS.

MEDICINA OCIDENTAL

A medicina ocidental oferece muitos tratamentos disponíveis para as infecções oportunistas como a tuberculose; tem desenvolvido também uma ampla variedade de tratamentos para as doenças que padecem as pessoas com HIV/AIDS. Por exemplo, existem medicações específicas contra a meningite por criptococos, que é um tipo de pneumonia chamada pneumocistose, ambas causadas por fungos comuns entre as pessoas soropositivas.

Um dos maiores inventos da medicina ocidental são os antibióticos, pois podem destruir muitas das infecções oportunistas. A maioria dos tratamentos contra as infecções oportunistas é de graça ou a preços acessíveis em clínicas e hospitais no mundo todo. Se uma pessoa soropositiva sente que está sofrendo uma infecção oportunista, é vital que procure tratamento o mais rápido possível, antes da doença enfraquecer seu organismo completamente.

MEDICINAS ALTERNATIVAS

Muitas pessoas utilizam a medicina herbolária e as terapias alternativas como a Ayurveda, (homeopatia), medicina chinesa tradicional e outros sistemas medicinais orientais. As pessoas que desenvolvem estas terapias alternativas são mais acessíveis e os custos também são mais baixos, a diferença dos médicos que professam a medicina Ocidental; aliás, os terapeutas é que muitas vezes entendem melhor o contexto cultural e social de seus pacientes.

A medicina alternativa ajuda as pessoas que sofrem HIV/AIDS. Muitos dos remédios herbários são efetivos para o tratamento das doenças oportunistas. Esses remédios tradicionais ajudam o organismo de forma holística, lhe proporcionando força para lutar contra as doenças.

No entanto, existem alguns curandeiros tradicionais que ignoram a realidade com relação ao HIV/AIDS e trataram de dissimular sua ignorância protegendo sua imagem na comunidade, disseminando muitos mitos que podem ser perigosos. Portanto, é muito importante que as pessoas que procuram terapias tradicionais tenham pleno conhecimento dos fatos e procurem pessoas confiáveis.

TRATAMENTO ANTIRRETROVIRAL

Eventualmente, a maioria das pessoas com HIV chegarão a ficar totalmente tomadas pela AIDS. Os anos em que se demora a chegar a essa etapa dependem de muitos fatores, mas particularmente, depende de como foi mantido o sistema imunológico e de como foram atendidas as infecções oportunistas. Nos países em desenvolvimento, a média de tempo para que a AIDS invada o organismo é de 3 a 7 anos.

A AIDS é diagnosticada quando o sistema imunológico fica muito enfraquecido e não consegue lutar contra a doença. O paciente rapidamente morrerá por causa de qualquer infecção. A maioria dos médicos diagnostica a AIDS quando o paciente fica muito doente e quando a contagem das células CD4 tem descido de uma média sadia de 1.500 por mililitro de sangue a 200.

Quando o HIV fica completamente desenvolvido no organismo, os médicos denominam a essa fase de AIDS, e é determinada contando o número de repetições de HIV por mililitro de sangue (a carga viral) e igual ao número de células CD4.

Os médicos podem receitar medicamentos que conseguem retardar a dispersão do HIV através das células do organismo. Esses medicamentos estão sendo constantemente pesquisados e embora não exista ainda o remédio certo para deter o HIV; existem



Uma curandeira tradicional segurando uma batata Africana, que não pode curar a doença, mas pode fortalecer o sistema imunológico e ajudam a combater as infecções oportunistas. (Foto cedida por Giselle Wulfsohn /Beyond Awareness Campaign).



Cerimônia levada a cabo por um curandeiro tradicional. (Foto cortesia de Fanie Jason)

diferentes combinações de medicamentos (Coquetel de Fármacos), que podem ser muito eficazes para retardar a propagação do HIV pelo organismo.

O aspecto mais efetivo dessa terapia é conhecido como Tratamento Antirretroviral Altamente Ativo (HAART, por suas siglas em inglês). Atualmente os medicamentos antirretrovirais são muito caros; porém, seu preço está diminuindo aos poucos graças à luta dos sindicatos e das organizações civis para que sejam universalmente acessíveis. Os antirretrovirais (ARV) são fundamentais porque quase todas as pessoas soropositivas vão necessitá-los em alguma fase da doença. No entanto, os médicos recomendam que as pessoas com HIV reforcem seu sistema imunológico e atendam as doenças oportunistas sem ter que recorrer aos antirretrovirais, pois eles devem ser ingeridos pelo resto da sua vida; aliás, como o HIV é mutável, é possível que desenvolva uma resistência aos antirretrovirais.

Vida positiva

Um dos aspectos mais importantes para uma melhor qualidade de vida das pessoas que convivem com o HIV/AIDS é que elas entendam que precisam viver sua vida de um modo positivo. Se cuidarem do organismo e reforçarem o sistema imunológico poderão ter uma vida normal sem necessidade de antirretrovirais. A maioria da população soropositiva pode continuar com seu trabalho, fazer parte da sua família, ter vida social e ter as mesmas atividades que realizava antes de contrair o vírus.

Um dos maiores assassinos das PESSOAS SOROPOSITIVAS é a falta de vontade de viver, por exemplo: uma pessoa sabe que é HIV positivo e acredita numa sentença de morte, por tanto deixam de se cuidar, tem depressão, bebem e se drogam, conseqüentemente seu organismo enfraquecerá e poderá morrer na primeira infecção oportunista que apareça no seu organismo. Às vezes se isolam socialmente, portanto carecem de conhecimento, apoio físico e emocional, necessários para viver com o vírus. As pessoas com HIV podem viver muitos anos com o vírus no seu sangue se não se deixam abater e vivem positivamente. Há exemplos de pessoas que foram diagnosticadas como soropositivas há 25 ou 30 anos e hoje estão saudáveis. Elas em geral falam que a razão para continuar sãs é rejeição da ideia de que a doença os derrotou, comprometendo-se a melhorar sua saúde através de uma alimentação certa, malhar, evitar o fumo, as drogas e o álcool.

FUNDAMENTOS IMPORTANTES PARA UMA VIDA POSITIVA

PRATIQUE SEXO SEGURO

Inicialmente isto é muito importante para não infectar outras pessoas com o vírus. Mas também é importante para as pessoas que vivem com HIV/AIDS, **pois podem receber mais de uma variedade de HIV e se reinfectar várias vezes. O vírus do HIV é mutável**, provocando um desenvolvimento mais rápido da AIDS.

CUIDE DO SEU SISTEMA IMUNOLÓGICO

Ao se contrair o HIV é fundamental manter o sistema imunológico forte para poder permanecer sadio. O estresse, a contaminação e os alimentos muito gordurosos vão enfraquecer o sistema imunológico.

Boa alimentação: Comer alimentos frescos, especialmente frutas, legumes e grãos inteiros como o arroz, vão fortalecer o seu sistema imunológico. **Os alimentos com muita gordura, o açúcar e os alimentos com muitos conservantes químicos devem ser evitados.** Os suplementos multivitamínicos ajudam a fortalecer o sistema imunológico, as vitaminas do complexo B e vitamina C são vitais. O complexo B fortalece o organismo e ajuda a diminuir o estresse, a vitamina C revitaliza o sistema imunológico.

Evitar o fumo e o álcool: As bebidas alcoólicas, as drogas, o cigarro, o café e o chá são péssimos para o sistema imunológico e devem ser evitados, porque enfraquecem profundamente o organismo.

O exercício físico é uma forma muito importante de revitalizar o seu sistema imunológico, além de ser importante para os trabalhadores e trabalhadoras do transporte, que frequentemente passam horas inteiras sentados atrás da direção do seu veículo e não têm muitas oportunidades de se exercitar. Também incrementa o sentido de bem-estar, o esporte praticado em equipe, pois é uma maneira muito boa de evitar o isolamento social que muitas pessoas soropositivas experimentam.

Assessoramento contínuo e apoio emocional: As pessoas que vivem com HIV/AIDS às vezes se sentem socialmente solitárias, estressadas ou deprimidas. Além do impacto psicológico, o estresse e a depressão podem enfraquecer o sistema imunológico. As pessoas soropositivas podem ser ajudadas de várias formas para confrontar os problemas causados pelo HIV. Também é muito importante que não se sintam isoladas ou abandonadas. As pessoas precisam de assessoramento e de receber conselhos sobre diferentes medicamentos, estilo de vida, assuntos financeiros e outros aspectos para manejar sua doença. Não é suficiente só se assessorar antes ou depois das análises. Uma vez que foi diagnosticada a infecção o assessoramento deve continuar, por exemplo, receber assessoria nos locais de trabalho por representantes sindicais treinados.



A propagação do HIV pode ser prevenida distribuindo e usando camisinhas.

Gênero, cultura e HIV/ AIDS

Nos países em desenvolvimento, o HIV é transmitido principalmente por relações sexuais entre homem e mulher. Isto quer dizer que entender as relações entre homem e mulher é fundamental para lutar contra a doença. Um dos maiores fatores na propagação do HIV é a desigualdade entre homem e mulher. Na sociedade, algumas vezes o homem exerce seu poder das seguintes maneiras:

- Poder físico: através da violência ou ameaças;
- Poder econômico: através de uma trabalhadora sexual ou forçando uma mulher a submeter-se porque não tem aonde ir;
- Poder social: a ideia prevalece na sociedade onde as mulheres tem que ficar submissas perante os esposos.

O fato de uma mulher não ter controle total sobre a sua própria sexualidade significa que será incapaz de se proteger a si mesma contra o vírus. Elas podem ser totalmente fiéis e sempre desejar que seus parceiros usem camisinha, mas se o homem se recusa frequentemente é muito pouco o que podem fazer.

Aqui é onde os educadores sindicais tem uma função muito importante. Podem educar os homens para que sejam sexualmente mais responsáveis sem ser obrigados a ser condescendentes.

Da mesma forma, em algumas comunidades muito pobres, o único meio disponível para as mulheres é o comercio sexual. As trabalhadoras sexuais existem porque satisfazem os desejos e as necessidades dos homens mediante sexo casual ou por que usualmente é a única alternativa para não morrer de fome.

É difícil educar as mulheres sobre o sexo seguro falando-as que devem garantir que o homem sempre use camisinha, se os homens

se recusam. Existem muitos casos de mulheres que têm sido golpeadas ou expulsas de seus lares por exigir que seus parceiros usem camisinhas durante as relações sexuais.



O sindicato Clerical and Commercial Workers Union de Guiana durante o Dia Internacional do HIV/AIDS 2009.

Ruanda: ENVOLVENDO AS ESPOSAS DOS CAMINHONEIROS

O Sindicato de Motoristas de Caminhões de Ruanda (ACPLRWA) organizou diversos seminários para seus membros. O sindicato rapidamente percebeu a importância de envolver casais de caminhoneiros na campanha contra a AIDS. Muitos deles levaram a suas esposas quando voluntariamente participaram por assessoramentos e análises, organizados pelo Sindicato.

Com o apoio de a Embaixada do Canadá, o ACPLRWA organizou por quatro dias mesas de trabalho sobre o HIV/ AIDS para as esposas dos caminhoneiros. As participantes expressaram sua satisfação pelo fato do sindicato perceber a importância de envolver as parceiras dos motoristas nesta luta. Elas comentaram que usualmente não falavam com seus esposos sobre o HIV/ AIDS. As mulheres estavam muito interessadas em se envolver mais na luta contra o HIV/ AIDS, portanto solicitaram ao sindicato que organizassem um seminário de formação de educadores para elas e seus esposos. O sindicato organizou os seminários um mês após receber a solicitação.

O direito das mulheres de rejeitar sexo

Necessitamos ser abertos com nossos parceiros sobre nossa história sexual. A mulher tem o direito de rejeitar sexo se considera que seu parceiro lhe foi infiel, motivo pelo qual as campanhas e ações contra o HIV/AIDS devem focar o conhecimento dos direitos das mulheres.

É preciso aprender a respeitar as mulheres com igualdade e não obrigá-las a ter sexo por *valores culturais, tradições dos direitos como homens*. Também é muito importante que o homem deixe de exercer violência para submeter as mulheres.

Muitas mulheres dizem que não têm forças para proteger a si próprias do HIV/AIDS porque não podem controlar o comportamento dos homens que conhecem ou com quem convivem.

A função da cultura e os mitos

Frequentemente o homem diz: "Tratar as mulheres dessa forma é parte da minha cultura, é meu direito como homem". Algumas vezes os homens citam um texto religioso para se justificar. É importante distinguir quais ideais culturais são importantes e valiosas na atualidade e quais precisam mudar.

Nos países da África alguns homens creem no mito de que podem se desfazer do HIV infectando a outra pessoa ou tendo sexo com uma mulher virgem. Algumas mulheres jovens têm sido vítimas de esta terrível crença e conseqüentemente tem morrido de doenças relacionadas com o HIV. Essa crença **NÃO** é verdadeira e esse tipo de comportamento somente ajuda a disseminar o vírus ainda mais.



A igualdade de gênero é necessária para lutar contra o HIV/AIDS.

IDEIAS EM AÇÃO PARA CAMPANHAS E SEMINÁRIOS

Aqui tem algumas ideias para mesas de trabalho, atividades educativas e campanhas sobre o HIV/ AIDS. Por favor, adapte-as segundo as suas necessidades.

- **É muito importante que os trabalhadores e trabalhadoras entendam a informação sobre o HIV/ AIDS;**
- **Em um seminário detecte o conhecimento básico que se tem sobre o HIV/ AIDS.**

Faça perguntas básicas como as seguintes para detectar o conhecimento dos trabalhadores e trabalhadoras:

Pode o HIV/ AIDS ser contagiado como resultado das seguintes ações? Se assim for, explique como e por que.

1. Compartilhar uma comida ou talheres;
 2. Ter sexo sem proteção;
 3. Beijar-se;
 4. Picadas de mosquito;
 5. Transfusões de sangue;
 6. Compartilhar uma seringa;
 7. Trabalhar com uma pessoa soropositiva;
 8. Usar o mesmo vaso sanitário ou bacia;
 9. Auxiliando a alguém num acidente.
- As respostas devem ser discutidas com os trabalhadores e trabalhadoras. As respostas verdadeiras devem ser comunicadas. No caso de perguntar algo sobre o qual você não está seguro, prometa pesquisar o tema. Em alguns casos a informação pode ser duvidosa: por exemplo, em teoria é possível contrair HIV por meio de um beijo, especialmente se os envolvidos têm gengivas com sangramento ou feridas, ainda que isto não tenha sido totalmente comprovado. Seja honesto em seu conhecimento.
 - Quando você entenda claramente como se propaga o HIV/ AIDS, discuta como é possível fazer a prevenção. Por exemplo: o uso de camisinhas nas relações sexuais e as precauções universais levadas a cabo em caso de acidente.
 - Quando você consiga esclarecer a informação sobre o HIV/ AIDS, solicite aos participantes que comentem alguns dos mitos que tenham ouvido sobre o vírus. Existem muitos e variam segundo o local, mas todos eles têm em comum a negação de que qualquer pessoa pode se infectar.
1. Qual é a verdade da situação? (Desacredite o mito);
 2. Por que pensa que a gente crê nessas coisas?
 3. O que podemos fazer para conseguir que a população receba a informação certa?

- **Discuta os diferentes tratamentos disponíveis contra o HIV/ AIDS, com foco nos antirretrovirais que realmente podem salvar a vida das pessoas e faça as seguintes perguntas:**
 - **Por que vocês acham que poucos trabalhadores e trabalhadoras têm acesso a esses medicamentos?**
Amplie seu conhecimento para evitar responder somente que esses medicamentos são demasiado caros. Averigue o porquê;
 - **Que podemos fazer como sindicalistas do transporte para que esses medicamentos universalmente acessíveis aos membros que deles precisam, assim como outras pessoas na sociedade;**
 - **Com quais outros grupos poderíamos trabalhar?**
- **As respostas a estas perguntas estão mudando continuamente, pois muitos grupos estão fazendo campanhas para ter acesso universal a os antirretrovirais. Você pode achar informação útil e atualizada em Médicos Sem Fronteiras (MSF) acessando sua página na internet: www.msf.org.br**
- **Faça mesas de trabalho sobre gênero como parte integral do programa contra o HIV/ AIDS. É muito importante que os homens assistam a esses eventos e que as suas atitudes perante o sexo sejam discutidas. A atitude dos homens é ainda a causa principal da propagação do HIV/ AIDS.**
- **Pergunte diretamente aos participantes masculinos sobre as suas atitudes com as mulheres e explique como esses comportamentos provocam a disseminação do HIV/ AIDS.**
- **Discuta a função do homem e da mulher nas culturas com as quais você tem contato. Como se encaixam perante as circunstâncias atuais?**
- **Revise a função que tem a cultura e encontre modelos culturais positivos que promovam o valor e o lugar das mulheres.**



Oficina para o Processo de Planejamento para Mulheres e Jovens de América Latina e o Caribe. Bogotá, Colômbia 2009.

PRECAUÇÕES UNIVERSAIS

As precauções universais foram originalmente criadas para os trabalhadores e trabalhadoras da saúde pelos Centros de Prevenção e Controle de Doenças (CDC, por suas siglas em inglês) dos Estados Unidos. Os trabalhadores e trabalhadoras da saúde enfrentam o maior risco perante o HIV/AIDS; porém, seus princípios podem ser facilmente adaptados aos trabalhadores e trabalhadoras do transporte.

O trabalhador ou trabalhadora do transporte precisará ter as seguintes precauções em caso de presenciar um acidente, ao administrar os primeiros auxílios ou socorrendo uma pessoa ferida:

- Manje todos os fluidos corporais como se estivessem infectados pelo HIV ou outra doença;
- Não permita que esses fluidos entrem em contato com você, use luvas plásticas ou de borracha ou outro tipo de proteção que encontre;
- Lavar as mãos com água e sabão após qualquer contato;
- Usar uma proteção ao aplicar ressuscitação boca a boca. No caso de não ter, improvise-a;
- Qualquer material sujo deve ser colocado num saco sem furos. Pode ser queimado depois ou utilizar cloro e água para matar o vírus;
- Limpe a área com água e cloro.

Seguem agora as diretrizes originais das precauções universais:

- **Conduza todos os fluidos corporais como se tivessem HIV ou outros patógenos sanguíneos;**
- **Use luvas apropriadas (vinil, látex ou para lavar pratos) quando entrar em contato com fluidos corporais;**
- **Lave as mãos com água e sabão depois de examinar cada paciente, depois de um incidente, depois de ir ao banheiro e depois de tirar as luvas;**
- **Use um roupão, máscaras ou óculos de proteção nos seus olhos quando exista risco de salpicar sangue ou outros fluidos corporais;**
- **Rejeite seringas o qualquer outro instrumento perfurante colocando-os num recipiente sem furos. A manipulação de seringas deve ser cuidadosa e para retirar a agulha se deve empregar a tampa de plástico que a acompanha a fim de evitar picadas. Quando for possível use seringas com proteção para prevenir feridas;**
- **Use uma proteção quando aplicar respiração boca a boca;**
- **Se você é um trabalhador ou trabalhadora da área de saúde, utilize recipiente a prova de vazamentos para guardar as amostras do paciente;**
- **Use sacos a prova de vazamento para guardar o transportar qualquer material sujo.**
- **Quando deva limpar sangue ou qualquer outro fluido corporal:**
 - **Use luvas descartáveis que não estejam danificadas e limpe o fluido com material absorvente, jogando-o dentro de um saco plástico. O saco deverá ter uma etiqueta vermelha o um símbolo de perigo biológico no caso de depositar fluidos perigosos.**

Limpe a área com desinfetante, por exemplo, uma solução de cloro e água. Isto destruirá o HIV em 30 segundos.

INFORMAÇÃO CHAVE NO CAPÍTULO 2



1. O HIV é o Vírus da Imunodeficiência Humana e é o causante da AIDS;
2. A AIDS é a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, resultante da debilidade do sistema imunológico por o HIV;
3. O HIV se contagia por contato com sangue, sêmen, fluidos vaginais e leite materno. A forma mais comum de contrair o vírus é através do sexo sem proteção, compartilhando ou ferindo-se com seringas hipodérmicas e de mãe para filho através do útero o pelo leite materno;
4. Para prevenir o contágio pelo HIV é necessário utilizar camisinha cada vez que se tenham relações sexuais;
5. Quando se sofre de HIV, as infecções oportunistas atacam o sistema imunológico do organismo enfraquecido. Estas infecções são as que matam as pessoas com HIV e não o vírus em si;
6. As infecções oportunistas mais comuns são a tuberculose, a pneumonia e a candidíase (úlceras bucais por fungos);
7. As infecções oportunistas devem ser tratadas de imediato com medicina convencional ou tradicional, se for o caso;
8. Os sintomas mais comuns que indicam que a pessoa está desenvolvendo AIDS são a perda de peso, diarreia persistente e suores noturnos. Não há por que se alarmar se os sintomas aparecem em uma pessoa, o melhor é fazer um teste de HIV;
9. Na maioria dos países, as clínicas do governo oferecem assistência e análises sem custo. A assistência é essencial para ajudar as pessoas soropositivas a manejarem a negatividade e o estigma que rodeiam o HIV/ AIDS;
10. O HIV/ AIDS não é uma sentença de morte, é possível viver muitos anos com o vírus, pois com os novos medicamentos disponíveis é possível ter uma melhor qualidade de vida;
11. A terapia mais adequada para tratar o HIV/ AIDS, é chamada Terapia Antirretroviral Altamente Ativa (Haart). Embora pelo momento seu custo seja elevado, há intentos para baixar os custos graças ao trabalho desenvolvido pelos sindicatos e pelas organizações sociais;
12. Uma pessoa soropositiva deve utilizar os antirretrovirais em caso de ser extremamente necessário ou na fase final da infecção. Quando ingeridos no início, o HIV terá mais oportunidade de resistir ao tratamento;
13. Existem muitas formas de fortalecer o sistema imunológico de uma pessoa soropositiva sem empregar antirretrovirais ou outros medicamentos. Estas formas incluem evitar o cigarro e o álcool, comer alimentos saudáveis, fazer exercício e sentir-se apoiado social e emocionalmente por aqueles que os rodeiam.
14. As mulheres são especialmente vulneráveis à infecção pelo HIV devido à desigualdade que existe nas relações sexuais entre o homem e mulher.

CAPÍTULO 3

Os Sindicatos do Transporte em Ação

*dentro e fora do local de trabalho.***Por que é importante os sindicatos agirem?**

NO CAPÍTULO 1 se descreveu o impacto do HIV/AIDS tem nos locais de trabalho em geral e na área de transportes em particular. Os sindicatos ao redor do mundo estão convencidos da sua responsabilidade para se envolver na luta contra a doença.

Os sindicatos estão numa boa posição para realizar ações em razão dos problemas causados pelo HIV/AIDS, pois a segurança e as vidas de nossos afiliados estão em perigo. Desenvolver políticas que os protejam será parte da nossa luta.

Existem duas grandes influências do movimento sindical para realizar ações contra o HIV/AIDS:

Primeiramente, os sindicatos podem realizar campanhas de educação, treinar educadores e dirigentes sindicais com relação às ações para a prevenção e tratamento do HIV/AIDS. Os sindicatos são geralmente uma fonte mais confiável de informação para os trabalhadores e trabalhadoras que os empregados e empregadas do governo. Na África do Sul, por exemplo, quando o HIV/AIDS foi descoberto pela primeira vez, muitos trabalhadores e trabalhadoras pensaram que era uma mentira do governo para evitar que tivessem filhos; mas quando os sindicatos começaram a organizar as campanhas de alerta, os trabalhadores e trabalhadoras prestaram mais atenção. Outra vantagem da educação sindical é o emprego de filiados ao sindicato, por tanto a educação realiza-se num mesmo nível. Os sindicalistas baseiam-se nos direitos para evitar os fatores de risco dos trabalhadores e trabalhadoras, assim como as consequências de seu comportamento: a doença é o objetivo, não a pessoa.

A segunda influência é a possibilidade de mudar as condições do local de trabalho através de importantes negociações no setor, âmbito do setor ou por meio de acordos no local de trabalho. Alguns sindicatos têm assessores para negociar e alcançar grandes acordos. Se conseguirem realizar políticas progressivas neste nível, influenciarão positivamente as vidas de dezenas de milhares de trabalhadores e trabalhadoras, incluindo os que não estão filiados ao sindicato. Porém, ainda sem assessores, as negociações sindicais deveriam estabelecer uma frente coletiva para ganhar a guerra contra o HIV/AIDS. **Por isto, é necessário que os negociadores do sindicato tenham o conhecimento e apoio necessário para conseguir bons acordos.** Muitos sindicatos tiveram sucesso quando se ligaram com outros sindicatos, centros sindicais nacionais e organizações não governamentais (ONG) para influir nas legislações laborais ou no sistema de saúde pública.

Os sindicatos do transporte estão numa excelente posição para realizar ações importantes que cuidem positivamente a saúde e a vida de seus afiliados, das suas famílias e de todas as comunidades onde tenham contato. **Os trabalhadores e trabalhadoras do transporte estão também numa excelente situação para difundir soluções.** Muitos sindicatos já estão formando educadores sindicalistas, os quais difundem a mensagem sobre o sexo seguro a seus companheiros e companheiras e também a trabalhadoras e trabalhadores sexuais e para outras pessoas, lhes fornecendo preservativos. Em algumas áreas de trânsito pesado, tem se estabelecido clínicas tanto para os transportadores como para a população local. Existem muitos exemplos de inspiração de muitos sindicatos que estão tendo iniciativas contra o HIV/AIDS, exercendo uma importante influência através de suas atividades. Apresentamos aqui alguns exemplos e aconselhamos que sejam analisados cuidadosamente sobre como estas experiências poderiam se aplicar no contexto.

Um bom exemplo de ação sindical é o caso dos **caminhoneiros e caminhoneiros na África do Sul.** O Sindicato South African Transport & Allied Workers' Union (SATAWU), depois de um dia de greve para obrigar à associação de empregadores a participarem na luta contra o HIV/AIDS, ganhou um contrato coletivo para estabelecer unidades de saúde e centros de informação ao longo das rodovias.

Embora pouco tempo tenha se passado para podermos comprovar sua efetividade em diminuir a transmissão do HIV, é possível que este seja um grande início.

Para que as clínicas ao longo das rodovias sejam verdadeiramente úteis para os transportadores, elas precisam oferecer tratamentos médicos completos no combate contra o HIV/AIDS, incluindo os antirretrovirais. É muito importante negociar estes tipos de ações nos contratos coletivos de trabalho com as companhias, organismos empregadores e governos.

ESTUDO DE CASO

CAMINHONEIROS E CAMINHONEIRAS CONTRA O AIDS NA ÁFRICA DO SUL



Surgiu através de um contrato coletivo entre A South African Transport & Allied Workers' Union (SATAWU), filiado à ITF, e a Associação de Empregadores Transportadores. Foi estabelecida a criação de unidades de saúde usando dois trailers ao longo da rodovia. O primeiro deles abrange uma unidade de saúde com uma enfermeira e o outro é uma sala de aula onde são dadas palestras ao público em geral e se formam educadores sindicais. As unidades estão localizadas em áreas de trânsito pesado e postos fronteiriços. As unidades abrem às cinco da manhã e permanecem abertas até a meia-noite, sendo muito acessíveis tanto para motoristas como para os habitantes das comunidades. A clínica conta com uma enfermeira especializada e oferece tratamento para as doenças de transmissão sexual e cuidados de saúde básica. Também são distribuídos preservativos de graça para promover a assistência de motoristas, trabalhadoras e trabalhadores sexuais e para toda pessoa que precisar assistência e análise. A clínica opera com o sistema de cartão que registra o historial médico do motorista, sendo que pode continuar o tratamento necessário em qualquer clínica.

Os motoristas assistem a sessões de formação, que incluem:

1. Informação básica sobre o HIV/AIDS e doenças de transmissão sexual;
2. Prevenção, assistência e apoio;
3. A relação entre o HIV/AIDS, a tuberculose e outras doenças oportunistas;
4. Prevenção perante a violência exercida contra as mulheres.

Há também um programa de educação de cinco dias para motoristas, trabalhadoras e trabalhadores sexuais que consiste em:

1. Habilidades para transmitir mensagens de prevenção.
2. Informação médica sobre o HIV/AIDS e doenças de sexualmente transmissíveis.
3. Formação de educadores.
4. Análise de HIV e assistência.

Até hoje foram treinados 266 educadores sindicais e foram distribuídas 1.3 milhões de camisinhas entre 80.000 caminhoneiros e caminhoneiras.



Trailer utilizado para a campanha contra o HIV/AIDS na África do Sul.

Utilizando os direitos humanos como marco

As ações em contra do HIV/AIDS devem adotar um enfoque baseado nos direitos. Isto significa que os direitos dos afiliados serão primordiais, incluindo os que se apresentam nas Convenções de a OIT 100 e 111 que contém a eliminação da discriminação ou qualquer outra convenção referida à saúde e segurança. Outros tratados internacionais incluem também os direitos sociais e econômicos¹. A luta pelos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras é a função básica dos sindicatos, o combate contra o HIV/AIDS é somente uma extensão de eles. Um enfoque baseado em direitos também significa que os sindicatos rejeitam uma perspectiva moralista. **As pessoas têm direito à informação; de não serem discriminadas e de ter assistência e tratamentos..**

O que os sindicatos podem fazer?

O tema sobre o HIV é muito complexo e lançar uma campanha contra o HIV/AIDS pode ser uma tarefa de enormes proporções para os sindicatos. Por isso, é importante que os sindicatos desenvolvam uma visão realista do problema. Continuamente se descreve uma quantidade de possíveis ferramentas para que o sindicato se envolva nesta luta. Depois de uma análise do setor e dos locais de trabalho em geral, os sindicatos poderão desenvolver sua própria estratégia ou políticas baseando-se inicialmente nos elementos mais importantes e estabelecer objetivos realistas.

ESTUDO DE CASO

CAMPANHA CONTRA HIV/ AIDS NAS RODOVIAS DO BRASIL

Para conseguir responder à epidemia de HIV é necessária a ação de muitos participantes. O local de trabalho, colegas de trabalho, os empregadores e os sindicatos são fundamentais para a prevenção, o tratamento e o apoio, e para a proteção dos direitos.

O Brasil tem o maior número de pessoas vivendo com HIV/ AIDS na América do Sul, com cerca de 620.000 pessoas. Mais da metade de todos os casos estão concentrados no estado de São Paulo, no entanto, nos últimos anos, a porcentagem de HIV entre mulheres grávidas atendidas em clínicas pré-natais manteve-se abaixo de 1 por cento. Isto é, em parte, graças aos programas de prevenção estabelecidos no Brasil desde os anos 90. Na verdade, as estratégias de tratamento e prevenção do HIV/ AIDS no Brasil têm sido tão eficazes que eles se tornaram um modelo para os países em desenvolvimento que enfrentam a epidemia.

Durante a semana de ação para o transporte rodoviário da ITF, a Federação de Transportes Rodoviários do Estado de São Paulo (FETTRESP-CNTTT) organizou uma série de atividades relacionadas com o HIV/ AIDS. Foram realizadas reuniões com grupos de trabalhadores em diferentes terminais de caminhões. Membros do sindicato e voluntários foram para as principais estradas de São Paulo para conversar com motoristas e ajudantes sobre o sindicato, a fadiga e a prevenção do HIV/ AIDS. Preservativos e camisas foram distribuídas com frases relacionadas com o HIV/ AIDS para atrair a atenção dos motoristas sobre a importância da prevenção. Também realizou-se um debate sobre "Liderança e HIV/ AIDS" no Dia de Ação das Mulheres do Transporte Internacional.



Campanha contra do HIV/AIDS da Federação de Transportes Rodoviários do Estado de São Paulo (FETTRESP-CNTTT), Brasil.

¹ Para maiores informações sobre os direitos dos trabalhadores veja: **Los derechos de los trabajadores son derechos humanos**, (Os direitos dos trabalhadores são direitos humanos) um livro de consulta da ITF para os sindicatos do setor de transportes. O livro pode ser baixado em espanhol de: www.itfglobal.org/education/Edu-Manuals.cfm

Que podem fazer os Sindicatos para combater o HIV/ AIDS?

- Desenvolver políticas e estratégias sindicais.
- Desenvolver políticas no local de trabalho em parceria com os empregadores.
- Negociar contratos coletivos que incluam cláusulas contra o HIV/AIDS.
- Negociar melhores condições de trabalho, por exemplo, reduzindo o tempo fora dos lares, agilizar as revisões fronteiriças etc.
- Se reunir com outros sindicatos nacionais e centrais operárias para discutir o tema do HIV/AIDS em fóruns sociais nacionais.
- Trabalhar junto com os governos e organizações sociais para desenvolver e discutir programas específicos para seus afiliados.
- Influenciar os governos para que reconheçam o problema, especialmente nos países nos quais a gravidade da crise do HIV/AIDS não é oficialmente reconhecida nem abordada.
- Pressionar para que os medicamentos contra o AIDS sejam acessíveis e baratos.
- Lutar para se ter mais acesso a preservativos e medicamentos que possam limitar à disseminação do HIV no organismo.
- Lutar para obter tratamento médico que ajude à população com AIDS fornecido no setor saúde.
- Organizar treinamento para líderes sindicais e educadores.
- Organizar palestras e oficinas para trabalhadoras, trabalhadores e as suas famílias.
- Envolver as esposas, esposos e parceiros (as) dos afiliados do sindicato nas atividades contra o HIV/AIDS.
- Realizar campanhas informativas sobre as doenças de transmissão sexual e sua relação com o HIV/AIDS.
- Educar aos trabalhadores, trabalhadoras e as comunidades quanto à maneira de reforçar seu sistema imunológico para resistir às doenças relacionadas com o HIV/AIDS. Isto significa desenvolver programas de informação sobre a doença.
- Educar aos trabalhadores, trabalhadoras e a todas as pessoas sobre as formas para deter o avanço do HIV. Particularmente focalizando a mudança de comportamento sexual.
- Educar aos trabalhadores e trabalhadoras para enfrentar o HIV/AIDS nos locais de trabalho aplicando as **precauções universais** e o uso de roupa protetora. As precauções universais isolam e destroem o vírus para não representarem um perigo.
- Criar centros de saúde e bem-estar em pontos de descanso de rodovias, portos, estações de ferrovias, etc.
- Animar aos trabalhadores e trabalhadoras para que voluntariamente procurem pelos centros de detecção do HIV.
- Questionar a discriminação, a rejeição e a marginalização que vive a população soropositiva.
- Se solidarizar com as organizações de pessoas com HIV/AIDS e apoiá-las.
- Apoiar as iniciativas de prevenção na sociedade.
- Lutar por condições trabalhistas e por qualidade de vida para a população soropositiva.
- Construir redes contra do HIV/AIDS. Há muitas organizações com programas positivos contra a doença. Os sindicatos não necessitam reinventar a roda, podem trabalhar com programas já existentes aplicando-os no seu próprio contexto.

A seguir se analisará com detalhe algumas destas ações..

DIÁLOGO SOCIAL

Estabelecer a cena na luta contra o HIV/ AIDS nos locais de trabalho.

Encontrar ambientes de trabalho com leis que proíbam a discriminação, sistemas de saúde que garantam assistência e tratamento para pessoas com HIV/AIDS; disposições específicas nos locais de trabalho o com intervenções setoriais, etc. Na maioria dos países, infelizmente, isto está muito longe de se converter em realidade.

Os sindicatos podem difundir as ações nos locais de trabalho, o que seria muito efetivo; porém, não podem substituir as mudanças necessárias no âmbito nacional. As empresas pequenas poderiam considerar os benefícios de oferecer assistência e tratamento aos trabalhadores e trabalhadoras que vivem com o HIV/AIDS, mas talvez não negociem sobre este tema com o sindicato. Sem embargo, estas empresas, através de organizações patronais, possam tal vez entrar num diálogo social a nível nacional onde as responsabilidades das partes sejam claramente expostas.

OS ACORDOS TRIPARTITES

Acordos entre governo, empregador e sindicatos.

São formas mais efetivas para estabelecer as bases das políticas e dos contratos coletivos nos locais de trabalho. Com frequência os sindicatos por si só não contam com os recursos para estabelecer ações efetivas e os empregadores nem sempre podem realizar campanhas de grande alcance.

ESTUDO DE CASO

INICIATIVAS CONJUNTAS DO PESSOAL DE MAR DO SUDESTE DA ÁSIA

Os níveis da população do mar com HIV em alguns locais de a sub-região do Mekong alcançou a mais de 22%. Trata-se de deter esse problema através de uma iniciativa conjunta entre a UNAIDS, a UNICEF, as organizações não governamentais, organismos patronais e governamentais de distintos países da região. Esta iniciativa pesquisou a situação e coordenou uma série de ações, incluindo a realização de um documentário, materiais educativos e a criação de atividades. Grande parte da população do mar é altamente vulnerável porque trabalham ilegalmente ou temporariamente e não estão representados sindicalmente. Para os sindicatos é importante ter conhecimento desse tipo de ação e tratar de se unir a elas o influenciá-las.

Um acordo tripartite favorável deve incluir detalhes específicos e as funções que desempenharão as organizações como as de saúde, de transporte, trabalhistas, os organismos patronais e os sindicatos.

Os sindicatos do transporte poderiam trabalhar em conjunto com federações laborais e outras organizações para realizarem campanhas nacionais patrocinadas pelo Estado em benefício dos trabalhadores e trabalhadoras. Algumas campanhas podem focar a garantia de acesso aos serviços médicos e a prevenção da AIDS com antirretrovirais nos hospitais e clínicas estatais. Os Governos entenderão que as suas campanhas serão muito mais efetivas se são apoiadas pelo movimento sindical.

Aliás, é importante desenvolver estratégias com os empregadores do setor de transportes. Uma campanha efetiva e eficiente é conseguida utilizando o conhecimento e o compromisso dos sindicatos, financiados pelas empresas e pelo governo, e pelos recursos dos organismos de saúde do governo.

É também útil ter um centro nacional para coordenar as ações contra o HIV/AIDS composto por representantes das várias partes. A partir desses centros nacionais se teria acesso, com autonomia, aos recursos para tomar as ações necessárias. Por exemplo, na região do Sul da África, dentro da Sociedade de Desenvolvimento da África Austral (SADC, por suas siglas em inglês) esses acordos estão bastante fortalecidos e existe um organismo coordenador contra o HIV/AIDS em cada país. Formado por representantes de cada nação, se reúnem as três partes como uma só nação para discutir e desenvolver estratégias fronteiriças e outros assuntos.

Os grupos tripartites também podem trabalhar estreitamente com organizações não governamentais locais e internacionais, agências de assistência, organismos sindicais internacionais como a ITF, a Confederação Sindical Internacional (CSI) e agências importantes das Nações Unidas, como a OIT.

ESTUDO DE CASO

PARAGUAI

DECLARAÇÃO DE INTERESSE TRIPARTITE PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA POLÍTICA SOBRE O HIV/ AIDS NO ÂMBITO DO TRABALHO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTE DO PARAGUAI



Em 1º de dezembro de 2010 reuniram-se altos representantes do setor governamental e empresarial com a Union de Sindicatos de Trabalhadores do Transporte (USTT), afiliada à ITF, para assinar um acordo tripartite a favor de uma política sobre o HIV/ AIDS, estabelecendo o seguinte:

- Proteção dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras afetados pelo HIV/ AIDS;
- Prevenção mediante informação, educação e formação de membros do mundo do trabalho do setor transporte, sobre os fatores que aumentam o risco de infecção pela situação trabalhista;
- Promoção dos serviços de atenção e apoio existentes em nível nacional para ampliar o acesso em coordenação com o Ministério da Saúde Pública e Bem-Estar Social;
- Preparação e posterior promoção dos serviços de orientação e assistência para trabalhadores afetados em seus direitos por o HIV/ AIDS ou pela discriminação;
- Estabelecer alianças e sinergias com outras instituições, organizações e programas afins ao tema, incluídas as organizações civis e especialmente as de pessoas que vivem com HIV/ AIDS e as vinculadas à gestão do Estado;
- Constituir no interior da Comissão Interinstitucional para o controle das normas trabalhistas no setor de transporte público e de carregamento, um grupo de trabalho que ficará encarregado de:
 - Procurar o consenso e a aprovação do documento da política entre os representantes tripartites do setor de transporte para o ano 2011;
 - Fomentar a formulação de linhas de políticas sobre o HIV/ AIDS a nível nacional no amplo setor do transporte;
 - Difundir a informação, normativa e resultados das boas iniciativas a todos os integrantes do setor de transporte;
 - Identificar os fatores que aumentam o risco de infecção pela situação trabalhista e promover a aplicação de precauções universais;
 - Incluir nos programas de formação profissional dos motoristas um módulo sobre o HIV/ AIDS;
 - Impulsionar a incorporação paulatina e progressiva de outros setores do transporte e de outros âmbitos de trabalho no Paraguai.



Presidente da USTT assignando a declaração tripartite entre o setor governamental, empresarial e a USTT, 2010

Intervenciones útiles en nuestra Campaña

Lutando contra a rejeição e discriminação em face da população soropositiva

O HIV/AIDS ainda é considerado como algo vergonhoso ou algo que deve ser mantido em segredo. Geralmente, as pessoas que convivem com HIV/AIDS não podem ser sinceras sobre sua doença porque temem ser rejeitadas e discriminadas. Em muitos casos, temem mais a rejeição dos seus companheiros e companheiras de trabalho que a discriminação dos empregadores. Este é um tema muito importante que deve ser abordado pelos sindicatos.

Viver abertamente com o vírus é impossível para muitas pessoas. Muitas temem dizê-lo a seus parceiros (as), o que piora a situação porque podem ser infetadas pelo vírus. É preciso enfrentar a doença sem medo, pois o vírus espalhou-se tão rapidamente porque não se quis admitir que o problema existisse.

O rejeito associado ao HIV/AIDS se baseia no temor, gerado por sua vez pela ignorância e uma sensação de impotência. Muitas pessoas não compreendem a doença, tem prejuízos e medo de pegá-la, ou sentem que cuidar a uma pessoa doente é uma responsabilidade muito grande.

ESTUDO DE CASO

HONDURAS

DESAFIANDO A REJEIÇÃO DO HIV/AIDS NOS PORTOS



17% da população da América Central moram em Honduras. O 60% de seus habitantes são soropositivos. O AIDS é a principal causa de morte entre as mulheres em idade fértil e a segunda causa de hospitalização entre homens e mulheres. As doenças sexualmente transmissíveis são comuns e quase não existe a cultura do uso da camisinha. Quarenta por cento da população tem menos de 24 anos.

Estratégia sindical: Estabelecer o HIV/AIDS como um dos temas principais do sindicato e realizar atividades nos locais de trabalho, em cooperação com agências nacionais e internacionais.

O Sindicato de Trabalhadores da Empresa Nacional Portuária (SITRAENP) forneceu informação sobre a ameaça desta doença a seus afiliados e à sociedade em geral. Com a ideia de proteger aos trabalhadores e trabalhadoras e apoiando as campanhas do governo em contra do HIV, tem integrado atividades em contra da doença dentro dos programas de trabalho sindicais desde 2008. O sindicato participa em conjunto com muitas organizações em campanhas contra o HIV; por um lado, com organizações governamentais e não governamentais; e pelo outro, com sindicatos nacionais e internacionais. Além do apoio da ITF, o SITRAENP tem recebido o respaldo da Federação Sindical Unitária da Dinamarca (3F) que considera o projeto do HIV/AIDS como um dos principais programas e que inclui as trabalhadoras, trabalhadores e a sociedade circundante com quem tem contato.

Atividades:

- O SITRAENP organiza regularmente cursos sobre o HIV/ AIDS nos centros de trabalho com o apoio de um grupo de educadores treinados e distribuem material educativo.
- O sindicato tem um programa de distribuição de camisinhas nos centros de trabalho.
- Foi criado um programa em longo prazo para reduzir a rejeição e a propagação da doença nos portos. O programa inclui mesas de trabalho para os filhos.
- Organização de reuniões e outras atividades focadas na doença no Dia Internacional contra o HIV/ AIDS, o Dia do Trabalho, o Dia Internacional da Mulher e em outras datas importantes do país junto com outros sindicatos.

Resultados até esta data:

- O SITRAENP tem identificado e treinado a um grupo de educadores para alertar os afiliados e lhes oferecer assistência e apoio.
- A campanha para combater a rejeição e a discriminação no local de trabalho foi bem estabelecida e teve sucesso em proteger os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.
- O sindicato negociou contratos coletivos de trabalho com os empregadores, incorporando cláusulas referentes ao HIV/ AIDS que incluem o acesso de assistência e tratamentos antirretrovirais para os trabalhadores e trabalhadoras soropositivos.



Cartas desenhadas pelo ativista sindical ferroviário da Índia, D. P. Mishra

Exemplos de rejeição:

- Recusar-se a trabalhar com uma pessoa soropositiva.
- Recusar-se a dividir pratos, sabonete ou o mesmo espaço com uma pessoa soropositiva.
- Recusar-se aceitar bebidas ou alimentos oferecidos por uma pessoa soropositiva.
- Recriminar a uma pessoa soropositiva por ter o vírus
Como o vírus é transmitido através da atividade sexual, a pessoa é qualificada como havendo feito algo vergonhoso para contagiar-se do vírus, o que é falso, pois toda pessoa pode se contagiar.

Exemplos de discriminação no trabalho:

- Não empregar, promover ou treinar o trabalhador ou trabalhadora que se supõe seja soropositivo.
- Negar-lhe acesso a programas de saúde das empresas, seguros médicos, seguro de vida e fundos de pensão.
- Não respeitar a confidencialidade.
- Examinar / analisar a pessoa para detectar a presença de HIV/AIDS com propósitos de outorgar emprego.



A voz coletiva é uma das ferramentas principal contra o HIV/SIDA

A rejeição acontece como um segredo e em silêncio, porém sempre deve se ter presente o slogan da exitosa campanha de ação em Nova York da Coalizão do AIDS para Desatar o Poder (ACT UP, por suas siglas em inglês): **"Silêncio = Morte"**. Quando as pessoas fazem silêncio não tem consciência do seu risco, não se analisam, não obtém tratamento e não falam sobre a sua situação com outras pessoas, em momentos vulneráveis quando o contágio pode se produzir.

Em termos políticos, quando a pessoa não se manifesta (exercendo o direito de permanecer calada, que é um direito de nascimento) – outros falarão por ela, podendo estar mal representada e ser mal interpretada. Para criar uma consciência coletiva é essencial gerar circuns-

tâncias sociais seguras nas quais os indivíduos possam falar de forma aberta e honesta sobre o HIV/AIDS; as circunstâncias que podem levar a se infectar; suas experiências com a discriminação e perseguição; assim como seus esforços para obter tratamento. Quando as pessoas dialogam sobre o HIV, não somente quebram o a isolamento que causa a rejeição, mas também criam a possibilidade de combater a doença através de uma voz coletiva.

A ITF considera que ao se falar das experiências a voz coletiva dos trabalhadores e das trabalhadoras do transporte pode ser fortalecida, fomentando a confiança e as ações sobre a discriminação e a rejeição no local de trabalho e na sociedade. Também pode aumentar a consciência e o conhecimento sobre o HIV/AIDS, alentando aos trabalhadores e trabalhadoras para conhecer seu estado de saúde.

Uma forma de lutar contra a rejeição e a discriminação é se assegurar de que tudo é informado com relação ao HIV/AIDS. Outra forma muito importante é dar o exemplo. Como dirigentes sindicais ou afiliados do sindicato, deve haver um comportamento de

apoio e assistência às pessoas soropositivas, de forma de servir de exemplo e demonstrar que não há nada a temer das pessoas infectadas. O espírito de solidariedade e apoio trabalhista para os afiliados do sindicato e os trabalhadores e trabalhadoras deve estar presente quando o tema do HIV/AIDS é discutido.

Algumas vezes, as pessoas tem medo de trabalhar com alguém seropositivo, tem o temor dessa pessoa se ferir e sangrar perto de eles, sendo fácil que o sangue de uma pessoa se misture com a outra. As **precauções universais** podem evitar que isso aconteça. É responsabilidade do sindicato educar a todos os trabalhadores e trabalhadoras para que não temam trabalhar ou socializar-se com trabalhadores e trabalhadoras soropositivas.

Reduzindo os atrasos nas fronteiras

Os sindicatos de transporte têm identificado que um dos principais fatores para a disseminação do vírus do HIV/AIDS é o longo tempo que muitas vezes os motoristas devem esperar para atravessar as fronteiras. Todos os trâmites burocráticos realizados por algumas autoridades – além das propinas que tem que pagar em alguns países- resultam em dias perdidos nos cruzamentos fronteiriços para os trabalhadores e trabalhadoras, tendo em conta que em alguns países os cruzamentos fronteiriços são ineficientes e caros.



O Sindicato Interempresa de Choferes de Camiones (SITRACH) realiza de forma consistente campanhas contra o HIV/AIDS e Fadiga Mata nas estradas do Chile

Como resultado das longas demoras, os motoristas têm muito tempo livre, sendo atraídos a visitarem as trabalhadoras e trabalhadores sexuais, ou a se envolverem em atividades não saudáveis.

Comunidades inteiras se estabelecem ao redor dos postos fronteiriços mais importantes para suprir as necessidades das/dos transportadores (as) em bordéis, cantinas e outros negócios, aumentando o perigo da propagação do vírus, tanto entre os trabalhadores e trabalhadoras do transporte como entre os integrantes da sociedade. Em algumas populações os transportadores são a única fonte econômica na área.

Os comitês tripartites que enfrentam o problema do HIV/AIDS no setor de transportes necessitam com urgência buscar formas de agilizar o tempo nas fronteiras. Isto pode incluir o incremento de procedimentos combi-

dados - em substituição de uma forma para a entrada e outro para a saída -; criar métodos eficazes nos trâmites necessários para a importação e exportação de mercadorias através das fronteiras, especialmente dentro das zonas com desenvolvimento econômico; entre outros. O resultado desses esforços significou que os motoristas estarão menos tempo longe de seus lares, melhorando suas condições de trabalho ao liberá-los de muitas frustrações.

Os sindicatos de transporte e as mudanças de comportamento

Ao se conhecer uma das formas de infectar-se do HIV/AIDS que é por contato sexual sem proteção adequada, a luta contra a doença do HIV/AIDS pode ser vencida logrando-se uma mudança de conduta. É certo que os fatores que determinam essa mudança são complexos (ver o Cap.2) e os sindicatos necessitam ter isto em conta. Uma informação bem estruturada e fácil de transmitir será o ponto de partida de qualquer campanha contra o HIV/AIDS. Como se viu anteriormente, é difícil de se localizar os trabalhadores e trabalhadoras do transporte devido à sua mobilidade, por isso tem-se desenvolvido ideias inovadoras como os

centros de bem-estar ao longo do caminho na África Subsaariana; também é preciso estender uma rede de educação para que todos os trabalhadores e trabalhadoras do transporte obtenham informação básica sobre o HIV/AIDS e as formas de prevenção. Os motoristas devem ser alentados a levar consigo material educativo para distribuição nos pontos de caminhões, na sociedade, etc.

Os trabalhadores e trabalhadoras do transporte podem levar a campanha da ITF contra o HIV/AIDS a todas as populações ao longo das suas rodovias, portos, etc., em caso de estar capacitados para fazer esta tarefa. Nos Contratos Coletivos se poderia incluir alguma cláusula para que as trabalhadoras e trabalhadores tivessem tempo para se reunir com outros trabalhadores, populações, etc. para realizar pequenas oficinas e grupos de trabalho sobre o HIV/AIDS.

ESTUDO DE CASO

ARGENTINA

COLABORACIONES PARA PROTEGER A LA GENTE DE MAR, SUS FAMILIAS Y COMUNIDADES: EL CENTRO DE JEFES Y OFICIALES MAQUINISTAS NAVALES LLEVA LA DELANTERA

Ainda que a presença do HIV seja menor a 1% na Argentina, a doença tem-se concentrado entre o pessoal de mar, sendo seu contágio maior que a média nacional. A principal forma de transmissão do HIV é por relações sexuais e as infeções aumentam entre o pessoal jovem, especialmente entre as mulheres. A maioria dos países da América do Sul, incluindo Argentina, tem acesso universal ao tratamento contra o HIV.

No entanto, em muitos países os programas de prevenção têm sido mais limitados como resultado da carência de vontade política e a insuficiência de recursos. A prevenção tem sido feita por organizações não governamentais e organismos internacionais, com suas exceções como no Brasil, onde a prevenção tem-se vinculado com a defesa dos direitos humanos.

Os sindicatos estão demonstrando interesse neste tema, não só porque seus afiliados podem ser infectados, mas também por seu compromisso na luta contra a discriminação, o que significa que desempenham uma função muito importante. O sindicato argentino "Gente de Mar, Centro de Chefes e Oficiais Maquinistas Navais" (CJOMN), ficou na vanguarda das ideias criativas contra o HIV/AIDS.

Estratégia Sindical: formação de alianças para integrar os programas.

O CJOMN considera que os sindicatos devem saber sobre os aspetos sociais e trabalhistas do HIV/AIDS, assim como fornecer programas preventivos para que os locais de trabalho, as famílias e as sociedades fiquem livres da doença. Para isso, o CJOMN integra o tema do HIV/AIDS no núcleo de suas estruturas trabalhistas, como em Contratos Coletivos de Trabalho, focando-se na educação e no treinamento dos trabalhadores. Com a finalidade de assegurar um apoio especial para este programa, o CJOMN assinou acordos com três organismos: a Associação Nacional de Armadores, o renomeado Hospital Muñiz de Buenos Aires e com a Escola Náutica Nacional "Manuel Belgrano", sucursal regional da Universidade Marítima Mundial e uma das poucas escolas navais no mundo certificada com a ISO 9000.

Atividades:

- 1. O CJOMN negociou com êxito um Contrato Coletivo de Trabalho com os armadores que inclui a cláusula que ressalta a necessidade de programar o Repertório de Recomendações Práticas da OIT sobre o HIV/ AIDS e o mundo do trabalho, assim como outros requerimentos estabelecidos pelo Governo Argentino.**
- 2. O acordo de cooperação com o Hospital Muñiz tem a intenção de educar sobre o HIV/ AIDS e promover a prevenção entre o pessoal de mar. Essa aliança surgiu de uma colaboração entre o CJOMN e o hospital, quando organizaram dois seminários sobre o HIV/ AIDS. Como parte do acordo de cooperação sobre a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras foi realizadas sessões educativas sobre a doença no hospital, adaptando-as ao contexto e necessidades do pessoal de mar. Em 2009 foram feitos três seminários educativos para os afiliados do CJOMN.**
- 3. O acordo com a Escola Náutica apresenta amplos benefícios em longo prazo, pois a escola incluirá o HIV/ AIDS no seu plano de estudo de saúde, segurança e primeiros socorros. Isto assegurará ao pessoal de mar maiores conhecimentos sobre o HIV/ AIDS e estarão treinados para transmitir a informação a seus companheiros e companheiras a bordo das embarcações.**
- 4. O CJOMN constantemente produz documentários sobre o HIV/ AIDS e os riscos para a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras do transporte, os quais são difundidos entre seus afiliados através da página na internet: www.maquinaval.org.ar/**
- 5. O CJOMN está realizando novos acordos para estender sua campanha de prevenção a outros trabalhadores e trabalhadoras do transporte e está prestes a assinar um acordo com a Secretaria de Agricultura, Ganadeira, Pesca e Alimentos para incluir os trabalhadores e trabalhadoras do setor pesqueiro.**



O Presidente de CJOMN (direita) assignando o Contrato Coletivo de Trabalho.

Centros de bem-estar

Os exemplos dos centros de bem-estar ao longo das rodovias na África do Sul demonstra que é uma das formas mais efetivas de lutar contra o HIV/AIDS no setor de transportes. Muitos transportadores sindicalizados pensam que esses centros podem ser a pedra angular na luta contra o HIV/AIDS. Alguns centros são comumente produto de convênios tripartites ou por doações, mas sua implementação é realizada em cooperação com os sindicatos. Devido à limitação de fundos econômicos, os centros geralmente estão estabelecidos num contêiner ou num quarto com uma enfermeira ao lado de um sindicato. São distribuídos preservativos e informação impressa, oferecendo-se assistência e análises de HIV em forma confidencial, e também tratamentos contra doenças de transmissão sexual, doenças oportunistas e prevenção em geral.

Entretanto, é importante se aproximar dos empregadores, do governo e de outras organizações para unir esforços no setor do transporte e poder criar centros que tenham um grande impacto no bem-estar dos trabalhadores.

O ideal é que esses centros fiquem nas áreas onde os trabalhadores e trabalhadoras se reúnam, por exemplo, em postos fronteiriços, portos, estações ferroviárias, terminais de caminhões, centros para pessoal de mar e outras áreas de trânsito. Também é necessário que os serviços oferecidos fiquem disponíveis para os acompanhantes dos motoristas, trabalhadoras e trabalhadores sexuais e todas as pessoas na sociedade. Se existissem centros de saúde para os trabalhadores e trabalhadoras sexuais, sua saúde sexual melhoraria e resultaria numa forma de prevenção para os todos os trabalhadores e trabalhadoras.

Um centro de bem-estar ideal ofereceria instalações de duchas e quartos limpos, sem custo ou completamente subsidiados; uma cafeteria com alimentos saudáveis; sala de televisão e mesas de sinuca; uma clínica completa que ofereça assessorias, análise e tratamento; assim como uma oficina de assessoramento sindical com um diretor ou representante em tempo integral. Seria desejável que os motoristas contassem com estacionamento adequado, segurança, serviço telefônico e internet.



Os Centros de Bem-Estar são uma ferramenta importante na luta contra o HIV/AIDS.

As alternativas de lazer forneceriam ao trabalhador e trabalhadora opções mais saudáveis e livres de riscos para eliminar seu tédio e estresse. Por esta razão, seria uma boa ideia que os centros tivessem mesas de sinuca, sala de televisão, internet, revistas, jornais e talvez, alguns instrutores para ministrar exercícios para os motoristas que usualmente passam longas horas sentados.

Os centros de bem-estar devem desenvolver-se como um convite que gere um grande incentivo para os motoristas que tem viajado por muito tempo. As companhias de transporte poderiam usá-los para coordenar envios, abrindo locais nos centros de bem-estar maiores. As viagens dos motoristas poderiam planejar-se em etapas de acordo com o tempo que leva chegar de um centro ao outro. Se as trabalhadoras e trabalhadores se reportam ao chegar a cada centro, os empregadores teriam mais segurança para localizar o material transportado.

Uma vez que os motoristas sintam como próprio um centro de bem-estar, isto seria de grande ajuda para diminuir alguns dos perigosos e insalubres efeitos da vida nos caminhos e se poderia lutar melhor contra da propagação do vírus, fornecendo alternativas sãs perante estilos de vida que muitos trabalhadores e trabalhadoras usualmente enfrentam.

Os motoristas poderiam se registrar nos centros de bem-estar, tendo o direito de entrar no mesmo e obter todos os benefícios que possam ser oferecidos.

Unidades móveis

Os Centros de Bem-estar também poderiam ser unidades móveis que transitem ao longo das rodovias, oferecendo assessoramento de saúde, sindical e análises voluntárias.



A North Star Alliance (NSA) é uma fundação público-privada que está estabelecendo na África e na Ásia uma rede de Centros de Bem-estar ao longo das rodovias, nas paradas principais de caminhões e nos cruzamentos fronteiriços. Atualmente existem planos de estendê-los para a América do Sul. A NSA foi fundada em 2006 pela companhia de envios e logística TNT, com apoio do Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas (PMA). A fundação é oficialmente apoiada pelo programa conjunto da ONU contra o HIV (UNSIDA), a Federação Internacional dos

Trabalhadores em Transportes (ITF) e pela Federação de Associações do Transporte Rodoviário do Leste e Sul da África (Federation of East and Southern Africa Road Transport Associations, FESARTA). Dentro da NSA, a ITF tem um assento tanto no Conselho Consultivo, como no Comitê Diretivo para fornecer planos estratégicos. A ITF apoia à NSA anunciando os centros de bem-estar ao longo das rodovias, contribuindo na produção de materiais de comunicação para os trabalhadores do transporte, mobilizando seus afiliados para apoiar as atividades especiais dos centros e para lograr a união da sociedade.

A NSA opera 25 centros na África e se espera contar com 30 a mais nos próximos 5 anos na África, Ásia e América do Sul; esses centros são também um espaço importante nos quais os sindicatos podem contatar e se comunicar com os trabalhadores não organizados.

Para maiores informações sobre a NSA acesse a página na internet www.northstar-alliance.org (Conteúdo só em inglês).

Iniciativas para o cruzamento nas fronteiras

É importante que a luta para combater o HIV/AIDS não se detenha nas fronteiras nacionais, pois o vírus não necessita passaporte nem visto para se propagar. Quando possível, podem-se formar grupos de afiliados de vários países com a finalidade de desenvolver estratégias nos cruzamentos de suas fronteiras.

Seria positivo intervir diretamente com as suas contrapartes nos sindicatos dos países vizinhos. Inclusive se poderia realizar um acordo de ajuda mútua para os afiliados do sindicato do país vizinho quando estejam no seu território e vice-versa.



Seminário da ITF Américas sobre HIV/AIDS, 2007.

ESTUDO SOBRE ASSISTÊNCIA

COLABORAÇÃO FRONTEIRIÇA NA LUTA
CONTRA O HIV/ AIDS

O Corredor Norte da África Oriental abrange 1.200 quilômetros de Kampala na Uganda até a cidade de Mombasa, (Quênia) no Oceano Índico. As rodovias estão integradas pelos países vizinhos incluindo Burundi, a República Democrática do Congo, Ruanda, Tanzânia e Sudão. Regularmente mais de 8.000 motoristas (de ambos os sexos) trabalham com salários mensais equivalentes a uma média de US\$150. Um número equivalente de profissionais do sexo se aposta ao longo da rodovia, cobrando quase US\$2 por cliente. (Veja Morris, C. e Ferguson, A.(2007), *Sexual and treatment-seeking behavior for sexually transmitted infection in long-distance transport workers of East Africa*).

Com o apoio da ITF os sindicatos atingidos reuniram-se durante ano de 2007 para discutir o tema das condições de trabalho ao longo do Corredor do Norte e os principais riscos aos que estão expostos os trabalhadores e trabalhadoras.

Os sindicatos participantes Amalgamated-Transport & General Workers' Union (ATGWU); Long Distance and Heavy Truck Drivers' Association; Long Distance Truck Drivers' Association e Communications and Transport Workers' Union of Tanzânia, assinaram um acordo para estabelecer a sua cooperação nos cruzamentos fronteiriços para fornecer informação e educação sobre o HIV/ AIDS.

O alvo particular é o respeito devido aos direitos dos/ das motoristas e simplificar - ou eliminar - os procedimentos burocráticos nos postos fronteiriços que provocam retrazos excessivos e corrupção.

O ATGWU e os afiliados à ITF de Burundi, Congo, Quênia e Tanzânia, assim como Organizações não governamentais, estão apoiando os projetos para os/ as motoristas de longa distância

ao longo do Corredor do Norte: o Projeto Roads, apoiado pela Agencia dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e o projeto denominado "Iniciativa das Grandes Lagoas" sobre o HIV/ AIDS (GLIA), apoiado pelo Banco Mundial. No projeto ROADS, o ATGWU abriu um centro de assistência em cada uma das quatro fronteiras da Uganda.

No projeto GLIA, o ATGWU em parceria com o National Fórum of People with HIV/ AIDS Networks in Uganda (NAFOPHANU), estabeleceu três centros de educação ao longo do Corredor do Norte.

Os centros de assistência se estabeleceram nos pontos fronteiriços e os centros de educação nos pontos de descanso dos caminhões. Os centros oferecem serviços similares e complementares. Cada centro tem coordenadores em tempo integral, supervisionando os equipamentos dos educadores e assessores que organizam as reuniões com os/ as motoristas para os habitantes das sociedades regionais.



Para conhecer mais sobre o Corredor do Norte sugerimos ver o documentário:

Caminho da Esperança

Para solicitar uma copia do DVD
enviar uma mensagem a:
education@itf.org.uk

“Um grupo tem sido esquecido, é o grupo das esposas dos motoristas. Elas correm risco de se contaminar com o HIV e mantê-lo no seu organismo para eventualmente morrer de AIDS. Mas ninguém fala delas.”

Esposa de um caminhoneiro em Ruanda

Envolvendo os membros da família nas atividades informativas

Alguns sindicatos começaram envolver os membros da família com sucesso (veja o estudo de caso na página 29 do Capítulo 2). Isto constitui um passo muito importante, pois atualmente em muitos países as famílias não falam sobre o perigo do HIV/AIDS. Outra vantagem é que as crianças também são informadas sobre a doença.

Viajando com membros da família

O Conselho de Sindicatos de Zimbawe (ZCTU, pelas suas siglas em inglês) reconheceu os problemas que os/as motoristas devem enfrentar quando deixam durante muito tempo seus lares. Por isso, iniciaram uma campanha para lhes permitir viajar com seus parceiros, com outros membros da família ou com companheiros. Essa iniciativa foi legislada no Zimbawe e resultou altamente benéfica para evitar o longo afastamento dos/das motoristas de suas famílias e prevenir acidentes ao ter um

acompanhante que ajude a se concentrar nos viagens longas. Os sindicatos do transporte deveriam fazer campanhas para obter esse direito que ajuda a deter a propagação do HIV e melhora a qualidade de vida dos trabalhadores e trabalhadoras.



O envolvimento das famílias na luta contra o HIV/AIDS
Sindicato Nacional de Trabajadores del Transporte (SNTT), Colombia

Sindicatos do transporte, assistência e análise voluntárias

Uma das dicas para lutar com sucesso contra o HIV é a assistência e as análises de sangue. Preferencialmente a assistência e as análises seriam fornecidas nos centros de bem-estar, já que seria mais efetivo e acessível para os/as motoristas. Outro lugar poderia ser as instalações do sindicato.

Porém, é muito importante que essa iniciativa surja nos sindicatos ou pelo menos que conte com o apoio do movimento trabalhista, pois muitos trabalhadores sentem temor de serem discriminados pelos empregadores. Antes dos sindicatos apoiarem o assessoramento e as análises, a confidencialidade e continuidade dos serviços têm de ser garantida, particularmente no que tange ao pessoal diagnosticado com HIV. (Ver Capítulo 2).

A EDUCAÇÃO ORGANIZADA É A BASE DA CAMPANHA CONTRA O HIV/AIDS

Os modelos de conduta podem oferecer apoio

Se as pessoas que pertencem ao movimento sindical se abrem com relação ao seu estado com relação à infecção por HIV, ajudarão a quebrar o silêncio que existe sobre a doença. Certamente, ninguém deverá ser pressionado a revelar se é soropositivo, mas todos deveriam ser alentados para vivê-lo abertamente. Desta maneira seria mais fácil apoiar as redes de ajuda.

A população necessita ajuda prática

Uma pessoa soropositiva ou alguma pessoa com um familiar soropositivo enfrenta muitos problemas, tal como a questão financeira, para pagar as medicações e tratamentos, a precária informação para se cuidar o cuidar à pessoa infectada e a confrontação ou rejeição de muitas pessoas. Se o sindicato apóia os trabalhadores e trabalhadoras com esses problemas, eles se sentirão melhor e serão capazes de enfrentar a vida de uma maneira positiva.

Se os contratos coletivos de trabalho ou políticas do local de trabalho desenvolvem programas para controlar a doença, isto será de grande ajuda para as necessidades básicas dos trabalhadores e trabalhadoras. A situação ideal para um trabalhador ou trabalhadora é poder assistir a um centro de bem-estar atendido por trabalhadores e trabalhadoras da saúde, sindicalistas e educadores que lhes ajudem nas questões de saúde, trabalhistas e de informação. O ideal é esses centros proporcionarem assistência e análise de sangue a todos os que necessitem tais serviços.

ESTUDO DE CASO

EDUCADORES VIAJEIROS NA UGANDA

Na Uganda, o Amalgamated Transport & General Workers' Union (ATGWU) e o Railway Workers' Union (URWU) estão levando informação acessível sobre o HIV/ AIDS aos trabalhadores e trabalhadoras do transporte em todo o país. Os educadores que foram treinados realizam seminários com 50 trabalhadores e trabalhadoras sobre prevenção nas estações de ferrovias, paradas de caminhões e nos escritórios dos sindicatos; também visitam mulheres e crianças dos arredores e fazem promoção de assistência e análises voluntárias. O projeto é implementado através de um grupo de animadores em parceria com quatro organizações da sociedade.

Uganda alcançou muito sucesso na luta contra o HIV/ AIDS, pois é o único país africano onde os níveis do vírus têm diminuído consideravelmente. Isto foi conseguido graças às ações tomadas para difundir a informação e a luta contra a rejeição. Porém, a população da Uganda ainda necessita ter acesso a mais tratamentos.



Trabalhadores e trabalhadoras difundindo informação sobre o HIV/AIDS em Uganda.

Construindo redes de apoio para pessoas soropositivas

Os centros de bem-estar e outras iniciativas para melhorar a vida e a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras do transporte deverão também focar-se na criação de redes de apoio. A assistência oferecida aos trabalhadores e trabalhadoras deve também ser estendida às famílias e às sociedades nas quais elas moram. O HIV/AIDS afeta os locais de trabalho e as sociedades, existindo formas diferentes de se ajudar uns a outros. Os sindicatos do transporte podem ter uma função importante como organizadores de redes de apoio e sustentar as campanhas como o acesso universal ao tratamento antirretroviral em cada país.

Os sindicatos ainda podem desenvolver programas educacionais para treinar os educadores na mesma forma em que os dirigentes sindicais foram capacitados.

Seguindo as medidas bem-sucedidas das iniciativas de assistência e análises, o sindicato de mototáxis da Ruanda estabeleceu um grupo de assistência e apoio para membros com HIV, esposas e viúvas.

Annonciata Uwi-zeyimana é a presidenta, seu esposo trabalha como motorista de um táxi com uma motocicleta; eles têm três filhos de onze, seis e cinco anos. Ela tem muito medo de fazer-lhes as análises de HIV/ AIDS: "Na Ruanda a população não fala sobre o AIDS, em nossa sociedade ainda é um grande tabu," comentou. "Nosso grupo tem nos ajudado para saber mais sobre o HIV/ AIDS e vivê-lo positivamente. Agora já não temos medo de admitir abertamente que contraíram a AIDS e de exigir que nos tratem como seres humanos."

Durante o ano 2012 na capital de Ruanda, Kigali, de 1.012 membros no grupo, 720 foram analisados, e foram detectadas 65 pessoas com HIV/ AIDS e 30 delas vieram a falecer.

Sindicatos do transporte como grupos de defesa e apoio

Os sindicatos do transporte encontram-se numa posição única para pressionar por tratamentos contra o HIV/AIDS. Podem empregar seu poder como sindicato organizado para promover políticas progressistas sobre este tema nos contratos coletivos e no fórum sindical.

Os trabalhadores do transporte poderiam ter contato com os grupos marginalizados como o das trabalhadoras e trabalhadores sexuais, criando vínculos de apoio para esses grupos.

É muito importante não desperdiçar tempo duplicando as ações que se realizam. É melhor se unir a outras organizações que estão lutando para ter acesso aos tratamentos contra o HIV/AIDS; ou os que lutam pelos direitos legais das pessoas que vivem com o vírus; ou pelos direitos das trabalhadoras sexuais, entre outras ações.



Ciclo de Palestras sobre doenças que afetam os Trabalhadores em Transportes na Confederación Argentina de Trabajadores del Transporte

A campanha da ITF contra o HIV/ AIDS

Com o apoio da FNV Mondiaal, os afiliados da ITF na África, Sul da Ásia, América Latina e Caribe conseguiram integrar projetos educacionais nas suas regiões durante os últimos 15 anos. Esses projetos ajudaram a situar o HIV/AIDS no centro das atividades sindicais, fazendo com que os membros adquiram mais conhecimentos sobre a doença. Alguns sindicatos têm desenvolvido políticas nos locais de trabalho e programas, incorporando nos contratos coletivos de trabalho cláusulas relacionadas à luta contra o HIV/AIDS.

Na era da globalização, o HIV está se estendendo consideravelmente; já não é um problema regional ou de continentes, é um problema mundial. Controlar a doença requer lutar com grande determinação junto à origem que sustenta a epidemia. É preciso derrubar as barreiras da rejeição, da discriminação, da desigualdade de gênero e outras violações aos direitos humanos; se requer vencer as novas injustiças criadas pela AIDS, tais como a eliminação das capacidades humanas e institucionais. Com fundos fornecidos pela FNV Mundial, a ITF tem realizado um projeto global contra o HIV/AIDS desde Março de 2006, com o objetivo de programar uma campanha internacional para facilitar um processo onde os sindicatos do transporte de todo o mundo tenham uma importante função na redução da vulnerabilidade dos trabalhadores, das trabalhadoras e de suas famílias, por meio da coordenação em escala internacional para mobilizar e globalizar a solidariedade.

A estratégia da ITF contra do HIV/AIDS foi apoiada e aprovada pelo Comitê Executivo e pelos afiliados presentes no 41º Congresso Internacional da ITF, realizado em 2006, em Durban, África do Sul. A estratégia consiste de três elementos inter-relacionados que se sustentam e se reforçam uns a outros: o primeiro é introduzir o tema do HIV/AIDS nos sindicatos do transporte e no trabalho diário das seções da ITF, com base na estrutura ideológica do sindicato; o segundo, através das atividades dos afiliados, apoiando e coordenando as ações dos sindicatos do transporte para intensificar os alertas, na negociação de contratos coletivos de trabalho e políticas no local de trabalho sobre o HIV/AIDS, apoiando os governos locais e às instituições internacionais, e procurando os meios para que os trabalhadores e trabalhadoras soropositivas recebam os tratamentos e assistência adequada; e o terceiro, se assegurar que a informação transmitida seja entendida, compartilhada e utilizada por todos os afiliados para se defender e melhorar os direitos e condições dos trabalhadores e trabalhadoras do transporte.

No 41º Congresso Internacional da ITF no Durban, a ITF decidiu aumentar suas atividades sobre o HIV/AIDS. A campanha da ITF se baseia no Repertório de Recomendações Práticas da OIT sobre o HIV/AIDS e o mundo do trabalho. Essas recomendações foram aceitas pelos sindicatos, empregadores e governos, sendo uma grande ferramenta de negociação e uma excelente base para as políticas das organizações. (*Disponível para download em espanhol em www.ilo.org/aids/Publications/*)

Atualmente a ITF está trabalhando com muitos de seus afiliados ao redor do mundo para deter o HIV/AIDS. Os fundos de Solidariedade dos sindicatos e os fundos das organizações externas apoiam a campanha, mas ainda há muito a fazer.



ORGANIZANDO-NOS MUNDIALMENTE
LUTANDO PELOS NOSSOS DIREITOS

RESOLUÇÃO 4: HIV/ AIDS E OS TRABALHADORES EM TRANSPORTES

O 41º Congresso da ITF, reunido em Durban de 2 a 9 de agosto de 2006:

1. RECONHECENDO que a epidemia de HIV/AIDS alcançou dimensões catastróficas para milhões de pessoas e regiões inteiras do planeta;
2. RECONHECENDO que a África Subsaariana apresenta os maiores índices de propagação e mortalidade do mundo e que a pobreza é um fator que tem contribuído e exacerbado a pandemia do HIV/AIDS na região;
3. CONSCIENTE da necessidade de um compromisso mundial com relação a um programa de ação eficaz, para prevenir, controlar e finalmente erradicar o HIV/AIDS, no qual o movimento sindical mundial deve participar de forma destacada;
4. RECONHECENDO que aproximadamente 37 milhões de trabalhadores em idade produtiva são soropositivos, e que a mão de obra nos países com incidência elevada será em 2020 entre 10% e 30% menor do que teria sido se não existisse o HIV/AIDS;
5. CONSTATANDO que, embora conseguir uma mudança de comportamento constitui elemento indispensável da estratégia sindical contra o HIV/AIDS, a realidade demonstra que o vírus recebe uma influência profunda de outros fatores de natureza econômica e política, incluídos o racismo e a discriminação com base na orientação sexual, devendo ser abordadas com urgência;
6. OBSERVANDO que a doença explora todas as oportunidades e avança ao longo das linhas de pobreza, da desigualdade e dos conflitos entre e dentro dos países, incluídos os deslocamentos de populações, a violação como arma de guerra, o colapso dos sistemas de saúde, o incremento no abuso de substâncias, etc.;
7. CONSTATANDO que a propagação da AIDS coincidiu com os “programas de ajuste estrutural” apoiados pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial; e que as reduções na despesa em termos de educação e de saúde deixaram multidões de pessoas na ignorância sobre temas de saúde básicos e incapazes de receberem tratamento para outras doenças que, tal como demonstrado, aumentam a vulnerabilidade perante o HIV;
8. OBSERVANDO que a dimensão de gênero resulta crucial no HIV/AIDS. As mulheres geralmente são menos capazes de negociar um sexo seguro, sofrem um estigma social maior quando são soropositivas e, por serem as principais pessoas que cuidam das famílias, são as que recebem geralmente uma carga adicional se alguém contrai o HIV no lar;
9. CONSTATANDO que o HIV/AIDS é uma questão sindical que afeta os membros dos sindicatos e aos próprios sindicatos como organizações. Nos países mais afetados, os sindicatos já perderam alguns dos seus representantes principais e ativistas, sendo afetados na sua capacidade de funcionamento efetivo;
10. CONSTATANDO que o HIV/AIDS preocupa especialmente ao pessoal de transportes. Certos coletivos de trabalhadores correm riscos especiais de transmissão em razão da natureza e das condições do seu trabalho. Muitos trabalhadores em transportes passam longos períodos de tempo longe dos seus lares;
11. OBSERVANDO que a evolução recente da liberalização do comércio mundial e da globalização da produção tem propiciado várias mudanças econômicas e o desenvolvimento do foco logístico e intermodal nos transportes, provocando pressões mais intensas sobre as condições de trabalho, as práticas trabalhistas e os direitos dos funcionários. A estas pressões acrescenta-se a vulnerabilidade do pessoal em transportes.
12. CONSTATANDO que o transporte é uma indústria predominantemente masculina e com frequência associada a uma cultura machista, que inclui estar aberto a ter relações sexuais quando se está fora do lar. As mulheres trabalhadoras, como são minoria, são mais vulneráveis ao assédio e à coação;
13. TOMANDO NOTA de que a ITF está se esforçando para sensibilizar o pessoal de transportes e os/as trabalhadores/as sexuais conexos, sobre a necessidade de incluir no seu trabalho educacional o papel do tráfico ilegal e da exploração das mulheres na indústria do sexo.

14. DECIDE O seguinte:

- A ITF deveria continuar com as atividades detalhadas na resolução sobre HIV/AIDS aprovada pelo 40º Congresso da ITF em Vancouver, em 2002;
- A ITF deveria continuar ampliando o seu programa educacional em matéria de HIV/AIDS em todas as regiões, com a finalidade de desenvolver a capacidade dos sindicatos de negociar políticas de empresa, programas e acordos coletivos inspirados no Repertório das práticas da OIT e em outros documentos pertinentes, incluídas as Convenções da OIT sobre deficiência e discriminação. A ITF deveria continuar participando nos projetos da OIT sobre HIV/AIDS como forma de influir nos governos e empregadores;
- A ITF deveria lutar contra o HIV/AIDS no marco do programa "Nos organizando Mundialmente", incentivando seus sindicatos filiados a se engajar na luta contra o HIV/AIDS mediante os esforços de organização dos trabalhadores, e concretamente dos trabalhadores informais, tanto homens quanto mulheres;
- A ITF deveria incluir a perspectiva de gênero em todas as atividades relacionadas com o HIV/AIDS, e incluir as mulheres que trabalham em transportes entre os objetivos de todas as suas iniciativas educacionais, de campanha e organizacionais. Todos os esforços envidados para enfrentar a transmissão do HIV precisa abordar as desigualdades de gênero e a violência contra as mulheres na sociedade e no local de trabalho;
- A ITF reconhece com satisfação o programa e a campanha sobre o HIV/AIDS lançados pelos Globais Unions na ocasião do Dia Mundial da AIDS em 2003, e decide promover da melhor maneira possível à referida campanha entre os Sindicatos de Transporte. A ITF deveria organizar uma campanha inter-setorial sobre HIV focando questões de relevância para todos os setores do transporte, tanto de países desenvolvidos como em desenvolvimento. Concretamente deveria incidir no acesso ao tratamento e defender o direito de todos os países de fabricar fármacos genéricos.
- A ITF deveria se esforçar para integrar as atividades relacionadas com o HIV/AIDS em todas as Seções da ITF, especialmente o tema da inclusão de uma cláusula sobre o HIV nos acordos negociados com companhias multinacionais;
- A ITF deveria cooperar com as ONGs internacionais e com outras organizações [que trabalham] no âmbito do HIV/AIDS a fim de concentrar esforços em países/regiões concretos (ao longo dos corredores de transportes) nos quais possa oferecer follow-up, testes e tratamento para o pessoal dos transportes. Tais iniciativas deveriam também conectar com os esforços para incrementar a organização sindical;
- A ITF, junto com a CIOSL e outras federações sindicais internacionais, deveria incidir e fazer campanha contra as influências sociais negativas das políticas das instituições financeiras internacionais, no contexto do HIV/AIDS; e preparar um conjunto de reivindicações para que os sindicatos possam exercer pressão perante os seus respectivos governos, em escala nacional;
- A ITF continuará construindo um projeto mundial de luta contra o HIV/AIDS, mediante o trabalho em horário integral de um Coordenador durante três anos, reconhecendo o generoso suporte econômico oferecido pela FNV Mondiaal da Holanda para esse projeto especificamente.



IDEAIS PARA A AÇÃO EM CAMPANHAS E EDUCAÇÃO

Aqui encontraremos algumas ideias para oficinas, atividades educacionais e campanhas de HIV/AIDS. Por favor, adapte-as conforme as suas necessidades.

- **Discutir as seguintes perguntas com os trabalhadores e trabalhadoras:**

Como trabalhadores e trabalhadoras do transporte...

1. Como podemos contribuir na prevenção da propagação do HIV/AIDS?
 2. Como podemos apoiar às pessoas que já estão afetadas e infectadas?
 3. Como podemos cooperar em nível regional e nacional nas campanhas de luta contra o HIV/AIDS?
- **Contatar uma organização que trabalhe com trabalhadoras e trabalhadores sexuais para fornecer informação e apoio. Promover os fundamentos importantes para uma vida positiva;**
 - **Garantir que haja preservativos disponíveis nas áreas de descanso, estações e outros locais onde os trabalhadores e trabalhadoras do transporte costumam se reunir. Em muitos países os governos fornecem camisinhas de graça e com ajuda do sindicato poderia se solicitar este fornecimento;**
 - **Elaborar material educacional sobre o HIV/AIDS em que os trabalhadores e trabalhadoras possam distribuir entre seus companheiros e companheiras, familiares e pessoas da sua sociedade;**
 - **Discutir as ações que conheçam contra o HIV/AIDS no setor de transporte de seu país...**
 1. Tem sido eficazes?
 2. Que pode ser feito para melhorá-las?
 3. Quais outras ações poderiam ser tomadas?
 - **Revisar as ações, sugestões e estudos de caso deste capítulo...**
 1. Pensam que poderiam ser efetivas na sua situação?
 2. Quais seriam as mais práticas na sua situação?
 3. Quais delas não seriam efetivas?
 4. Qual seria a sua situação se fossem implementadas?
 - **Revisar o exemplo do Sindicato de moto-táxis de Ruanda. Poderiam fazer com que os dirigentes sindicais fizessem a análise em público, possivelmente durante reuniões sindicais. Não seriam obrigados a difundir os resultados e dariam o exemplo a outros trabalhadores e trabalhadoras para que também façam as análises.**

INFORMAÇÃO CHAVE QUE SE ENCONTRA NO CAPÍTULO 3

1. Os sindicatos fazem uma grande diferença na luta contra o HIV/ AIDS;
2. Existem casos para estudo, exemplos e ações neste capítulo que podem ser estudados, adaptados e aplicados na sua região;
3. A informação que é fornecida aos membros do sindicato sobre o HIV/ AIDS é indispensável para conseguir deter a propagação da doença;
4. Treinar educadores entre os membros do sindicato é uma maneira muito eficaz para difundir a mensagem e para fortalecer a solidariedade;
5. Os sindicatos podem apoiar as iniciativas como o assessoramento e análises voluntárias;
6. É indispensável desenvolver políticas sindicais e do local de trabalho sobre o HIV/ AIDS, baseadas nos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras;
7. Incorporar cláusulas específicas sobre o HIV/ AIDS nos contratos coletivos é uma grande conquista na luta contra o HIV/ AIDS;
8. Os acordos tripartites entre sindicatos, empregadores e governo constituem iniciativas importantes contra a doença;
9. Um dos maiores problemas enfrentados pelas pessoas soropositivas é o estigma da doença. Os trabalhadores e trabalhadoras do transporte terão que fazer tudo o que for possível para eliminar o referido estigma;
10. As/ os transportadores devem desenvolver iniciativas aplicáveis nos cruzamentos fronteiriços;
11. Uma boa iniciativa em longo prazo seria estabelecer centros de bem-estar nos pontos de caminhões, portos, etc., onde fosse possível obter apoio e assistência sobre o HIV/ AIDS;
12. Os sindicatos do transporte devem apoiar as campanhas para obter tratamento médico apropriado e medicamentos antirretrovirais;
13. A sociedade e outros grupos civis que ajudam as pessoas soropositivas e grupos de alto risco como os/ as trabalhadoras sexuais devem receber o respectivo apoio.



CAPÍTULO 4

Políticas do local de trabalho e acordos coletivos

NO CAPÍTULO anterior salientamos a relevante função que as políticas do local de trabalho e os contratos coletivos podem ter na luta contra o HIV/AIDS. Porém, poucos sindicatos têm negociado tais políticas ou acordos. Portanto, a finalidade deste capítulo é a de ajudar a desenvolver essas políticas e de negociar a inclusão das cláusulas sobre o HIV/AIDS em seus acordos coletivos.

A união faz a força é a base fundamental do sindicalismo e quando os acordos são negociados coletivamente os trabalhadores e trabalhadoras aumentam sua força. Os contratos coletivos podem ser mais progressistas que os contratos individuais; os contratos trabalhistas que envolvem a todos os trabalhadores de um mesmo empregador, por exemplo - uma grande companhia de navios - são mais poderosos que as políticas individuais de um local de trabalho.

Um passo a seguir é lutar por acordos coletivos da indústria. Isto talvez signifique cooperar com outros sindicatos de seu setor para obter resultados unificados. Um acordo/contrato coletivo da indústria pode envolver a todos os trabalhadores do setor transporte no país. Sendo particularmente útil para os trabalhadores vulneráveis como para os que não estão sindicalizados ou que se encontrem em pequenas empresas e mais isolados dos locais de trabalho.

"Temos que preparar o caminho para lograr intervenções positivas contra o HIV/AIDS por meio de negociações. Às vezes, os empregadores concordam no início, mas não quando se trata de ser integrado".

Negociador do Sindicato do Transporte da República do Congo



Seminário sobre HIV/AIDS do Sindicato de Trabajadores por Establecimiento del Aeropuerto Internacional El Salvador de la Comisión Ejecutiva Portuaria Autónoma (SITEAIES), El Salvador.

UMA POLÍTICA DO LOCAL DE TRABALHO PODE ABRANGER O SEGUINTE:

- Assinalar as condições trabalhistas que incrementam a vulnerabilidade e a infecção do HIV;
- Desenvolver e programar estratégias sobre educação, informação e comunicação;
- Treinamento de membros do sindicato, equipe médica e diretivos;
- Treinamento sobre as Precauções Universais e fornecimento de equipamento de primeiros socorros bem equipados, incluindo luvas;
- Distribuição de preservativos;
- O HIV/ AIDS deverá ser tratado como uma doença perigosa para a vida;
- Não é necessário fazer análises de sangue durante a seleção de empregados para nenhuma função, posição ou benefícios;
- Nenhum trabalhador está obrigado a passar por testes de HIV/ AIDS como parte do exame médico.
- Em qualquer circunstancia haverá estrita confidencialidade nas assistências e nas análises de sangue voluntárias;
- Os trabalhadores e trabalhadoras infectados pelo HIV/ AIDS deverão ter o mesmo contrato de trabalho que o resto dos empregados;
- O HIV não será o motivo para recusar o treinamento ou promoções para trabalhadores e trabalhadoras;
- Nenhum trabalhador ou trabalhadora com HIV/ AIDS pode ser demitido/ a em virtude da sua situação;
- Nenhum trabalhador ou trabalhadora com HIV/ AIDS terá um trato mais desfavorável que qualquer outro ou outra que sofra outra doença seria;
- Os benefícios trabalhistas deveram permanecer iguais para um trabalhador ou trabalhadora com HIV/ AIDS, incluindo:
 1. Seguro médico e benefícios relacionados com a saúde;
 2. Seguro de vida;
 3. Pensões e fundo de retirada;
 4. Benefícios de direito à moradia;
 5. Seguro desemprego;
 6. Bolsas, treinamentos e subsídios para estudos;
 7. Seguro por deficiência e acidentes;
 8. Obtenção de benefícios para as esposas, filhos e dependentes incluindo parceiros do mesmo sexo.
- Laudo e tratamento de doenças de transmissão sexual e tratamento de doenças oportunistas;
- Subministrar tarefas alternativas quando seja possível para o trabalhador e trabalhadora com HIV/ AIDS que fique muito doente ou fraco para fazer seu trabalho original;
- Prorrogar a permissão de incapacidade quando seja necessário;
- No caso de que o trabalhador/ trabalhadora tenha que pedir a sua demissão por não poder cumprir com suas obrigações, as condições de rescisão laboral não poderão mudar em absoluto;
- Criar comitês de HIV/ AIDS com empregadores, trabalhadores e trabalhadoras;
- Criar procedimentos para o manejo de riscos;
- Formular cláusulas para o tratamento no lar, apoio para a família e para tratamentos antirretrovirais.

Antes dos empregados concordarem com as iniciativas do local de trabalho como as campanhas de informação, políticas do local de trabalho até as cláusulas de contratos coletivos, eles devem considerar ao HIV/AIDS como uma ameaça para seu trabalho. Uma publicação do Fórum Econômico Mundial em cooperação com a Escola de Saúde Pública de Harvard e a UNAIDS, publicada em Dezembro 2003, (Business & HIV/AIDS: Who me?) revelou que ainda 89 por cento das empresas da África e cerca de 50 por cento das empresas da Ásia, América Central e Caribe estão conscientes do problema do HIV e somente um número reduzido de empresas veem suas operações afetadas por causa do HIV/AIDS. **Na África, somente o 19% das companhias expressaram grande preocupação sobre a produtividade. Na Ásia e na América Central 6% das empresas manifestaram preocupação.**

Quanto mais informados estejam os sindicatos, mais fácil será quebrar a cultura da negação por parte das empresas. Uma forma para arrumar reuniões com os empregadores é analisar os casos de estudo apresentados no capítulo anterior. Tem-se conseguido êxitos significativos que poupam dinheiro às empresas com pouco investimento para a campanha.

Na maioria dos casos, é melhor estabelecer medidas preventivas e programas de treinamento ligados aos procedimentos de saúde ocupacional e segurança. Com base em outros elementos - ver o estudo de caso seguinte - as iniciativas sobre o HIV/AIDS podem ser incluídas com maior facilidade nas empresas. Após estabelecer a política, é importante que todos os/as trabalhadoras estejam informados e garantir que a referida política seja implementada.

A política pode e deve ser específica para cada local de trabalho, pois existem diferentes condições e necessidades, **porém sempre devem estar presentes os princípios básicos como a não discriminação, o direito à confidencialidade e que as análises do HIV se realizem unicamente com a autorização do trabalhador ou trabalhadora.**

ESTUDO DE CASO

GUIANA CLERICAL AND COMMERCIAL WORKERS' UNION (CCWU)



A Secretária Geral da CCWU assina um novo acordo coletivo

O Caribe é o segundo lugar com maior índice de infectados com HIV no mundo, depois da África subsaariana. Os governos e a sociedade civil da região têm reagido; porém, o acesso à prevenção básica e os tratamentos não são acessíveis para todas as pessoas. Os sindicatos sabem que muitos trabalhadores e trabalhadoras não têm acesso aos programas contra o HIV/AIDS em seus locais de trabalho e têm reportado um grande impacto no setor transporte.

Estratégia Sindical: Políticas e programas contra o HIV/AIDS em cada local de trabalho e uma representação trabalhista nos principais organismos nacionais de HIV/AIDS.

O sindicato Clerical and Commercial Workers' Union de Guyana (CCWU), afiliado à ITF, está trabalhando com o governo e com empregadores para criar políticas contra o HIV em cada local de trabalho, começando com as empresas nas quais têm membros. Uma das políticas do sindicato é que todos os contratos coletivos de trabalho incluam cláusulas sobre o HIV/AIDS. Aliás, o sindicato estabeleceu uma série de direitos fundamentais baseados no Repertório de Recomendações Práticas da OIT sobre o HIV/AIDS no mundo do trabalho.

Em reconhecimento da sua participação efetiva dos sindicatos na luta contra a doença, se lhes deu um lugar no Mecanismo Coordenador do País (CCM, pelas suas siglas em inglês), do Fundo Global de Luta Contra a AIDS, a Tuberculose e a Malária. O CCM é responsável por desenvolver as propostas do Fundo Global e a atribuição dos recursos obtidos. Em 2007, através de uma eleição democrática, decidiu-se que o sindicato CCWU fizesse parte do CCM.

Através do CCM e em outros foros, o CCWU demanda ativamente ao governo de Guiana para que adote uma visão integral dos programas relacionados com a epidemia e as formas mais efetivas para enfrentá-la, incluindo o reforço do sistema de saúde e desenvolvimento da infraestrutura. O sindicato também trabalha diretamente com dois organismos do governo para confrontar os riscos específicos do HIV no setor de transportes, com foco na função da família na proteção dos trabalhadores e trabalhadoras.

É muito importante que todos e todas tenham conhecimento sobre quem é responsável pela implementação das políticas. Às vezes seriam os dirigentes sindicais, os representantes da saúde e de segurança. As políticas do local de trabalho são uma forma muito útil de obter um consenso entre o sindicato e o empregador sobre o tema do HIV/AIDS. Os contratos coletivos são a melhor forma de ganhar direitos positivos para os trabalhadores e trabalhadoras, os quais serão complemento das políticas do local de trabalho. Quanto mais poderosa seja a unidade do sindicato, melhores oportunidades terão de ganhar as cláusulas apresentadas.

No caso dos contratos individuais, o trabalhador/trabalhadora nunca poderá ter o apoio da força sindical e não terá o conhecimento e a experiência para conseguir os melhores acordos. Poderia contratar negociadores experientes para tentar obter as melhores demandas individualmente, porém, ao negociar de maneira coletiva, se obtém políticas similares no setor de transporte; os locais de trabalho teriam políticas semelhantes em um mesmo nível, incluindo a participação tripartite e acordos que forneçam apoio e recursos.

ESTUDO DE CASO

TAILÂNDIA

TRANSPORT COMPANY LTD. STATE ENTERPRISE EMPLOYEES' UNION (TRAN-U)

Para os trabalhadores e trabalhadoras que sofrem de HIV/AIDS, é importante poder continuar no seu trabalho, sustentar suas famílias e ao mesmo tempo não se converter numa carga para a sociedade. Uma das políticas na área de HIV/AIDS do sindicato Transport Company Ltd State Enterprise Employees' Union (TRAN-U), garante que os trabalhadores e trabalhadoras continuem trabalhando apesar de seu estado, cobrindo as doenças do HIV/AIDS e da tuberculose. Protege aos trabalhadores e trabalhadoras da análise de HIV forçado e compromete a empresa para que contribua na implementação de ações na luta contra o HIV/AIDS como distribuição de informação, seminários de treinamento, etc.

Para consegui-lo, o sindicato utilizou como argumento os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras como tema essencial do local de trabalho; assinalando por sua vez, a existência da negação e o medo do problema (na Tailândia, ainda dentro das famílias, o HIV/AIDS é um tabu). O Governo de Tailândia deu grande importância ao tema e os ajudou a negociar. A política foi desenvolvida com

sucesso de forma conjunta entre o sindicato e os empregadores. A pesar dos avanços, existe ainda a necessidade dos trabalhadores e trabalhadoras entenderem melhor o HIV/ AIDS. Em função disso foi implementada como fazendo parte da política de educação sobre prevenção, cuidados, etc.



Trabalhadores e trabalhadoras de Tran-U realizando uma campanha na luta contra o HIV/AIDS.

O Sindicato de Trabalhadores dos Portos no Quênia reportou que anos atrás morriam quatro membros semanalmente por causa do HIV/ AIDS. A partir da introdução das cláusulas sobre o HIV/ AIDS no Contrato Coletivo de Trabalho, o número caiu para somente uma morte por semana.

Estratégias para as negociações

Inicialmente é necessário se estar seguro de ter uma visão clara do problema ao negociar. Isto quer dizer que se deve **entender a importância de focar os direitos trabalhistas nos contratos coletivos, nas políticas do local de trabalho e analisar as políticas que estão infringindo esses direitos, por exemplo, discriminação ou análise de HIV sem autorização, que são totalmente inaceitáveis.**

Por outro lado, é importante consultar com outras organizações sobre as estratégias necessárias no setor de transportes ou no local de trabalho. Pode-se consultar com organizações sindicais nacionais que tem desenvolvido iniciativas na luta contra o HIV/ AIDS e na oficina local da OIT.

É importante investigar na legislação nacional se existem leis sobre o HIV/AIDS, em especial contra a discriminação. Também devem se ver as condições de trabalho específicas do local de trabalho ou do setor pelo qual se está negociando e abordar os temas que incrementem as situações de alto risco.

ESTUDO DE CASO

PANAMÁ

SINDICATO NACIONAL DE TRABAJADORES DE LA INDUSTRIA DE LA AVIACIÓN CIVIL Y SIMILARES DE LA REPÚBLICA DE PANAMÁ (SIELAS)

O sindicato SIELAS negociou cláusulas sobre o HIV/ AIDS com as empresas Copa Airlines, MB Security e DHL Aero Expresso. Estão trabalhando para inclui-las nas empresas American Airlines, UPS e Balboa Logistics Airport Services. Três fatores ajudaram ao sindicato na negociação: a legislação sobre as doenças terminais, a força sindical e o apoio dos afiliados.

O sindicato também fez uma campanha de alerta sobre a necessidade de implementar as cláusulas de HIV/ AIDS para garantir a estabilidade dos postos de trabalho e a não discriminação. Na sua campanha também foram distribuídos preservativos junto com a PROBISIDA, organização responsável pela prevenção do HIV no Panamá.

O tema do HIV/ AIDS está incluído na agenda de todas as reuniões e foi elaborado um vídeo refletindo a campanha desde seu início.

Pode ser visto em: www.youtube.com/watch?v=nCzyNd9AFF0

Para SIELAS, o conhecimento adquirido no primeiro seminário da ITF na luta contra o HIV / AIDS foi de imensa ajuda para desenvolver o tema. Os primeiros ativistas da campanha também presenciaram o seminário organizado pela ITF na Cidade de Guatemala em Fevereiro de 2010.



Campanha de informação de SIELAS no Aeroporto Internacional da Cidade de Panamá.

"Precisamos mostrar estatísticas boas para convencer os empregadores a fazerem parte. Temos que demonstrar de que maneira o HIV/ AIDS afeta a sua produtividade. Muitos de eles ainda não compreendem que também é o seu problema."

Diretor Sindical de Burkina Faso

ESTUDO DE CASO

**ARGENTINA
LUTANDO PELOS DIREITOS DOS TRIPULANTES DE CABINE
ASOCIACIÓN ARGENTINA DE AERONAVEGANTES (AAA)**

A Associação Argentina de Aero Navegantes (AAA) tem lutado pelos direitos de seus afiliados que convivem com o HIV / AIDS durante mais de 10 anos. Em 1995, o sindicato negociou que as trabalhadoras e trabalhadores apresentando certas condições de saúde, incluído o HIV/ AIDS, tinham direito de trabalharem em rotas menos extenuantes. Atualmente, esses trabalhadores e trabalhadoras podem evitar os vôos noturnos e vôos de dez horas ou mais.

Os sindicatos na Argentina são responsáveis pelos seguros de saúde de seus afiliados. Porém, eles não cobrem o tratamento antirretroviral. Contudo, a diretiva da AAA decidiu cobrir esse tratamento. O governo argentino reembolsa ao sindicato entre 50 e 90 % dos tratamentos, ainda que às vezes demore de um a dois anos. O sindicato também conseguiu o apoio da Fundação Aerolíneas, entidade com fins sociais e culturais, cuja contribuição cobre de 10 a 50 % do custo não amparado pelo governo.

Atualmente, um grupo reduzido dos 1700 afiliados da AAA é soropositivo, eles e as suas famílias são beneficiados pelas ações do sindicato, pois o seguro médico os ampara. Em 1999, o sindicato decidiu incluir também no seguro médico os parceiros do mesmo sexo, sem custo extra.



Trabalhadores e trabalhadoras da AAA

Um bom ponto de partida é negociar um projeto de prevenção. Não necessitam ser caros demais e seria relativamente fácil de demonstrar que uma política eficaz poderia poupar dinheiro em longo prazo. Sendo que os programas de prevenção são muito menos polêmicos que os programas de tratamento, se poderia obter apoio de organismos externos, tais como do departamento estatal de saúde ou organizações não governamentais (ONGs). Por outro lado, quando os direitos e condições dos trabalhadores e trabalhadoras (especialmente os direitos mais importantes) melhorarem, as despesas para as companhias não seriam tão elevadas, fazendo uma grande diferença.

Uma vez estabelecidos esses fundamentos, se poderão negociar os tratamentos, cuidados e apoios de forma estratégica. Pode se afirmar que estes temas se manterão na agenda de negociações por meio da criação comitês de saúde e segurança ou de um específico para o HIV/AIDS, que farão a supervisão.

Podem-se estudar os exemplos do capítulo anterior e preparar um plano adequado para fazer um projeto nos locais de trabalho. O melhor é começar com algo manejável, quando já se tenha ganhado o direito para implementar o plano e seus resultados possam ser demonstrados. Assim será mais fácil obter apoio para projetos maiores.

Assim que for possível, façam apresentações dos projetos de sucesso para demonstrar a eficácia das suas iniciativas e que estas são positivas na prática, ressaltando que os programas sobre o HIV/AIDS serão um pequeno investimento que vai evitar incrementos nos recursos das empresas e do governo em longo prazo.

Com a ajuda do **Repertório de Recomendações Práticas da OIT sobre o HIV/AIDS e o mundo do trabalho**, muitos sindicatos têm desenvolvido políticas no local de trabalho, ainda que os empregadores não assinem ou implementem as políticas ou se neguem a incluí-las nos contratos coletivos.

Repertório de recomendações práticas da OIT sobre o HIV/AIDS e o mundo do trabalho

Um ponto de partida para desenvolver uma política do local de trabalho são as cláusulas nos contratos coletivos de trabalho e o Repertório de recomendações práticas da OIT sobre o HIV/AIDS e o mundo do trabalho.

A OIT observou que o HIV/AIDS é um problema do local de trabalho. Nas percentagens atuais de infecções, a força de trabalho na África provavelmente será 12% inferior em 2020 do que seria sem o vírus. Isto afeta a trabalhadores da seguinte forma:

- Perda da renda e de benefícios para o trabalhador e trabalhadora;
- Rejeição e discriminação;
- Pressão sobre as famílias e o problema dos órfãos.

Um documento sobre o HIV/AIDS foi publicado no Quênia como resultado da cooperação entre sindicatos do transporte e empregadores. O documento encontra-se disponível em www.itfglobal.org/HIV-Aids/.

O HIV/AIDS afeta também os negócios: Os negócios na África e na Ásia apontam uma queda na produtividade e uma elevação de preços devido ao HIV/AIDS. Isso acontece devido à perda da força de trabalho experimentada porque os trabalhadores e trabalhadoras soropositivos morrem, caindo a produtividade a partir do contágio, reduzindo a oferta de trabalho.



O local de trabalho é ideal para se proteger dos problemas do HIV/AIDS, sendo importante:

- Proteger a segurança no local de trabalho e os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras;
- Ajudar a reduzir a infecção do HIV através de informação, educação, apoio além de medidas práticas de prevenção;
- Oferecer cuidados, apoio e tratamento;
- Assegurar a proteção social.

O Repertório de Recomendações da OIT foi adotado em 2001, constituindo uma série de guias para os governos, empregadores e trabalhadores e trabalhadoras, para auxiliá-los a desenvolver respostas concretas contra o HIV/AIDS em vários níveis, por exemplo: no repertório de recomendações nacionais ou regionais, conselhos de acordos, conselhos contratuais e políticas do local de trabalho.

O Repertório de Recomendações está baseado nos direitos humanos e é o resultado de um consenso tripartite, fazendo um balanço dos direitos e responsabilidades entre os empregadores, trabalhadores e trabalhadoras.

Estes são os princípios fundamentais do Repertório de Recomendações:

1. Reconhecimento do problema do HIV/AIDS no setor de trabalho.

O HIV/AIDS constitui um problema do local de trabalho e deveria ser tratado como qualquer outro tipo de doença profissional grave, não somente porque afeta aos trabalhadores, mas porque, por ser o centro de trabalho parte integrante da vida local, tem uma missão na luta geral contra a propagação e os efeitos da epidemia.

2. Acabar com a discriminação.

De acordo com o princípio de trabalho decente e do respeito dos direitos humanos e a dignidade das pessoas infectadas ou afetadas pelo HIV/AIDS, não deveria existir discriminação contra os trabalhadores por causa de uma infecção por real ou suposta por HIV. A discriminação e a rejeição (estigmatização) das pessoas que vivem com o HIV/AIDS atrapalham gravemente os esforços de prevenção da epidemia.

3. Igualdade entre homens e mulheres.

Teriam que se reconhecer os problemas de gênero com respeito ao HIV/AIDS. As mulheres estão mais expostas que os homens à infecção e, com frequência, resultam afetadas mais severamente que os homens pela epidemia do HIV/AIDS, devido a motivos biológicos, socioculturais e econômicos. Quanto maior seja a discriminação de gênero na sociedade e mais baixa seja a posição das mulheres na escala social, mais nocivos serão para elas os efeitos do HIV. Portanto, umas relações de gênero mais igualitárias e a potenciação das mulheres são indispensáveis para prevenir eficazmente a propagação da infecção pelo HIV e para que as mulheres possam enfrentar esta doença.

4. Ambiente de trabalho sadio.

Com a finalidade de prevenir a transmissão pelo HIV, o meio ambiente de trabalho deve ser sadio e seguro, na medida do possível, para todas as partes envolvidas, de acordo com as disposições do Convenio sobre segurança e saúde dos trabalhadores, 1981 (n.º 155). Um ambiente de trabalho sadio é aquele que facilita uma saúde física e mental ótima no que diz respeito ao trabalho, assim como a adaptação segundo as faculdades dos trabalhadores em função de seu estado de saúde física e mental.

5. O diálogo social.

A aplicação correta de uma política e um programa contra o HIV/AIDS precisa da cooperação e da confiança mútua entre empregadores, trabalhadores e seus representantes, e também com o governo, quando proceda, com a participação ativa dos trabalhadores infectados pelo HIV/AIDS e afetados pela epidemia.

6. Provas de detecção com a finalidade da exclusão do trabalho e das atividades de trabalho.

Não deveria ser exigida a apresentação de certificados relativos ao HIV aos candidatos a uma vaga de trabalho nem a quem exerce um emprego.

7. Confidencialidade.

Não há motivos para solicitar dos candidatos a uma vaga de emprego ou aos trabalhadores ativos, que forneçam informação pessoal relativa ao HIV. Também os trabalhadores não deveriam ser obrigados a fornecer informações dessa natureza com relação a um companheiro. O acesso aos dados pessoais sobre a eventual soropositividade de um trabalhador deveria reger-se por normas de confidencialidade segundo as disposições do Repertório de Recomendações Práticas da OIT de 1997 sobre a proteção dos dados pessoais dos trabalhadores.

8. Continuidade da relação de trabalho.

A infecção pelo HIV não constitui uma causa justificada de demissão. Assim como acontece com outras doenças, as pessoas com doenças derivadas do HIV deveriam ter a possibilidade de trabalhar enquanto sejam medicamente aptas para fazê-lo em uma vaga apropriada de trabalho.

9. Prevenção.

A infecção pelo HIV é possível de prevenir. A prevenção de todos os meios de transmissão se pode conseguir com diversas estratégias que se enquadrem devidamente com as condições nacionais e que respeitem as características culturais. A prevenção pode melhorar com mudanças de comportamento, a difusão de conhecimentos, o tratamento e a instauração de um ambiente livre de discriminação. Os interlocutores sociais ocupam uma posição de relevância para impulsionar a prevenção, especialmente com relação às mudanças nas atitudes e comportamentos, com o fornecimento de informação e educação e na maneira em que são enfrentados os fatores socioeconômicos.

10. Assistência e apoio.

No mundo do trabalho, a atitude perante o HIV/AIDS deveria se inspirar na solidariedade e na prestação de assistência e apoio. Todos os trabalhadores, incluídos os infetados pelo HIV, têm direito a um serviço médico acessível. Não deveriam ser discriminados, nem eles nem as pessoas sob seu comando no que diz respeito à afiliação e gozo de prestações dos regimes obrigatórios de segurança social e dos planos de previsão profissional.

RECOMENDAÇÃO No. 200 SOBRE O HIV/ AIDS E O MUNDO DO TRABALHO

Em 17 de Junho de 2010 a Organização Internacional do Trabalho adotou a RECOMENDAÇÃO SOBRE O HIV E O AIDS E O MUNDO DO TRABALHO (núm. 200), sendo um modelo de trabalho focado no HIV no local de trabalho. É o resultado de três anos de diálogos tripartites entre as organizações governamentais, empregadores, trabalhadoras e trabalhadores, incluindo os representantes de pessoas soropositivas. A Recomendação No. 200 atende a todos os trabalhadores e trabalhadoras (incluindo os que procuram emprego) conforme disposições em cada local de trabalho e dos setores econômicos.

A adoção do modelo de trabalho internacional, além da guia já proporcionada pelo Código de Práticas da OIT sobre o HIV/AIDS e o Mundo do Trabalho é um avanço significativo que fortalecerá o importante rol do centro de trabalho para lutar contra a disseminação do HIV/AIDS, facilitando o acesso aos serviços de prevenção, tratamento, cuidado e apoio, enquanto aumenta a função dos ativistas do Mundo do Trabalho.

A Recomendação No. 200 estabelece os seguintes princípios gerais:

PRINCÍPIOS GERAIS

Os princípios gerais seguintes devem aplicar-se a todas as ações incluídas na resposta nacional ao HIV e à AIDS no mundo do trabalho:

- a) Deve se reconhecer que a resposta ao HIV e à AIDS contribui para a realização dos direitos humanos, das liberdades fundamentais e da igualdade de gênero para todos, inclusive os trabalhadores, suas famílias e dependentes;
- b) O HIV e a AIDS devem ser reconhecidos e tratados como tema pertinente ao local de trabalho, a ser incluído entre os elementos essenciais da resposta nacional, regional e internacional à pandemia com inteira participação das organizações de empregadores e de trabalhadores;
- c) Não deve existir nenhuma discriminação nem estigmatização de trabalhadores, em particular dos que buscam emprego ou a ele se candidatam, a pretexto de infecção real ou presumida pelo HIV, ou pelo fato de pertencerem a regiões do mundo ou a segmentos da população tidos como de maior risco ou de mais vulnerabilidade à infecção pelo HIV;
- d) A prevenção, por todos os meios, da transmissão do HIV deve ser prioridade fundamental;
- e) Os trabalhadores, suas famílias e dependentes, devem ter acesso a serviços de prevenção, tratamento, atenção e apoio em relação ao HIV e à AIDS, deles se beneficiando, e o local de trabalho deve contribuir para facilitar esse acesso.
- f) Deve-se reconhecer e reforçar a participação e o engajamento dos trabalhadores no planejamento, na implementação e na avaliação de programas nos âmbitos nacionais e do local de trabalho;
- g) Os trabalhadores devem beneficiar-se de programas voltados à prevenção de riscos específicos de transmissão do HIV vinculados ao trabalho e de doenças transmissíveis conexas, como a tuberculose;
- h) Os trabalhadores, suas famílias e dependentes, devem usufruir de proteção a sua privacidade, inclusive a relacionada com o HIV e a AIDS, em particular no que diz respeito a sua própria situação quanto ao HIV;
- i) Nenhum trabalhador deve ser obrigado a submeter-se a exame de HIV nem a revelar sua situação sorológica;
- j) Medidas para cuidar de HIV e AIDS no mundo do trabalho devem fazer parte das políticas e programas nacionais de desenvolvimento, inclusive os relacionados com trabalho, educação, proteção social e saúde, e
- k) A proteção dos trabalhadores que exercem ocupações particularmente expostas ao risco de transmissão do HIV.

A Recomendação No. 200 pode ser acessada em português em: <http://www.oitbrasil.org.br/node/277>



Campanha contra o HIV/AIDS.
Alianza de Tranviarios de México (ATM)

Negociações com empresas multinacionais

As empresas multinacionais geralmente têm os seus escritórios centrais nos países desenvolvidos, onde poderia existir um alto grau de consciência sobre os direitos humanos, cuidando da imagem que os consumidores desses países têm delas; porém, não presta construir uma imagem de "empresa socialmente responsável" quando ativistas apresentam provas de atitudes opostas nos países em desenvolvimento.

Isto aconteceu nos Estados Unidos onde companhias como *Cap* e *Nike* mandavam manufaturar sua roupa e calçado aos países em desenvolvimento através de condições trabalhistas humilhantes. Quando essa situação veio a conhecimento de todos, estas empresas foram publicamente insultadas e pressionadas por grupos de ativistas que adotaram algumas políticas trabalhistas básicas.

Pode-se usar a influência da opinião pública de forma positiva ou negativa para influenciar as políticas corporativas. As multinacionais têm geralmente grandes orçamentos e se consegue demonstrar que apoiando a luta contra o HIV/AIDS melhorariam a sua imagem, sem dúvida concordariam em apoiar a campanha.

Porém, uma grande vantagem é que os sindicatos podem contatar à ITF em caso de ter problemas ao negociar com empresas multinacionais, para criar estratégias de solidariedade com os sindicatos dos países onde estão os escritórios centrais, ajudando a exercer pressão sobre estas companhias.

Negociações com empresas pequenas

As empresas pequenas carecem geralmente de recursos para investir em políticas contra o HIV/AIDS, mas é possível demonstrar-lhes que um bom projeto que cuide dos direitos e necessidades dos trabalhadores e trabalhadoras é um bom investimento com resultados financeiros em longo prazo.

Os trabalhadores e trabalhadoras em transportes que são empregados por algumas companhias pequenas geralmente sofrem condições terríveis e pouca segurança em razão da concorrência com as empresas multinacionais ao intentar reduzir custos, como por exemplo, despesas com manutenção. É importante entender esse contexto ao negociar com empresas pequenas, mas tem de ser esclarecido que os direitos trabalhistas, a saúde e a segurança não ficaram de fora na negociação.

Os contratos coletivos de trabalho serão muito úteis, pois se uma empresa pequena é parte de uma associação de empregadores, agirá de acordo com as decisões da indústria. Por essa razão é muito importante criar uma estratégia e conseguir apoios externos para que a empresa não carregue toda a responsabilidade ao realizar as campanhas. A responsabilidade pode ser compartilhada com a associação de empregadores, governo e sindicatos. Deve ser lembrado que o alvo é salvar a vida dos trabalhadores e trabalhadoras, e não desviar a responsabilidade.

Trabalhando com as organizações mundiais de empregadores

A ITF está convicta que para obter políticas efetivas no local de trabalho, é fundamental trabalhar em colaboração com os empregadores no âmbito regional, nacional e mundial. A ITF tem desenvolvido material educativo sobre o HIV/AIDS no setor de transporte por rodovias em colaboração com a OIT, organizações de empregadores e a União Internacional de Transportes Rodoviários (IRU, por suas siglas em inglês), organização que através de suas associações nacionais representa a toda a indústria do transporte rodoviário no mundo. A ITF também desenvolveu um material similar para os trabalhadores do setor ferroviário em colaboração com a União Internacional de Ferrovias (UIC, por sua sigla em inglês), organização internacional mundial de empresas ferroviárias que representa 195 empresas nos 5 continentes.

Materiais disponíveis em www.itfglobal.org/HIV-Aids.



Campanha de conscientização do HIV.
Sindicato de Conductores de Taxi de Cartagena (SINCONTAXCAR), Colômbia

IDEIAS DE AÇÃO PARA CAMPANHAS E EDUCAÇÃO

Você vai achar aqui algumas ideias para mesas de trabalho, atividades de educação e campanhas sobre o HIV/ AIDS. Por favor, adapte-as segundo as suas necessidades.

- Discutir os seguintes aspectos dos locais de trabalho com os quais estão familiarizados:
 1. Existem políticas sobre o HIV/ AIDS?
 2. Os trabalhadores e trabalhadoras sabem o que é uma política sobre o HIV/ AIDS?
 3. Como podem ser elas comparadas com as recomendações apresentadas neste capítulo?
- Existem alguns fatores específicos que necessitam mencionar se em seu local de trabalho/ setor? (Ver também o Capítulo 1)
- Seu sindicato toma parte da negociação da indústria toda?
 1. Se assim for, como isso afeta às políticas contra o HIV/ AIDS?
 2. Como podem ser usadas as negociações com os empregadores da indústria para estabelecer melhores cláusulas?
- Leia o seguinte exemplo do programa HIV/ AIDS do sindicato têxtil SACTWU

Vocês pensam que adotar uma estratégia similar seria conveniente para o seu sindicato?

Exemplo de políticas e acordos coletivos de trabalho.

Um dos melhores projetos sindicais sobre o HIV/AIDS tem sido o do Southern African Clothing and Textile Workers' Union (SACTWU). Embora seja um sindicato de roupa e têxtil e não de transportes, é um bom exemplo para se levar em conta.

Programa de SACTWU sobre o HIV/AIDS

Tratamento

O SACTWU reconhece que o tratamento tem que ser um elemento primordial de qualquer ação perante o HIV/AIDS. A organização compromete-se a realizar um programa de apoio para obter e defender o acesso universal aos medicamentos.

Pacote básico de tratamento

O SACTWU fornecerá um pacote básico de vitaminas e medicamentos relacionados às doenças para as trabalhadoras e trabalhadores com resultado positivo nas provas de sangue feitas pela organização. O pacote básico incluirá multivitaminas e Cotrimoxazol Próflático para as doenças oportunistas em adultos soropositivos.

Antiretroviral Nevirapine para mulheres grávidas

O SACTWU fornecerá Nevirapine às trabalhadoras soropositivas grávidas para reduzir as possibilidades de transmissão do HIV/AIDS de mãe para filho. Será distribuído nos estados onde não é ministrado pelo governo, sempre que o governo forneça o leite de fórmula e a infraestrutura necessária para o fornecimento do Nevirapine.

Tratamento da tuberculose

O SACTWU realizará uma campanha de alerta sobre a tuberculose nos locais de trabalho e dará informação sobre acesso

ao sistema de cura da tuberculose. A estratégia será nomear diretores sindicais, trabalhadoras e trabalhadores afiliados ao SACTWU para atuar como responsáveis do programa de cura da tuberculose.

Tratamento para doenças de transmissão sexual

O SACTWU trabalhará junto com o governo para garantir a disponibilidade do tratamento para as doenças de transmissão sexual para os trabalhadores soropositivos.

Antirretrovirais

O SACTWU lançará uma campanha de formação de educadores para fornecer informação sobre os cuidados de pessoas soropositivas nos lares. Esse programa estará ligado ao programa de análise e assessoramento voluntários. O serviço será oferecido na fase inicial de trabalhadores e trabalhadoras que resultaram HIV positivos nos análises de sangue voluntários.

Campanha de cuidados no lar

O SACTWU lançará uma campanha de formação de educadores para fornecer informação sobre os cuidados de pessoas soropositivas nos lares. Esse programa estará ligado ao programa de análise e assessoramento voluntários. O serviço será oferecido na fase inicial de trabalhadores e trabalhadoras que resultaram HIV positivos nos análises de sangue voluntários.

Dependentes

O sindicato determinará a quantidade aproximada de órfãos de afiliados soropositivos falecidos.

Acordos Coletivos

Todas as cláusulas do contrato coletivo devem conter cláusulas sobre HIV/AIDS a fim de garantir para os trabalhadores e trabalhadoras um apoio prático nos programas, incluindo financiamento, instalações para treinamento e tempo livre para seminários e oficinas.

Os Acordos Coletivos devem refletir o compromisso dos empregadores para aplicar as políticas de não discriminação para os trabalhadores e trabalhadoras com HIV/AIDS, de acordo com as recomendações do Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Trabalhista da África do Sul (Nedlac, por suas siglas em inglês) e da OIT.

Campanhas

O SACTWU apresentará um projeto integral contra o HIV/AIDS ao NEDLAC a ser negociado com empresas e governos. Mesmo assim, realizará uma campanha para que o projeto seja adotado. Deverá conter as formas para ajudar a deter a disseminação do vírus e para garantir assistência e apoio para as pessoas seropositivas.

Associações de estados e comunidades

O SACTWU se comprometeu a desenvolver propostas e a envolver estados para formar associações e dar maior força ao programa contra o HIV/AIDS.

O SACTWU se comprometeu a trabalhar com organizações comunitárias que compartilhem a mesma visão para promover a campanha e para mobilizar as pessoas na luta contra o HIV/AIDS.

- **Separe os participantes em grupos para atuarem como negociadores em diferentes níveis. Um grupo pode negociar a nível local, outro a nível industrial e o terceiro como parte de uma estrutura tripartite. Os afiliados dos grupos devem atuar como empregadores, diretivos sindicais, negociadores do sindicato, representantes dos empregadores.**
- **Discuta o exercício. Que estratégias de negociação seriam as mais efetivas?**

INFORMAÇÃO IMPORTANTE NO CAPÍTULO IV

1. O Contrato Coletivo de Trabalho é o eixo do sindicalismo e um avanço dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.
2. Quanto mais representativo seja o contrato coletivo mais força ele terá.
3. Um contrato coletivo é usualmente melhor que o individual. Os contratos coletivos que envolvem a todos os trabalhadores e trabalhadoras empregados numa companhia ou indústria são ainda melhores.
4. As políticas e acordos deverão estar baseados nos direitos.
5. Utilize como guia as políticas existentes, como o Repertório de Recomendações Práticas da OIT sobre o HIV/ AIDS e o mundo do trabalho.
6. Quando negociar, saliente os benefícios - especialmente aqueles relacionados aos investimentos em longo prazo que as companhias podem conseguir ao adotar um programa contra o HIV/ AIDS.
7. Os programas de prevenção são bons projetos para começar, pois são relativamente econômicos e é possível conseguir um grande apoio para realizá-los e para fazer a grande diferença.
8. Tendo-se conseguido o primeiro acordo sobre o projeto básico, pode-se nomear a várias pessoas como encarregadas para definir as próximas etapas, de acordo com os resultados no local de trabalho.
9. Ao negociar com as multinacionais, pode haver coordenação com sindicatos localizados no país de origem da companhia e com a ITF, que podem dar ideias, apoio e solidariedade.
10. Negociando com companhias pequenas, deve-se demonstrar que o custo por não agir em contra do HIV/ AIDS será maior.



Francis Ruwa, ativista soropositivo durante o 42º congresso da ITF em Cidade do México

ADN (ácido desoxirribonucleico) - Ácido nucleico que leva informação genética em todos os organismos salvo em determinados vírus, os vírus ARN, entre os que se encontra o HIV.

Anticorpos - Moléculas immuno-globulínicas presentes no sangue que são produzidas pelo sistema imunitário do organismo e que se dirigem contra agentes específicos, como vírus e bactérias externos. Na infecção pelo HIV, os anticorpos produzidos contra o vírus são incapazes por algum motivo de prevenir os seus efeitos.

Anticorpos maternos - Anticorpos que o lactante adquire de modo passivo no útero através da mãe. Os anticorpos maternos contra o HIV continuam circulando pelo sangue do lactante até os 15-18 meses de idade, e é difícil determinar se ele fica infectado.

Antirretroviral (ARV) - Medicamento que inibe a capacidade de multiplicação de um retrovírus (como o HIV).

ARN (ácido ribonucleico) - Ácido nucleico associado ao controle das atividades químicas no interior da célula. Alguns vírus, incluindo o HIV, levam ARN em vez do ADN mais habitual.

Assintomático - Sem sintomas.

Bactéria - Micróbio composto por células únicas que se reproduzem por divisão. As bactérias são responsáveis por um grande número de doenças. Podem viver de forma independente, diferentemente dos vírus, que somente podem sobreviver dentro das células vivas às quais infectam.

Bissexual – Pessoa que sente atração sexual tanto por homens como por mulheres.

CDI - Consumidor (o usuário) de drogas intravenosas.

Comportamento de alto risco - Atividade que coloca a uma pessoa numa situação de maior risco de desenvolver uma doença concreta. As atividades de alto risco associadas à AIDS são as práticas sexuais não protegidas e a troca de agulhas e seringas.

Célula CD4 (linfócito) - Um glóbulo branco também conhecido como célula T- 4. Esse tipo de células coordena as respostas do sistema imunológico diante de episódios de infecção. As células T – 4 constituem o principal alvo do HIV.

CMV – (citomegalovírus) - Um vírus que causa uma doença similar à influenza e, em casos severos, inflamação de glândulas, pneumonia, infecções do olho (retinite) e defeitos de nascimento. (É uma das “infecções oportunistas” que podem causar sérios incômodos e / ou doenças em pessoas cujos sistemas imunológicos têm sido atingidos pelo HIV).

Camisinha – Uma delgada funda protetora que cobre o pênis durante o sexo vaginal, anal ou oral com a finalidade de prevenir doenças de transmissão sexual ou gravidez. Também há camisinhas femininas que são colocadas no interior da vagina.

Doença transmissível - Doença causada por um agente infeccioso específico, - ou por seus produtos tóxicos - que tem origem na transmissão do referido agente ou de seus produtos tóxicos desde uma pessoa infectada a um hóspede suscetível.

Doença infecciosa - uma doença causada por um germe (bactéria, vírus, fungo, parasito).

Eczema – Uma doença caracterizada por pele vermelha e com escamas, erupções e coceira. (É uma das “infecções oportunistas” que podem causar sérios incômodos e doenças em pessoas cujos sistemas imunológicos têm sido atingidos pelo HIV).

ETS (doença [s] de transmissão sexual) - Doenças que se podem transmitir por meio das relações sexuais. O AIDS é, em essência, uma doença de transmissão sexual. As ETS tendem a denominarem-se cada vez mais infecções de transmissão sexual.

Epidemia – Uma doença que atinge a uma grande quantidade de integrantes da sociedade simultaneamente.

HAART - Sigla em inglês equivalente a “Terapia Antirretroviral Altamente Ativa”

Heterossexual – Pessoa que sente atração sexual por pessoas do sexo oposto. Nos países de fala inglesa, o termo é «straight» (conservador, convencional) tem-se convertido em sinónimo de heterossexual.

Homossexual – Pessoa que sente atração sexual por pessoas de seu mesmo sexo. Os homossexuais podem ser tanto varões (gays) como mulheres (lésbicas).

Icterícia – Uma condição provocada às vezes provocada por uma infecção (hepatite) que faz com que os olhos, pele e urina mudem de cor para amarelo intenso. Pode provocar ferimento hepático.

Incidência – A quantidade de novos casos de uma doença numa população definida ao longo de um período de tempo também definido (geralmente, medida anualmente).

Infecção – Germes (bactérias, vírus, o parasitos) presentes no corpo. Uma infecção nem sempre produz uma doença.

Infecção oportunista – Uma infecção difícil de causar uma doença em pessoas cujos sistemas imunológicos estiveram intactos, mas pode significar perigo de morte para alguém que sofra do HIV.

Imunização – Uma injeção ou outro tratamento médico destinado a proteger a uma pessoa contra uma doença infecciosa específica.

Leucócitos – Células sanguíneas responsáveis pela defesa do organismo contra micróbios e agentes patógenos externos. O HIV ataca a dois grupos de leucócitos, denominados linfócitos CD4+ e monócitos/macrófagos.

Negativo aos anticorpos contra o HIV - Que não contém anticorpos contra o HIV. **Patógeno** – Agente, como vírus ou bactéria, que causa doença.

Período de incubação - Intervalo de tempo entre a entrada do patógeno infeccioso no organismo e a manifestação dos primeiros sintomas da doença.

Plasma – Porção líquida do sangue.

Preservativo – Um tipo de profiláctico que pode prevenir doenças de transmissão sexual e a AIDS.

Prática de risco - Qualquer tipo de comportamento, sexual ou não, que possa transmitir o HIV.

Prova de anticorpos contra o HIV falsa negativa - Resultado negativo de uma prova que sugere que uma pessoa não ficou infectada por o HIV quando, na realidade, o está.

Prova de anticorpos contra o HIV falsa positiva - Resultado positivo de uma prova que sugere que uma pessoa está infectada pelo HIV quando, na realidade, não o está.

Prova serológica - Prova efetuada numa amostra de soro sanguíneo.

Retrovírus - Vírus que contém ARN e que pode transcrever seu material genético no ADN das células do hóspede através da ação de uma enzima denominada transcrip-tasa inversa. Este é o processo contrario da transcrição habitual (de ADN a ARN).

Sêmen – líquido viscoso e esbranquiçado que contém espermatozoides e que é excretado pelo pênis durante o orgasmo.

Soroconversão – O desenvolvimento de um nível detectável de anticorpos numa pessoa, que acontece com posterioridade a um episódio de exposição ou infecção a um vírus como o HIV.

Soronegativo - Que mostra resultados negativos numa prova serológica.

Soropositivo - Que mostra resultados positivos numa prova serológica. Considera-se que uma pessoa soropositiva para anticorpos contra o HIV está infectada por este vírus.

Soroprevalência – Proporção de uma população que, num determinado momento, tem no sangue um marcador específico, como anticorpos contra o HIV.

Sorovigilância - Análise sistemática de soro de um grupo de pessoas para determinar a frequência de um marcador específico, como anticorpos contra o HIV, na nomeada população.

Sexo anal – prática sexual que envolve a penetração do pênis no ânus do parceiro.

Sexo oral – prática sexual durante a qual a boca de uma pessoa entra em contato com os genitais ou ânus de outra pessoa.

Sexo seguro - prática sexual segura – atividade sexual que não envolve a troca de secreções corporais como sêmen, líquido pré-ejaculatório, fluidos vaginais ou sangue.

Sexo vaginal - prática sexual que envolve a penetração do pênis na vagina.

AIDS - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida: uma síndrome caracterizada pelo desenvolvimento de uma infecção oportunista produto de ferimento no sistema imunológico provocado por um vírus chamado Vírus de Imunodeficiência Humana (HIV).

Sistema imunológico – O conjunto de elementos do corpo humano que combate as agressões dos agentes patógenos (causantes de doenças) com a finalidade de manter a saúde.

Terapia combinada – O uso de dois ou mais tipos de tratamento combinados para obter resultados ótimos em termos de supressão do HIV/ AIDS e redução da toxicidade do vírus.

Transfusão - A transferência de sangue, ou de um componente sanguíneo, de uma ou varias pessoas (doadoras) a outra (receptor).

HIV (vírus da imunodeficiência humana) - O retrovírus que causa o AIDS no homem.

HIV-1 - O retrovírus que é a principal causa mundial de AIDS.

HIV-2 – Retrovírus estreitamente relacionado com o HIV-1 que também causa AIDS no homem e que se acha principalmente na África Ocidental.

Viremia - Presença de um vírus no sangue, o que envolve replicação viral ativa.

Vírus - Agente infeccioso (micróbio) responsável de numerosas doenças em todos os seres vivos. São partículas extremadamente pequenas, e, diferente das bactérias, só podem sobreviver e se multiplicar dentro de uma célula viva, e às custas dela.

Para informações adicionais visite a página da ITF sobre o HIV/ AIDS

www.itfglobal.org/HIV-AIDS/

São muito necessárias as informações provenientes de outras organizações que lutam contra o HIV/Aids. Saiba o que oferecem em seus países as organizações engajadas na campanha contra o HIV/Aids e entre em contato com elas.

Organização Internacional do Trabalho (OIT)

www.ilo.org/global/topics/hiv-aids/lang-es/index.htm

A página da OIT fornece informação útil sobre o HIV/Aids no local de trabalho, incluindo o Repertório de Recomendações Práticas da OIT sobre o HIV/Aids e o mundo do trabalho, e a Recomendação 200.

Pacote de manuais para os sindicatos sobre o HIV e a AIDS: Informação básica, guia prática sobre políticas, desenvolvimento de programas e exemplos de ações sindicais.

Produzido pelo escritório de Atividades para os Trabalhadores (ACTRAV) da OIT e o Programa sobre HIV/Aids e o Mundo do Trabalho (OIT/AIDS).

www.ilo.org/actrav/what/pubs/lang-en/index.htm (ver em Publicações 2011) e

www.ilo.org/SIDA/Publications/lang-en/index.htm (ver em Publicações 2011)

O pacote busca fornecer ferramentas práticas sobre o HIV/Aids para ajudar os sindicatos implementarem planos de ação para seus membros, promover políticas e programas no local de trabalho e contribuir para o desenvolvimento de políticas nacionais sobre HIV/Aids e o mundo do trabalho.

O pacote de manuais contém:

- Seis manuais explicativos e com exemplos relacionados ao HIV/Aids no mundo do trabalho;
 - Compilação de exercícios de aprendizagem, estudo de casos e informação;
 - Um CD-ROM com publicações importantes da OIT sobre o HIV/Aids no mundo do trabalho;
 - Um DVD do documentário, os locais de trabalho na África respondendo ao HIV/Aids.
- Os seis manuais contém:
 - Informação básica sobre o HIV/Aids;
 - Respeito aos direitos: a chave para as ações trabalhistas e o local de trabalho;
 - Os quatro pilares de um programa de HIV/Aids;
 - Design e implementação de um programa sindical;
 - Recursos de mobilização;
 - Desenvolvimento do projeto, preparação por escrito e realização.

Disponível no momento em inglês, proximamente em espanhol e francês.

Módulo de Educação: A AIDS E O LOCAL DE TRABALHO

training.itcilo.it/actrav_cdrom2/es/osh/aids/amain.htm

Confederação Sindical Internacional (CSI)

www.ituc-csi.org/hiv-aids.html

A Confederação Sindical Internacional (CSI) é a principal organização sindical internacional que representa os interesses dos trabalhadores e trabalhadoras do mundo e tem programas contra o HIV/Aids

Estatísticas de pessoas soropositivas no Mundo

www.unfpa.org/aids_clock/

Somente em inglês

Family Health International (Saúde Familiar Internacional)[fhi.org/ sp/ index.htm](http://fhi.org/sp/index.htm)

Organização sem fins lucrativos que tem um extenso programa de educação sobre HIV/Aids no contexto do local de trabalho. O FHI desenvolveu uma guía de ação para educadores.

GLOBAL UNIONS[www.global-unions.org/ hiv-aids.html](http://www.global-unions.org/hiv-aids.html)

A ITF é uma das 13 Federações de Sindicatos Globais (GUFs) que apoia os sindicatos internacionalmente. A GUFs tem um programa global para apoiar, informar e coordenar o trabalho dos sindicatos na sua resposta ao HIV/Aids.

Grupo do Banco Mundial[www.bancomundial.org/ sida](http://www.bancomundial.org/sida)

Programa de luta contra o HIV/Aids e sobre o acesso universal a tratamentos.

Médicos Sem Fronteiras (MSF)www.msf.org.br/

Informação atualizada sobre HIV/Aids

Organização Mundial da Saúde (OMS)[www.who.int/ hiv/ es/](http://www.who.int/hiv/es/)

A OMS é a autoridade que dirige e coordena a ação em saúde no sistema das Nações Unidas.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)[www.unesco.org/ new/ es/ hiv-and-aids/](http://www.unesco.org/new/es/hiv-and-aids/)

A UNESCO trabalha para criar condições propícias para um diálogo entre as civilizações, as culturas e os povos com base no respeito a valores comuns. Por meio deste diálogo o mundo poderá criar concepções de desenvolvimento sustentável baseado no "enforcement" dos direitos humanos o respeito mútuo e a redução da pobreza, objetivos estes que estão no centro mesmo da missão e as atividades da UNESCO.

PORTALSIDAwww.portalsida.org/

O PortalSIDA é uma plataforma na Internet que disponibiliza ferramentas para apoiar a cooperação global e a troca de conhecimentos entre redes e organizações sobre a resposta perante a epidemia de Aids.

UNICEF[www.unicef.org/ spanish/ aids/](http://www.unicef.org/spanish/aids/)

O Fundo das Nações Unidas para a Infância tem informação sobre transmissão de mãe para filho, tratamento pediátrico, prevenção e crianças afetadas pela Aids.

UNSIDA[www.unaids.org/ es/](http://www.unaids.org/es/)

Programa conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/Aids que trabalha com base no principio de que para reduzir o impacto e a epidemia do HIV/Aids a luta contra a Aids deve ser ampliada constantemente.



A Federação Internacional dos Trabalhadores em Transportes (ITF) é uma entidade internacional que congrega os sindicatos de trabalhadores do transporte, podendo a ela afiliar-se qualquer sindicato independente, que tenha membros na indústria dos transportes.

São membros da ITF mais de 690 sindicatos, que representam a 4,5 milhões de trabalhadores em transportes em 153 países.

A ITF é uma das federações sindicais internacionais que compõem uma coalisão junto à Confederação Sindical Internacional (CSI).

A ITF – com sede central em Londres - possui escritórios em Nairóbi, Ouagadougou, Tóquio, Nova Deli, Rio de Janeiro, Amam, Moscou e Bruxelas.

Os objetivos da ITF, conforme seus Estatutos, são:

- **Promover o respeito dos direitos humanos e sindicais em todo o mundo;**
- **Trabalhar a favor da paz, sobre a base da justiça social e o progresso econômico;**
- **Assistir os sindicatos afiliados na defesa dos interesses de seus membros;**
- **Fornecer serviços de pesquisa e informação para os afiliados;**
- **Fornecer assistência geral aos trabalhadores em transportes que passam por dificuldades.**

Apesar da grande variedade de atividades da ITF, essas atividades podem ser agrupadas sob três itens chaves:

- **Representação**
- **Informação**
- **Solidariedade prática**

A ITF representa os interesses dos sindicatos do transporte em organizações que tomam decisões relativas aos postos de trabalho, condições de emprego ou segurança na indústria dos transportes, tais como a Organização Internacional do Trabalho, (OIT), a Organização Marítima Internacional (OMI) e a Organização da Aviação Civil Internacional (OACI).

Uma função importante da ITF é informar e assessorar os afiliados sobre acontecimentos na indústria do transporte de outros países ou regiões do mundo. A ITF mantém também um departamento especializado em educação, dedicado ao desenvolvimento de fortes e democráticos sindicatos de transporte.

A ITF organiza a solidariedade internacional, quando os sindicatos do transporte de um país estão em conflito com os empregadores ou com o Governo e precisam da assistência direta de sindicatos de outros países.

ITF House | 49-60 Borough Road, Londres SE1 1DR | +44 20 7403 2733 | mail@itf.org.uk

ITF Américas | Rio Branco 26, 11 Andar, Rio de Janeiro 20090-001 | +55 21 2223 0411 | itf_americas@itf.org.uk

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTE | www.itfglobal.org

1. www.itfglobal.org/VIH-SIDA

A página na internet oferece o trabalho da ITF sobre a Aids. O material pode ser encomendado no site e assinar o Boletim eletrônico **Proyecto Global** para receber na sua Caixa de e-mails as últimas notícias e desenvolvimento da campanha do HIV/Aids.

2. Relatório da enquete sobre o HIV/ Aids

A ITF realizou uma enquete no período 2006-2007 entre seus afiliados. Este relatório se baseia em 97 respostas recebidas dos afiliados dos quais 40 são da região Ásia-Pacífico, 31 de África, 11 de Europa, 13 de América Latina e Caribe e 2 do mundo árabe.

3. Revista Agenda

Publicação anual da ITF sobre o HIV/AIDS, oferece uma perspectiva desde o ponto de vista do sindicato sobre o tema, com artigos e entrevistas. Foi publicada em quatro idiomas – inglês, espanhol, francês e russo – será traduzido também para o árabe.

4. Manual HIV/ Aids - Os Sindicatos do Transporte lutam contra o HIV/ Aids

Uma ferramenta da ITF para os diretores dos sindicatos do transporte especialmente para dirigentes, educadores e negociadores para ser utilizada em mesas de trabalho.

5. Pesquisa sobre o HIV/ Aids e o transporte.

Relatório baseado nas experiências dos trabalhadores de estradas e de ferrovias de Uganda e seus sindicatos. Disponível somente em inglês.

6. Pacote sobre a vulnerabilidade dos trabalhadores em transportes perante o HIV/ Aids

- Inclui o vídeo da Campanha do Congresso da ITF em Durban;
 - Um vídeo documentário Educacional sobre a Campanha HIV/Aids (20 minutos);
 - Pacote de áudio para a rádio Africana e internacional;
 - O vídeo Dia Mundial da AIDS, notícias a serem disseminadas pelo rádio no âmbito internacional;
 - Fotografias a serem impressas e o meio doméstico;
- Disponível somente em inglês.

7. Cartas de Jogo de cartas com mensagens sobre o HIV/ Aids

Uma ferramenta para alertar e lembrar os trabalhadores e trabalhadoras nos locais de trabalho, as comunidades e os lares para que se protejam e protejam suas famílias contra o HIV/Aids. As cartas foram desenhadas pelo ativista do sindicato do setor ferroviário da Índia D.P. Mishra (Produzidas pelo escritório da ITF em Delhi e adaptadas em português e espanhol pelo escritório da ITF no Rio de Janeiro).

8. HIV/ Aids. Equipe de treinamento para o setor viário

Produzido pela OIT e uma organização de empregadores (União Internacional do Transporte Viário). Inclui o manual do instrutor, materiais para o curso e um DVD promocional.

9. Material para a gente do mar sobre o HIV/ Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis

A SHIP foi fundada pelo Fundo de Gente do Mar da ITF, que desenvolveu uma série de materiais sobre o HIV/Aids e outras doenças. Inclui um vídeo sobre o HIV/Aids e as doenças sexualmente transmissíveis para a sua prevenção a bordo dos navios, um folheto sobre as doenças, posters e etiquetas. Para maiores informações visite: www.seafarershealth.org/VIH.html
Disponível somente em inglês.

10. Documentário para lutar contra o HIV/ Aids, o estigma e a discriminação: Histórias dos Trabalhadores em Transportes sobre a vulnerabilidade e o estigma, relacionados com o HIV/ Aids.

Disponível somente em inglês.

11. HIV/ AIDS: Estudo da ITF no setor da aviação civil

Em 2010, a ITF iniciou um estudo para saber se os trabalhadores da aviação civil estão sujeitos aos mesmos riscos e pressões que outros trabalhadores e trabalhadoras em transportes com relação ao HIV/AIDS. O estudo não somente compilou os pontos de vista dos sindicatos afiliados, mas também pesquisou o conhecimento, atitudes e comportamento de uma seção sindical.

12. HIV/ AIDS: Estudo da ITF no setor portuário

Em 2011, a ITF realizou duas enquetes sobre os pontos de vista dos sindicatos filiados do setor portuário em todo o mundo e sobre os conhecimentos, atitudes e crenças sobre o HIV/AIDS.
Disponível somente em inglês.

Para solicitar qualquer material, por favor enviar uma mensagem para orders@itfglobal.org



FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES EM TRANSPORTES
www.itfglobal.org